

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
INSTITUTO DE BIONCIÊNCIAS, LETRAS E CIÊNCIAS EXATAS
CÂMPUS DE SÃO JOSÉ DO RIO PRETO

ANITA DE LIMA SIMÕES RODRIGUES

**MARCADORES DISCURSIVOS NO PROCESSO DE
RETEXTUALIZAÇÃO DE ENTREVISTAS**

São José do Rio Preto
2009

ANITA DE LIMA SIMÕES RODRIGUES

**MARCADORES DISCURSIVOS NO PROCESSO DE
RETEXTUALIZAÇÃO DE ENTREVISTAS**

Dissertação apresentada ao Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista, Campus de São José do Rio Preto, para a obtenção do título de Mestre em Estudos Lingüísticos (Área de concentração: Análise Lingüística).

Orientador: Prof. Dr. Sebastião Carlos Leite Gonçalves.

Co-orientadora: Profa. Dra. Clélia C. A. Spinardi Jubran

São José do Rio Preto
2009

Rodrigues, Anita de Lima Simões.

Marcadores discursivos no processo de retextualização de entrevistas / Anita de Lima Simões Rodrigues. - São José do Rio Preto [s.n.], 2009.

120f. ; 30 cm.

Orientador: Sebastião Carlos Leite Gonçalves

Co-orientador: Clélia Cândida Abreu Spinardi Jubran

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas

1. Análise lingüística (Lingüística) 2. Marcadores discursivos. 3. Entrevistas - Retextualização. I. Gonçalves, Sebastião Carlos Leite. II. Jubran, Clélia Cândida Abreu Spinardi. III. Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas. IV. Título.

CDU - 81'42

Comissão Examinadora

Membros Titulares

Prof. Dr. Sebastião Carlos Leite Gonçalves – Orientador
(UNESP – São José do Rio Preto)

Profa. Dra. Clélia Cândida Abreu Spinardi Jubran – Co-orientadora
(UNESP – São José do Rio Preto)

Profa. Dra. Maria Beatriz Nascimento Decat
(UFMG – Belo Horizonte)

Profa. Dra. Sanderléia Roberta Longhin-Thomazi
(UNESP – São José do Rio Preto)

Membros Suplentes

Profa. Dra. Sandra Denise Gasparini Bastos – Membro Suplente
(UNESP – São José do Rio Preto)

Profa. Dra. Vânia Cristina Casseb-Galvão
(UFG – Goiânia)

Agradecimentos

Ao Sebastião Carlos, por ter acreditado em meu potencial desde o início, mesmo sem saber o que o esperava, e por estar sempre disposto a ajudar, incondicionalmente, em qualquer situação.

À Clélia, pela confiança em mim depositada, pelas sinceras e preciosas palavras e pelas leituras minuciosas, sem as quais este trabalho não ganharia vida.

À Sandra, por ter me mostrado o caminho da pesquisa lingüística, me apoiando nas diversas decisões tomadas e incentivando, ao seu modo, a não desistir nunca.

À Sanderléia, pela valiosa contribuição a este trabalho, com suas palavras firmes e gentis.

À Profa. Beatriz Decat, pela leitura atenciosa no início deste trabalho.

A todos os professores do Programa de Pós-graduação, que de alguma forma contribuíram para o resultado desta pesquisa.

Aos amigos, que participaram de todas as etapas de construção deste trabalho, aconselhando, incentivando ou simplesmente me fazendo rir diante dos problemas.

À minha família, pelo apoio, por todo amor e carinho que recebi e pela sólida base que me deram, permitindo que chegasse até aqui e mostrando que sou capaz de ir além.

Ao Caio, meu marido, que me incentivou a sempre querer mais, a fazer o melhor, a não desistir diante das dificuldades; esteve sempre ao meu lado, nas horas difíceis, para não me deixar cair, e nas horas alegres, para compartilhar as conquistas.

À CAPES, pelo auxílio financeiro, que permitiu a realização desta pesquisa.

Sumário

	pág.
Lista de figuras, quadros e tabelas	6
Resumo	8
Abstract	9
Introdução	10
CAPÍTULO I – PRESSUPOSTOS TEÓRICOS	14
1. A perspectiva textual-interativa	14
1.1. O Tópico Discursivo como unidade de análise	16
2. O processo de retextualização	18
3. Sobre os gêneros textuais	23
3.1. O gênero entrevista jornalística	25
4. Os Marcadores Discursivos	27
CAPÍTULO II – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	35
1. Descrição do corpus	35
2. Definindo o objeto de investigação	41
3. Definindo critérios de análise	43
CAPÍTULO III – DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS	48
1. Marcadores Discursivos predominantemente textuais	50
1.1. MDs mantidos no processo de retextualização	51
1.1.1. MDs com função de <i>introdução de tópico</i>	52
1.1.2. MDs com função de <i>seqüenciamento tópico</i>	55
1.1.3. MDs com função de <i>retomada tópica</i>	62
1.1.4. MDs com função de <i>fechamento tópico</i>	69
1.2. MDs suprimidos no processo de retextualização	73
1.2.1. MDs com função de <i>introdução de tópico</i>	75
1.2.2. MDs com função de <i>seqüenciamento tópico</i>	77
1.2.3. MDs com função de <i>retomada tópica</i>	87
1.2.4. MDs com função de <i>fechamento tópico</i>	96
2. Marcadores Discursivos predominantemente interacionais	99
2.1. MDs mantidos no processo de retextualização	100
2.1.1. MDs com função de <i>checking</i>	101
2.1.2. MDs com função <i>injuntiva</i>	102
2.1.3. MDs com função <i>iniciadora</i>	103
2.2. MDs suprimidos no processo de retextualização	105
2.2.1. MDs com função de <i>checking</i>	107
2.2.2. MDs com função <i>injuntiva</i>	108
2.2.3. MDs com função <i>iniciadora</i>	109
CONSIDERAÇÕES FINAIS	112
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	118

Lista de figuras, quadros e tabelas

FIGURAS

Figura 01:	Modelo das operações textual-discursivas na passagem do texto oral para o texto escrito	20
Figura 02:	Representação do contínuo dos gêneros textuais na fala e na escrita	24

QUADROS

Quadro 01:	Reformulação das funções textual-interativas dos MDs	31
Quadro 02:	Entrevistas que compõem o corpus	36
Quadro 03:	Critérios utilizados na análise de MD no processo de retextualização	43
Quadro 04:	Escala hierárquica de função de MDs predominantemente textuais mantidos no texto retextualizado	73
Quadro 05:	Escala hierárquica de função de MDs predominantemente textuais suprimidos no texto retextualizado	99
Quadro 06:	Escala hierárquica de função de MDs predominantemente interacionais mantidos no texto retextualizado	105
Quadro 07:	Situações de interlocução no texto oral e no texto retextualizado	106
Quadro 08:	Escala hierárquica de função de MDs predominantemente interacionais suprimidos no texto retextualizado	111
Quadro 09:	Síntese das funções exercidas pelos MDs predominantemente textuais mantidos no texto retextualizado	114
Quadro 10:	Síntese das funções exercidas pelos MDs predominantemente textuais suprimidos no texto retextualizado	115
Quadro 11:	Escala hierárquica de função de MDs predominantemente textuais mantidos e suprimidos no texto retextualizado	115
Quadro 12:	Síntese das funções exercidas pelos MDs predominantemente interacionais mantidos no texto retextualizado	116
Quadro 13:	Síntese das funções exercidas pelos MDs predominantemente interacionais suprimidos no texto retextualizado	116
Quadro 14:	Escala hierárquica de funções dos MDs predominantemente interacionais mantidos e suprimidos no texto retextualizado	117

TABELAS

Tabela 01:	MDs selecionados para análise	42
Tabela 02:	Comportamento geral dos MD selecionados	49
Tabela 03:	Total de MDs predominantemente textuais mantidos no texto retextualizado	51
Tabela 04:	MDs de introdução de tópico mantidos no texto retextualizado	52
Tabela 05:	MDs de seqüenciamento tópico mantidos no texto retextualizado	55
Tabela 06:	Número de ocorrência dos MDs <i>e</i> e <i>aí</i> na função de seqüenciamento tópico mantidos no texto retextualizado	57
Tabela 07:	MDs de retomada tópica mantidos no texto retextualizado	63
Tabela 08:	MDs de fechamento tópico mantidos no texto retextualizado	69
Tabela 09:	Função exercida pelos MDs predominantemente textuais mantidos no texto retextualizado	71

Tabela 10:	Total de MDs predominantemente textuais suprimidos no texto retextualizado	74
Tabela 11:	MDs de introdução de tópico suprimidos no texto retextualizado ..	75
Tabela 12:	MDs de seqüenciamento tópico suprimidos no texto retextualizado	77
Tabela 13:	MDs de retomada tópica suprimidos no texto retextualizado	88
Tabela 14:	MDs de fechamento tópico suprimidos no texto retextualizado	96
Tabela 15:	Função exercida pelos MDs predominantemente textuais suprimidos no texto retextualizado	99
Tabela 16:	Total de MDs predominantemente interacionais mantidos no texto retextualizado	100
Tabela 17:	MDs com função de <i>checking</i> mantidos no texto retextualizado	101
Tabela 18:	MD com função injuntiva mantido no texto retextualizado	102
Tabela 19:	MD com função iniciadora mantido no texto retextualizado	103
Tabela 20:	Função exercida pelos MDs predominantemente interacionais mantidos no texto retextualizado	104
Tabela 21:	Total de MDs predominantemente interacionais suprimidos no texto retextualizado	105
Tabela 22:	MDs com função de <i>checking</i> suprimidos no texto retextualizado	107
Tabela 23:	MD com função injuntiva suprimido no texto retextualizado	108
Tabela 24:	MD com função iniciadora suprimido no texto retextualizado	109
Tabela 25:	Função exercida pelos MDs predominantemente interacionais suprimidos no texto retextualizado	110

RODRIGUES, Anita de Lima Simões. *Marcadores discursivos no processo de retextualização de entrevistas*. 2009. 120f. Dissertação (Mestrado em Estudos Lingüísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto.

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo descrever o comportamento de Marcadores Discursivos (MDs) no processo de retextualização de entrevistas jornalísticas, atentando para a forma como esses elementos atuam na organização do texto retextualizado. O conceito de retextualização adotado neste trabalho advém de Marcuschi (2001), que defende haver um processo consciente na passagem de um texto de uma modalidade a outra do uso da língua, no caso do presente trabalho, da modalidade oral para a escrita. Assim, quando uma entrevista oral é transformada em uma entrevista escrita, entram em ação diversas operações baseadas em regularização lingüística, reformulação, adaptação e compreensão. Para a realização deste trabalho, adotamos a abordagem teórica da perspectiva textual-interativa (JUBRAN, 2006a), que considera que os elementos pragmáticos presentes na ação verbal não são externos à produção textual, mas fazem parte da formulação interacional do texto e podem ocorrer na materialidade textual. Além disso, tal perspectiva centra-se no estudo de fenômenos lingüísticos que se manifestam nas diversas situações reais de comunicação e tem como unidade de análise o Tópico Discursivo, caracterizado pela integração de enunciados sobre um mesmo referente e localizável em um determinado ponto do texto. Tal unidade abstrata guia nossa análise, na identificação de MDs que atuam na *introdução de tópico*, no *seqüenciamento de tópico*, na *retomada tópica* e no *fechamento tópico*. Para o estudo dos MDs, tomamos por base os trabalhos de Risso *et al.* (2006) e de Guerra (2007). Dos primeiros autores, adotamos a noção da gradiência entre as funções textuais interacionais e textuais dos MDs, em razão de um mesmo elemento poder projetar característica mais interacional, mais textual ou manter o equilíbrio entre essas funções, de acordo com o contexto de uso. De Guerra (2007), tomamos as subclassificações de funções dos MDs predominantemente textuais – *introdução*, *seqüenciamento* e *fechamento tópico* – e dos MDs predominantemente interacionais – *checking*, *feedback*, *injunção*, *iniciadora* e *interpelativa*. O corpus da pesquisa compõe-se de 10 entrevistas publicadas na revista *Caros Amigos* entre os anos de 2005 e 2007 e as respectivas transcrições do áudio das gravações originais. Após fazer um levantamento completo dos MDs presentes nas entrevistas, elegemos como objeto de investigação apenas os MDs mais freqüentes no texto retextualizado, quais sejam: *né?*, *não é?*, *mas*, *e*, *então*, *agora*, *quer dizer*, *aí*, *e aí*, *bom* e *olha*. No confronto das transcrições das entrevistas originais e de sua contraparte retextualizada nas publicações, tratamos dos casos de MDs mantidos e de MDs suprimidos no processo de retextualização. Da análise do processo de retextualização, os resultados apontaram para uma forte tendência de manutenção dos MDs predominantemente textuais, atuantes principalmente como *seqüenciador tópico*, e da supressão de MDs predominantemente interacionais. Além disso, pudemos constatar que a motivação para a supressão ou manutenção de MDs no processo de retextualização das entrevistas está mais relacionada com as modificações no contexto de ocorrência dos elementos decorrentes do processo do que com o tipo de MD em si.

PALAVRAS-CHAVES: marcador discursivo; retextualização; entrevista.

RODRIGUES, Anita de Lima Simões. *Discourse markers in retextualization process of interview*. 2009. 120f. Thesis (Master degree in Linguistics studies) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, São Paulo, Brazil.

ABSTRACT

The aim of this work is to describe the behavior of the Discourse Markers (DMs) in retextualization process of journalistic interviews, observing the way that these elements act in the organization of the retextualized text. The concept of retextualization adopted in this work is based on Marcuschi (2001), who believes that there is a conscious process in the passage of a text from one language modality to another, in this work, from the oral modality to the written. Therefore, when an oral interview is converted into a written one, many operations – based on linguistic regularization, reformulation, informational adaptation and comprehension – actuate. To the realization of this work, the textual-interactive perspective, as defined by Jubran (2006a), is assumed as the most appropriated theoretical approach. One of the main points of this perspective is that it considers that the pragmatic elements in the verbal action are not external to the textual production, but, instead, they are part of the interactional formulation of the text and can be observed in the textual materiality. Furthermore, this perspective concerns the study of the linguistic phenomena in the diverse real communication situations. The unit of analysis – the discourse topic – is characterized by the integration of utterances, about the same referent, and localized in a determined place in the text. This abstract unity guides our analysis, once we observe the actuation of the DMs in the *topic introduction*, in the *topic sequencing*, in the *topic recapture* and in the *topic closing*. We base our study of the DMs on the works of Risso *et al.* (2006) and Guerra (2007). From Risso *et al.* (2006), we adopt the notion of gradience between the interactional and textual functions of the DMs, because an element can project a more interactional or a more textual characteristic, or maintain the balance between the functions, in accordance with the context of use. From Guerra (2007), we use the notions of predominantly textual subfunctions – *topic introduction*, *sequencing* and *closing* – or predominantly interactional subfunctions – *checking*, *feedback*, *jussive*, *starting*, *interpellative*. This research utilizes a *corpus* is formed by ten interviews published by *Caros Amigos* magazine between the years of 2005 and 2007 and the respective transcriptions of the originals recording. After a complete survey of the DMs that appeared in the interviews, we selected as our object of investigation the more frequent ones in the retextualized text. Then, the DMs *né?*, *não é?*, *mas*, *e*, *então*, *agora*, *quer dizer*, *aí*, *e aí*, *bom* and *olha* were analyzed. In confrontation of the originals interviews transcriptions and the retextualized part in the magazine, we concern of the maintained DMs and the suppressed DMs in the retextualization process. Considering the process of retextualization, the results of the analysis pointed to a strong tendency to maintenance of the textual predominantly DMs, which work especially as *topic sequenciators*, and to suppression of interactional predominantly DMs. Furthermore, we verified that the motivation to the suppression or maintenance of the DMs in the process of retextualization of the interviews is more related to the modifications in the context of occurrence of the elements which are derived from the process than with the type of DM itself.

KEYWORDS: discourse marker; retextualization; interview

Introdução

Diversos estudos desenvolvidos nas últimas décadas têm buscado descrever o Português Brasileiro (PB), tanto na sua modalidade oral como escrita. O estudo dos Marcadores Discursivos (MDs, daqui em diante) tem sido foco de diversas análises em vários campos da Linguística. No entanto, ainda não há muito consenso sobre o enquadramento de unidades linguísticas na categoria dos MDs, uma vez que se trata de uma classe sempre em expansão e que comporta unidades de bases variadas. Estudos recentes no PB têm apontado uma forte controvérsia existente em torno desses elementos, e esforços têm sido envidados para tornar claro o seu funcionamento na estruturação do discurso (RISSO *et al.*, 2006, MARTELOTTA *et al.*, 2004, GUERRA, 2007; PENHAVEL, 2005), bem como para o entendimento de sua origem (LOPES-DAMASIO, 2008).

Na literatura sobre MDs, encontramos várias definições do que são e como atuam esses elementos. Neste trabalho, seguimos a proposta de Risso *et al.* (1996, 2006), que consideram MDs elementos que atuam nas relações textuais e interacionais do texto, sinalizando pragmaticamente o monitoramento local da produção textual. Em geral, são expressões de até três sílabas tônicas, têm alta frequência de ocorrência, são exteriores ao conteúdo proposicional, mantêm parcialmente o aspecto semântico da classe que o origina, possuem formas relativamente fixas, são sintaticamente independentes, possuem demarcação prosódica e não são comunicativamente autônomos.

Ao longo do trabalho abordamos as questões relativas ao comportamento dos MDs em entrevistas jornalísticas que passam por processo de retextualização. Com este estudo pretendemos contribuir para o aprofundamento das questões relativas às fronteiras entre os textos falado e escrito, bem como das questões relativas à organização do texto retextualizado.

A retextualização, tal como definida por Marcuschi (2001), é o processo pelo qual um texto é transformado em outro por meio de operações conscientes e complexas. Tendo em

vista produções textuais nas modalidades falada e escrita da língua, um texto pode passar da fala para a fala, da fala para a escrita, da escrita para a escrita e da escrita para a fala. Neste trabalho, tratamos especificamente da passagem do texto falado para o texto escrito em entrevistas jornalísticas que foram retextualizadas a partir de entrevistas face a face, gravadas e transcritas.

Consideramos a perspectiva textual-interativa, tal como definida por Jubran (2006a), a mais apropriada para guiar este trabalho, porque um dos pontos principais dessa perspectiva é a visão de que fatores pragmáticos são constituintes do texto. Desse modo, nosso trabalho contribui para o entendimento das funções textual-interativas que os MDs exercem na retextualização de entrevistas jornalísticas, à medida que procura descrever de que modo os MDs atuam na organização e construção dos sentidos no processo de retextualização. A unidade de análise da perspectiva textual-interativa é o *Tópico Discursivo*, que guia nosso trabalho na identificação de MDs predominantemente textuais, atuantes na *introdução de tópico*, no *seqüenciamento de tópico*, na *retomada tópica* e no *fechamento tópico*, e MDs predominantemente interacionais, nas funções *checking*, *injuntiva* e *iniciadora*.

Mediante essa abordagem dos MDs, o presente trabalho tem por objetivo confrontar o funcionamento dos MDs nos fragmentos falados e nos fragmentos retextualizados correspondentes, procurando verificar se as funções que eles exercem nos contextos de fala são mantidas ou se são alteradas na sua versão para o contexto da escrita, mediante estratégias de retextualização que impulsionam a manutenção e a supressão de MDs no processo de retextualização. Observamos também os contextos de ocorrência dos MDs no texto falado e no retextualizado, a fim de verificar se houve mudanças nas proposições em que eles ocorrem e o que essas mudanças acarretam em termos de construção dos sentidos do texto. Além disso, verificamos a possível existência de um MD mais atuante no processo de retextualização, atentando para sua função mais significativa. Com isso podemos verificar também no texto

retextualizado a função predominante dos MDs mantidos no processo de retextualização para o conjunto de MDs considerados. Esta pesquisa justifica-se, dentre os trabalhos sobre retextualização, por se propor a estudar um fenômeno até então não observado em contexto de escrita, uma vez que os MDs são bastante explorados em textos orais.

Para o alcance de tais objetivos, trabalhamos com um corpus constituído de dez entrevistas impressas, publicadas na revista *Caros Amigos* entre os anos de 2005 e 2007, e de suas respectivas versões faladas, gravadas em arquivos digitais obtidos junto aos editores da revista. Após a obtenção do corpus, transcrevemos as gravações a fim de obter o material para o cotejo entre as entrevistas faladas e as retextualizadas. Nossa hipótese era de que alguns MDs poderiam ser mantidos no texto final ou ser suprimidos. Dentre os que seriam suprimidos estariam aqueles mais associados à conversação face a face, os predominantemente interacionais.

Este trabalho estrutura-se em três capítulos. No primeiro capítulo, apresentamos a base teórica que guia este trabalho, a perspectiva textual-interativa, bem como nossas considerações a respeito do processo de retextualização, do conceito de gênero textual e do gênero entrevista.

No segundo capítulo do trabalho, tratamos dos aspectos metodológicos, tais como a composição do corpus de análise, a definição do objeto de investigação, a definição do objeto de análise e a definição dos critérios de análise.

No terceiro capítulo, descrevemos e analisamos as ocorrências dos MDs presentes no processo de retextualização, focando apenas os casos de MDs presentes no texto oral e que foram mantidos ou suprimidos na entrevista retextualizada. A análise é realizada de acordo com a base teórica adotada, a perspectiva textual-interativa, e os parâmetros de análise definidos. Assim, analisamos os MDs predominantemente textuais mantidos e suprimidos que exercem função de *introdução de tópico*, *seqüenciamento tópico*, *retomada tópica* e

fechamento tópico; bem como os MDs predominantemente interacionais com função *injuntiva*, *iniciadora* e de *checking*.

As considerações finais sobre a pesquisa fornecem um panorama geral dos resultados obtidos. Algumas reflexões apontam para questões mais teóricas e outras para questões mais específicas do fenômeno estudado.

Ao final, encontram-se as Referências Bibliográficas utilizadas.

CAPÍTULO 1

Pressupostos teóricos

O foco principal da investigação desta pesquisa é o comportamento de alguns MDs em processo de retextualização por que passam entrevistas jornalísticas gravadas e, posteriormente, veiculadas na mídia impressa. Importantes estudos têm sido realizados nos últimos anos com relação ao processo de retextualização, bem como sobre os MDs e os gêneros textuais, o que motiva e embasa a realização de novos estudos nessa esfera de análise. No entanto, na literatura sobre retextualização, não encontramos nenhum trabalho que tratasse especificamente da atuação dos MDs na construção do texto retextualizado. Muitos trabalhos têm sido desenvolvidos com o propósito de promover um maior entendimento da atuação dos MDs no texto falado do PB (RISSO *et al.*, 1996, 2006; RISSO, 1999, 2006; URBANO, 1999, 2006; PENHABEL, 2005a, 2005b; GUERRA, 2007; LOPES-DAMASIO, 2008; entre outros). Desse modo, seguem, neste capítulo, considerações acerca de questões essenciais para as quais se voltam o presente estudo. Assim é que, na seção (1.), apresentamos as principais concepções da perspectiva textual-interativa, abordagem teórica a que se filia nossa investigação; na seção (2.), tratamos mais especificamente de questões teóricas sobre o processo de retextualização, que, de alguma forma, leva-nos a ter de considerar, na seção (3), pontos essenciais sobre os gêneros textuais e sua manifestação nas modalidades falada e escrita, tendo em vista o foco da nossa pesquisa; na seção (4.), oferecemos uma breve revisão bibliográfica sobre o tratamento dispensado aos Marcadores Discursivos, sobretudo no PB.

1. A Perspectiva Textual-Interativa

Nosso trabalho fundamenta-se em uma perspectiva teórica que tem como preocupação o estudo da língua em uso, nas diversas situações comunicativas. A perspectiva textual-interativa entende a linguagem como “forma de ação, uma atividade verbal exercida entre pelo menos dois interlocutores, dentro de uma localização contextual” (JUBRAN, 2006a, p. 28). Desse modo, a linguagem é vista como manifestação da competência comunicativa dos falantes, ou seja, falantes de uma língua interagem por meio de texto, entendido como processo que envolve, ao mesmo tempo, a formulação verbal e a interação, e que é tomado

como objeto de estudo dessa perspectiva. Por isso fala-se em estudo do texto falado, por exemplo, e não da língua falada.

Como define Jubran (2006a), para a perspectiva textual-interativa, os fatores pragmáticos presentes na ação verbal não são externos à produção textual, mas fazem parte da formulação interacional do texto, sendo observáveis na materialidade textual. Em outras palavras, na interação verbal, fatores pragmáticos atuam na constituição do texto, razão pela qual, sob essa perspectiva:

toma-se o texto como objeto de estudos, para dele depreender regularidades particularizadoras das formas de processamento das estratégias e mecanismos de estruturação textual e das correspondentes funções pragmático-textuais.

(JUBRAN, 2006a, p. 31-32)

De acordo com Jubran (2007), na materialização da atividade interacional é possível identificar regularidades lingüísticas, o que nada tem a ver com dicotomias como *língua x fala* ou *competência x desempenho*, mas com regularidades dos princípios que regem a atividade verbal.

Para o estudo de elementos, como os MDs, consideramos, da perspectiva textual-interativa, o *princípio da gradiência*, que prevê uma conjugação das funções textual-interativas nos processos de formulação textual e não a dicotomização delas. Desse modo, fala-se em predominância de focalização, ou da informação ou da interação, mas não em exclusão de uma ou outra. Assim, os fatos a serem descritos por essa perspectiva devem ser considerados como pertencentes a um contínuo que comporte, de um lado, elementos que em determinado contexto assumem função mais textual e, de outro, aqueles que assumem função mais interacional no contexto. Entre eles, há elementos intermediários que, de acordo com os usos concretos, projetariam a função mais interacional ou mais textual. Portanto, a perspectiva textual-interativa estabelece que as classes de análise não podem ser consideradas discretas,

mas fluidas, já que os limites entre as categorias são dependentes das configurações discursivas.

Neste nosso trabalho sobre MDs no texto retextualizado, norteados pelo princípio acima exposto, tomamos como essencial a consideração de que esses elementos se encontram dispostos em um contínuo no qual se alocam os mais típicos e os menos típicos da classe. Pontos focais desse contínuo são definíveis somente a partir das características funcionais dos MDs (ou de qualquer outro elemento considerado), apreendidas no *Tópico Discursivo*, unidade de análise da perspectiva textual-interativa, da qual passamos a tratar mais detalhadamente na próxima seção.

1.1. O Tópico discursivo como unidade de análise

Para a perspectiva textual-interativa, a noção de *tópico discursivo*, enquanto unidade abstrata de análise, é definida como

uma unidade discursiva, não restrita ao turno, cujas particularidades estariam assentadas na integração de enunciados em um conjunto relevante de referentes e cujos limites seriam dados pela proeminência desse conjunto em determinado ponto do texto.

(JUBRAN, 2006b, p. 34).

Desse modo, definem-se como propriedades mais particulares do tópico discursivo a *centração* e a *organicidade*.

A *centração* advém da concernência, da relevância e da pontualização. *Concernência* diz respeito ao modo como se relacionam os elementos coesivos e referenciais que são foco da interação verbal; *relevância* é o destaque de elementos considerados focais na interação; *pontualização* é a sinalização no texto da concernência e da relevância.

A *organicidade* é a propriedade que prevê as relações de interdependência entre tópicos, tanto no plano hierárquico como no plano linear. No plano hierárquico, essas relações

são responsáveis pela noção de quadros tópicos, que são formados pela centração de tópicos. Essa noção, tal como a de *tópico discursivo*, é também abstrata, pois sua concretização depende do nível hierárquico observado. Assim, as noções de *supertópico* (o tópico mais abrangente) e de *subtópico* (divisão interna do supertópico) não definem os níveis hierárquicos, já que um mesmo tópico pode ser, ao mesmo tempo, um subtópico, com relação a um supertópico, e supertópico, com relação aos subtópicos relacionados a ele. No plano linear, observam-se os fenômenos da *continuidade* e da *descontinuidade*. A *continuidade* se dá pela organização sequencial dos tópicos, sendo que a introdução de um novo tópico implica no esgotamento do anterior. Já a *descontinuidade* diz respeito a uma interrupção na sequencialidade tópica, caracterizada pela *ruptura tópica*, pela *cisão de tópico* ou pela *expansão tópica*. Importante a destacar ainda é que a organicidade, além de se manifestar nas relações intertópicas, pode ser observada nas relações intratópicas, principalmente manifestada por marcas de organização interna, como é o caso de alguns MDs.

Sob tais considerações, é a noção de Tópico Discursivo que direciona nossa análise dos MDs, uma vez que esses elementos, como veremos, se manifestam na construção da centração e da organicidade, permitindo estabelecer relações inter e intratópicas, contribuindo dessa maneira para a organização do texto, tanto oral como retextualizado, e para a construção dos sentidos da interação, uma vez que podem atuar no direcionamento argumentativo do texto.

Neste nosso trabalho, abordaremos as seguintes partes identificáveis de um Tópico Discursivo:

- *introdução de tópico*: interessa-nos observar quais tipos de MDs são utilizados para introduzir um tópico discursivo. Desse modo, ao descrever os elementos que introduzem Tópico, estamos tratando de *relações intertópicas*;

- *seqüenciamento tópico*: no desenvolvimento de um Tópico Discursivo, diversos elementos lingüístico-discursivos estabelecem relações semântico-pragmáticas que garantem a centração tópica. No nosso caso, MDs com funções mais textuais são elementos que comumente auxiliam na manutenção tópica; assim, quando consideramos ocorrências de seqüenciamento tópico, estamos tratando de *relações intratópicas*;
- *retomada tópica*: no desenvolvimento de um Tópico Discursivo, podem surgir tópicos paralelos ao tópico desenvolvido, pequenas inserções, construções parentéticas, o que pode levar o falante, em determinado momento da interação, a querer voltar a discorrer sobre o tópico anteriormente desenvolvido. Tendo em vista as *relações intratópicas*, queremos observar quais MDs possuem a função de promover retomada tópica.
- *fechamento tópico*: algumas marcas lingüístico-discursivas podem indicar que um Tópico Discursivo está esgotado. Verificaremos também quais MDs ocorrem com essa função conclusiva.

2. O processo de retextualização

Sobre retextualização, o primeiro ponto a ser esclarecido é que ela difere da transcrição. A retextualização não se caracteriza apenas pela simples passagem de um texto sonoro para um texto gráfico, mas há mudanças visíveis na linguagem, já que a retextualização envolve operações complexas. Não é a passagem de um texto desordenado da fala para uma ordem na escrita, mas a passagem de uma ordem para outra.

Para Marcuschi (2001a), a retextualização pode ocorrer de quatro formas: da fala para a escrita, da fala para a fala, da escrita para a fala e da escrita para a escrita, e, nessa transposição, algumas variáveis podem interferir na produção lingüística, tais como o propósito da retextualização, a relação entre o produtor do texto e o transformador, a relação

tipológica entre os gêneros textuais do texto original e do retextualizado e os processos de formulação de cada modalidade.

Relativamente a esses postulados de Marcuschi, nesta pesquisa, investigamos a retextualização da fala para a escrita, uma vez que nosso corpus se constitui de entrevistas jornalísticas realizadas oralmente e sua contraparte impressa, veiculada em uma revista. Sobre as possíveis variáveis intervenientes, por se tratar de pesquisa baseada em corpus formado por entrevistas veiculadas na mídia, consideramos também, como possível variável o perfil da revista. Na seção 2.1, em que tratamos da descrição do corpus, desenvolvemos melhor as questões sobre a caracterização da revista que compõe o corpus.

É importante salientar que a retextualização que envolve a passagem do oral para o escrito é um processo consciente, complexo e compreende operações baseadas em regularização lingüística, reformulação, adaptação e compreensão. O fluxo das ações de retextualização inicia-se na produção oral, com a representação sonora, passa pelo processo de compreensão, sofre adaptações e perdas, até chegar ao texto final retextualizado, representado pela escrita. A seguir, reproduzimos o modelo proposto por Marcuschi (2001a, p. 75) para as operações que ocorrem na passagem do texto oral para o escrito.

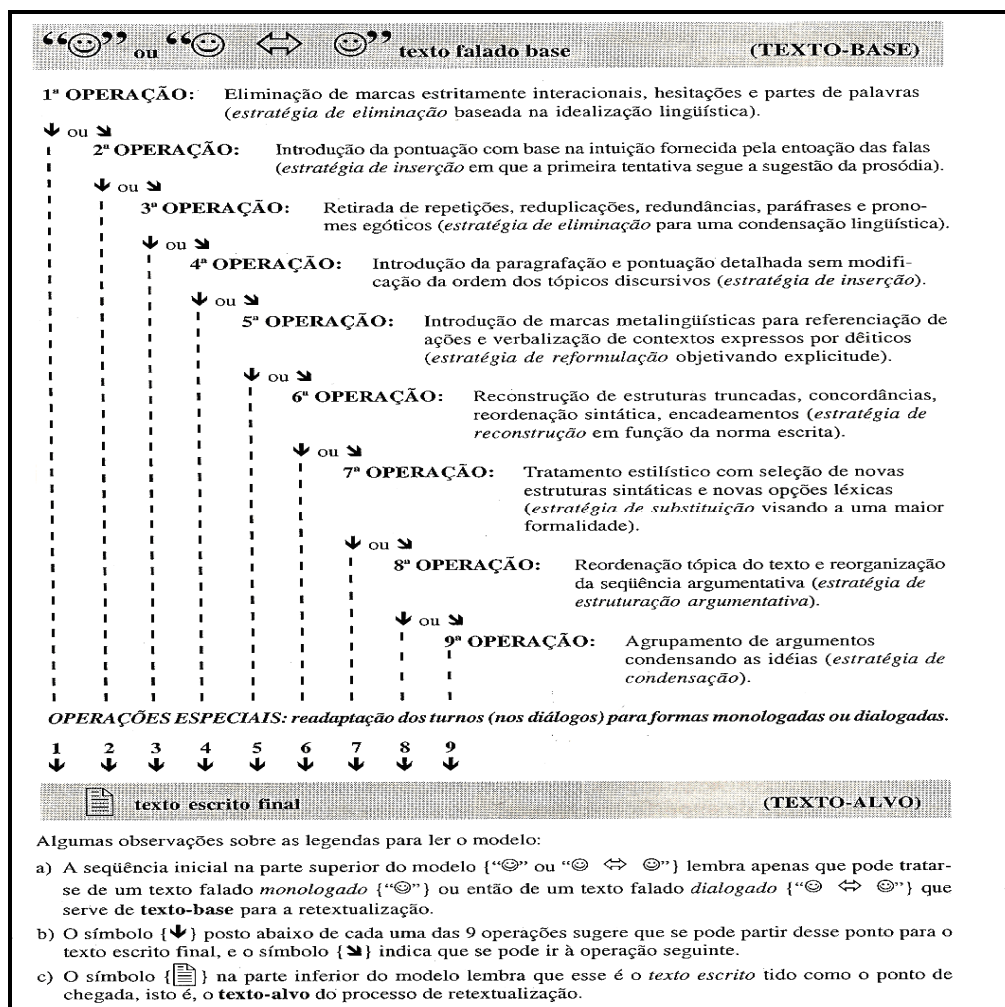


Fig. 1: Modelo das operações textual-discursivas na passagem do texto oral para o texto escrito. (MARCUSCHI, 2001a, p. 75)

O modelo proposto por Marcuschi, reproduzido na figura 1, é composto de nove operações: as quatro primeiras constituem operações de *regularização e idealização*, que se fundamentam em estratégias de eliminação de elementos mais típicos do texto oral e de inserção de elementos mais relacionados ao texto escrito; as cinco últimas são consideradas operações de *transformação*, que se baseiam em estratégias de substituição e reorganização pragmática e morfossintática (operações 5 e 6), de acréscimo informacional, de substituição lexical, de reordenação estilística e de redistribuição dos tópicos discursivos (operações 7 e 8), e, por fim, de redução textual e reordenação global (operação 9). A nona operação é mais

comum em textos que são retextualizados com mudança de gênero, como por exemplo, uma entrevista que foi retextualizada e transformada em um artigo.

As *operações especiais* previstas no modelo dizem respeito ao tratamento do turno conversacional nos casos de retextualização de gêneros que prevêem a participação de mais de um locutor, como a conversação e a entrevista. Nesse caso, Marcuschi (2001a) aponta para a utilização de três técnicas: a de manutenção de turnos, a de transformação de turnos em citação de fala e a de transformação dos turnos em citação de conteúdo.

Diversos trabalhos foram desenvolvidos buscando o maior entendimento das transformações ocorridas na passagem de um texto de uma modalidade a outra da língua. Jönsson e Linell (1991), por exemplo, estudaram interrogatórios policiais, a fim de comparar as duas versões de uma mesma história, a versão do interrogado e o relatório policial resultante. Com o estudo, puderam observar tanto diferenças de ordem lingüística quanto problemas relativos às questões de oralidade e letramento, gênero textual e situação comunicativa. Já Cortelazzo (1985) investiga o discurso parlamentar italiano, a fim de observar as modificações entre o discurso oral e o transcrito dos deputados.

Com base nos pressupostos da retextualização, muitos trabalhos foram desenvolvidos com o intuito de entender melhor o fenômeno. A dissertação de Gomes (1995), por exemplo, trata da retextualização de entrevistas realizadas com cientistas, as quais se transformam em artigos de divulgação científica de um jornal. A autora identifica as principais operações que ocorrem na transformação de entrevistas em matéria de jornal, que são: *eliminação*, *substituição*, *acréscimo* e *reordenação*, todas em função de adequar-se a um gênero textual jornalístico, que em geral preza pela *clareza*, *simplicidade* e *concisão* dos textos.

Alves (2005) trata das estratégias de retextualização em tomada de depoimentos. Na passagem do texto oral (a fala do depoente) para o documento escrito, ocorre a reordenação da estrutura conversacional a partir do uso de estratégias de retextualização. Assim, a autora

constata que a direção argumentativa do texto oral nem sempre é a mesma do texto escrito, uma vez que este é resultado das escolhas do magistrado.

O trabalho de Rosa (2000) trata do processo de retextualização coletiva por que passa o texto produzido oralmente em uma sessão plenária, até chegar ao texto escrito. Tal processo envolve dois tipos de retextualização, do oral para o escrito e do escrito para o escrito. A autora observa que as operações de eliminação, inserção e substituição de informações ocorrem no processo de retextualização de forma gradativa, desde o texto original falado até o texto final.

Decat (2002) estuda a articulação de orações adverbiais no processo de retextualização do texto oral para o escrito e do escrito para o escrito, com mudança ou não do gênero. A autora atenta para o uso das operações de substituição, acréscimo, reordenação e condensação de informação. O objetivo de tal estudo é destacar o papel da *compreensão* no processo de retextualização, uma vez que o texto final pode ter interpretações diferentes do texto original.

Também no âmbito da Lingüística Aplicada, importantes trabalhos têm sido desenvolvidos sobre a retextualização, principalmente da escrita para a escrita, como contribuição para o processo de ensino-aprendizagem e para as práticas de letramento (KLEIMAN & MATENCIO, 2005).

Os estudos anteriormente citados têm em comum o esforço por uma concepção de língua como um contínuo de práticas sociais e que procuram explicitar as estratégias utilizadas em atividades de retextualização que fazem parte do dia-a-dia das pessoas.

Após essas breves considerações sobre o processo de *retextualização*, também relevante para nossa investigação são considerações acerca dos *gêneros textuais*, de que passamos a tratar em seguida, para, depois, situar o gênero entrevista.

3. Sobre os gêneros textuais

Desde a consolidação dos estudos sobre língua falada e língua escrita no Brasil, por volta dos anos setenta, muitas concepções sobre as duas modalidades de uso da língua foram formuladas. Durante muito tempo, vigorou no meio lingüístico a idéia de que a fala não poderia ser estudada nem sistematizada, pois não possuía organização. Já a escrita era concebida como a maneira culta de se comunicar e o lugar do uso “correto” da língua. Desse modo, aceitou-se por muito tempo a idéia de um grande divisor entre fala e escrita. Com os avanços das pesquisas sobre linguagem, muitos estudos buscaram mostrar que a dicotomia entre língua falada e língua escrita não era a melhor forma de tratar essas duas modalidades de uso da língua.

De fato, fala e escrita são modalidades de uso de um mesmo sistema. Conforme aponta Marcuschi (2001a, p. 17), fala e escrita “são práticas e usos da língua com características próprias, mas não suficientes para caracterizar dois sistemas lingüísticos nem uma dicotomia”. Partindo desse princípio e de estudos realizados por diversos autores, Marcuschi (2001a, p. 41) propõe um contínuo de gêneros textuais, como vemos na figura a seguir.

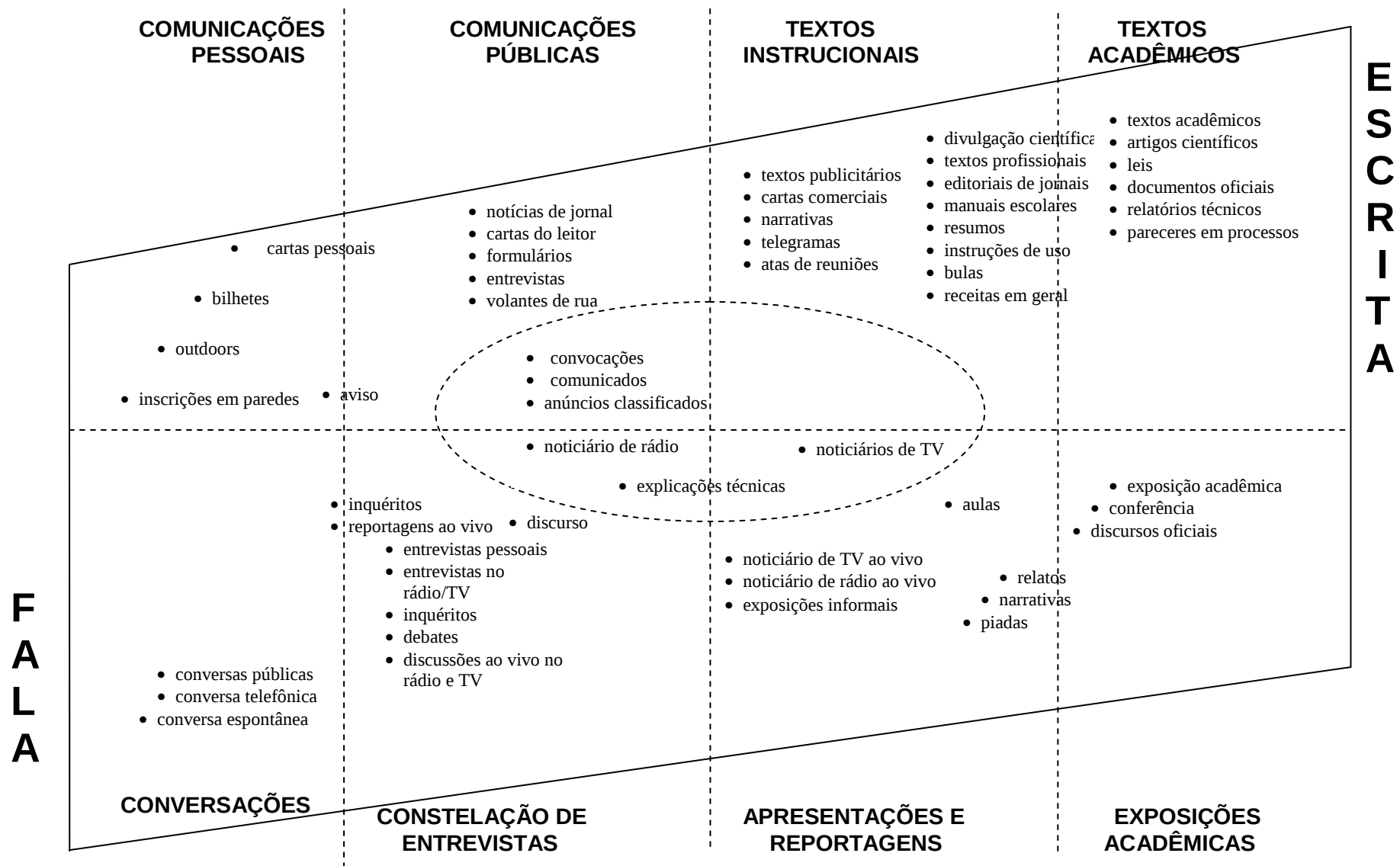


Fig. 2. Representação do contínuo dos gêneros textuais na fala e na escrita.

(MARCUSCHI, 2001a, p. 41)

A figura 2 nos permite dizer que fala e escrita variam, não sendo possível fazer afirmações sobre as modalidades de uso da língua sem levar em conta o gênero de texto analisado e seu contexto sociocomunicativo de produção. Desse modo, estamos de acordo com Marcuschi (2001b) quando afirma que “o uso da língua se dá num continuum de relações entre modalidades, gêneros textuais e contextos socioculturais”.

Adotamos, neste trabalho, os conceitos sobre gêneros textuais discutidos em Marcuschi (2001b, 2002), uma vez que eles representam comportamentos sociais padronizados e estabilizados e que:

surgem, situam-se e integram-se funcionalmente nas culturas em que se desenvolvem. Caracterizam-se muito mais por suas funções comunicativas, cognitivas e institucionais do que por suas peculiaridades lingüísticas e estruturais. São de difícil definição formal, devendo ser contemplados em seus usos e condicionamento sócio-pragmáticos caracterizados como práticas sócio-discursivas.

(MARCUSCHI 2001b, p. 20).

Um exemplo de que os gêneros textuais caracterizam-se pelo seu uso sóciodiscursivo é o surgimento de diversos gêneros a partir dos avanços da tecnologia, principalmente os relacionados à internet.¹

3.1. O gênero *entrevista jornalística*

As considerações sobre o gênero *entrevista* são essenciais para o desenvolvimento deste trabalho, uma vez que nossa perspectiva de análise considera que as condições enunciativas que dão sustentação à ação verbal apresentam-se no texto, “por meio das próprias escolhas comunicativamente adequadas à situação interativa, fundadas nos diferentes sistemas cognitivos ativados por ocasião do processamento textual” (JUBRAN, 2007, p. 315). Desse modo, o comportamento dos MDs no processo de retextualização de entrevistas

¹ As questões sobre os gêneros digitais são amplamente discutidas em Marcuschi e Xavier (2006).

mediáticas pode ser diferente se forem levadas em considerações outras situações comunicativas.

Dentre os diversos gêneros textuais existentes nos interessa, para este trabalho, o que comumente é definido por *entrevista jornalística*. Partindo da concepção de que um gênero textual compõe-se de enunciados relativamente estabilizados e sob uma visão ampla, uma entrevista é um evento comunicativo marcado por perguntas e respostas realizadas por, pelo menos, dois participantes que desempenham os papéis de entrevistador e de entrevistado.

Autores vários já se propuseram a uma caracterização do gênero entrevista. Podemos citar Barros (1991), que, em virtude de trabalhos realizados no interior do Projeto NURC, viu a necessidade de caracterizar a entrevista de pesquisa. Esse tipo de entrevista tem características particulares, como o fato de que o importante é o modo de falar do entrevistado e não o que ele diz. Já em Barros (2000), a autora traz algumas considerações sobre as entrevistas midiáticas, nas quais é possível identificar três instâncias dialógicas: (i) entre o entrevistador e o entrevistado, (ii) entre o entrevistado e o público e (iii) entre o entrevistador e o público. Além disso, as relações comunicativas estabelecidas na entrevista são hierárquicas, porque, na interação entre entrevistador e entrevistado, os papéis sociais de cada um dos interlocutores são claramente definidos perante a comunicação com o público.

A dupla comunicação da entrevista determina a linguagem usada na interação: o entrevistador deve fazer com que o entrevistado fale, e ambos devem convencer o público. Segundo Fávero (2000), a assimetria interacional na entrevista está relacionada, sobretudo, aos papéis sociais dos interlocutores.

Barros (2000) afirma ainda que a elaboração de uma entrevista jornalística se dá em três etapas: (i) preparação, (ii) entrevista propriamente dita e (iii) edição. A preparação consiste de um planejamento prévio, a entrevista propriamente dita é o momento em que o sujeito age, manipulado pelo público e pelas relações de poder que envolvem a entrevista, e a

edição consiste na fase final do processo, quando a entrevista adquire o formato a ser recebido pelo público. No caso das entrevistas jornalísticas impressas, o texto final, editado, é o texto impresso, veiculado na mídia.

Uma postura semelhante à de Barros (1991, 2000) é apresentada por Hoffnagel (2002), que advoga que, quando se trata de entrevistas veiculadas na mídia,

além do entrevistador e do entrevistado como participantes principais, há também a audiência (ouvintes, espectadores e leitores), que, embora participante passiva, no sentido de que não participa diretamente, está sempre presente para os entrevistadores e entrevistados. Neste sentido, tanto as perguntas como as respostas são formuladas com uma audiência específica em mente.

(HOFFNAGEL, 2002, p. 183)

As entrevistas jornalísticas variam de acordo com o objetivo do meio de comunicação na qual ela aparece. De acordo com Hoffnagel (2002), existem três tipos gerais de entrevistas que circulam em revistas: (i) as que entrevistam um especialista pouco conhecido que explica um determinado fenômeno; (ii) as que entrevistam autoridades para opinar sobre um evento; (iii) as que entrevistam pessoas públicas, geralmente com a finalidade de promovê-las ou de fazer com que o público as conheça melhor. Na descrição que fazemos das entrevistas que compõem nosso corpus, na primeira parte do capítulo 2, propomos uma breve classificação com base nessa subdivisão em tipos de entrevistas.

4. Os Marcadores Discursivos

No processo de retextualização, em virtude das diversas transformações que ocorrem na passagem de uma modalidade a outra da língua, muitos fenômenos podem ser tomados como foco de análise, como questões relacionadas à modalização e à referenciação, por exemplo. No entanto, escolhemos como foco de nossa análise os MDs, por serem elementos muito estudados em contextos de interação oral (RISSO, 1999; RISSO *et al.*, 2006; RISSO,

1996; PENHAVEL, 2005a, 2005b; MARTELOTTA, 2004; GUERRA, 2007), mas ainda muito pouco discutidos em contextos de escrita.

Para a análise dos MDs, optamos por adotar uma perspectiva que atentasse para o funcionamento desses elementos em situações reais de uso. Uma visão lingüística de base funcional é, então, uma instância ideal para uma análise qualitativa das relações entre MDs e os contextos de produção em que eles ocorrem, razão pela qual baseamo-nos na perspectiva textual-interativa, em acordo com Jubran (2006a) e com outros lingüistas que promovem estudos nessa linha (RISSO, 1999; RISSO *et al.*, 2006; RISSO, 1996; PENHAVEL, 2005a, 2005b; GUERRA, 2007), os quais entendem a linguagem como ação verbal realizada entre interlocutores em um determinado contexto, levando em conta os elementos da enunciação. Assim, os trabalhos com elementos do texto, orientados por uma visão pragmática, propõem-se a descrever os dados lingüísticos em situações concretas de uso da linguagem. Dessa maneira, justifica-se o trabalho com textos do gênero entrevista que pretendemos estudar, uma vez que a presença de MDs na materialidade do texto revela procedimentos de formulação discursiva desencadeadora da interação entre os falantes.

No texto falado, é consenso que os MDs atuam nas articulações textuais e interacionais, uma vez que são “sinalizadores pragmáticos do monitoramento local do texto falado e das relações interlocutivas responsáveis por sua co-produção dinâmica e emergencial” (RISSO *et al.*, 2006, p.425). No entanto, quando se trata de processos de retextualização, pouco ou quase nada se sabe em que medida os MDs atuam na organização do texto retextualizado, dada a inexistência, até onde sabemos, de trabalhos sobre tal temática. Não é difícil de hipotetizar, entretanto que, a depender do tipo de MD e de outros fatores intervenientes no processo de retextualização, um MD pode ser suprimido ou mantido. Assim, parece viável a investigação de uma possível regularidade no comportamento dos MDs no processo de retextualização, partindo de suas funções no texto falado.

Muitas são as propostas de se estudar esses elementos, sob diversos pontos de vista, como verificamos nos trabalhos de autores como Marcuschi (1997), Fraser (1990, 1999, 2006), Schiffrin (1987), Taboada (2006), Risso *et al.* (1996, 2006), Guerra (2007), entre outros. As convergências resultantes dos diversos trabalhos são importantes fontes de tentativas de agrupamento e classificação desses elementos, motivações que, por si, explicam a realização da grande quantidade de trabalhos existente sobre o assunto. No entanto, não podemos dizer que há consenso na definição do que, de fato, consiste a *classe* dos MDs e quais elementos poderiam vir a integrar essa classe, dada a sua fluidez.

Discutimos brevemente neste trabalho algumas concepções sobre os MDs que Fraser, um dos destacados autores no assunto, tece em seus trabalhos. De acordo com Fraser (1990, 1999), os MDs são expressões lexicais vindas das classes morfológicas das conjunções, advérbios e preposições. Eles são sinais de uma relação entre um segmento introduzido e um segmento anterior. Esses elementos possuem um significado básico que é *procedimental*, não conceitual, e sua interpretação mais específica é “negociada” no contexto.

Fraser (1999) define dois tipos de MDs: aqueles que relacionam aspectos explícitos da mensagem transmitida por S2 (sentença introduzida) a um aspecto da mensagem, direta ou indireta, associada com S1 (sentença precedente); e aqueles que relacionam o tópico de S2 ao de S1. Dessa forma, percebe-se que, para Fraser, os MDs relacionam semântica e pragmaticamente dois enunciados, tendo como função principal a função textual.

Em trabalho mais recente, Fraser (2006) identifica quatro tipos de *marcadores pragmáticos*, dentre os quais se incluem os chamados MDs, aos quais atribui propriedades fonológicas, morfológicas e sintáticas. Morfofonologicamente, os MDs são monossilábicos, geralmente seguidos de pausa, podendo ainda ser polissilábicos ou mesmo expressões completas; morfossintaticamente, são membros de uma das cinco categorias morfológicas: conjunções coordenativas, conjunções subordinativas, preposições, locuções preposicionais

ou advérbios. Para o autor, a categoria morfológica de cada MD determina seu contexto de ocorrência na sentença S2.

Fraser propõe, para o inglês, quatro relações semânticas básicas refletidas nos usos dos MDs, como subclassificação dentro de cada relação de base: *marcadores contrastivos* (como *but*); *marcadores elaborativos* (como *and*), *marcadores inferenciais* (como *so*) e *marcadores temporais* (como *then*). Para o estudo dos MDs no PB, os trabalhos do autor não fornecem respaldo suficiente para explicar todos os fenômenos encontrados, uma vez que não abarcam todas as classes das quais os MDs se derivam no PB e não abordam relações essenciais como as de ordem textual-interativas. Dessa forma, para observarmos o comportamento dos MDs no PB, é necessário valer-nos de trabalhos que considerem aspectos não contemplados por Fraser, como as relações que operam tanto no nível textual como no interacional.

No interior da abordagem textual-interativa, um importante estudo que impulsionou muitos outros sobre os MDs é o de Risso *et al.* (1996, 2006). Nesse trabalho pioneiro, é estabelecido um *núcleo-piloto* de traços que identificam um elemento como MD, além de matrizes e traços identificadores. Para a composição de tal núcleo-piloto, foram analisadas dez variáveis: (i) *padrão de recorrência* (baixa, média e alta frequência); (ii) *articulação de segmentos do discurso* (seqüenciador tópico, seqüenciador frasal ou não seqüenciador); (iii) *orientação da interação* (secundariamente orientador, basicamente orientador ou fragilmente orientador); (iv) *relação com o conteúdo proposicional* (exterior ao conteúdo, não-exterior ao conteúdo); (v) *transparência semântica* (totalmente transparente, parcialmente transparente ou opaco); (vi) *apresentação formal* (forma única ou forma variante); (vii) *relação sintática com a estrutura oracional* (sintaticamente independente ou sintaticamente dependente); (viii) *demarcação prosódica* (com pauta demarcativa ou sem pauta demarcativa); (ix) *autonomia comunicativa* (comunicativamente autônomo ou comunicativamente não-autônomo) e (x) *massa fônica* (até três sílabas tônicas ou além de três sílabas tônicas).

Após submeterem um grande grupo de MDs a todas essas variáveis, os autores verificaram que os traços mais fortes dos MDs são: (i) alta recorrência, (ii) exterioridade ao conteúdo proposicional, (iii) transparência semântica parcial, (iv) invariabilidade formal ou variabilidade restrita, (v) independência sintática, (vi) demarcação prosódica, (vii) não-autonomia comunicativa e (viii) massa fônica reduzida (RISSO *et al.*, 2006, p. 414).

Os MDs também podem ter esses traços combinados a fatores das funções textual-interativas de articulação do discurso e de orientação da interação, que são: (i) *articulação tópica + orientação interacional fraca*; (ii) *articulação tópica + orientação interacional média*; (iii) *não-articulação tópica + orientação interacional forte*. A exposição dessa combinatória de traços, reproduzida de Risso *et. al* (1996, 2006), parece-nos, no entanto, não contemplar totalmente o princípio da gradiência tal como proposto pela perspectiva textual-interativa, em razão de considerar a gradação presente apenas no segundo fator do par combinatório (*orientação interacional*), ficando o primeiro (*articulação tópica*) restrito a uma oposição binária de simples presença ou ausência. Levando-se em conta que um MD apresenta predominância forte de apenas um dos traços, parece-nos mais adequada a combinação de traços como: (i) *articulação tópica forte + orientação interacional fraca*; (ii) *articulação tópica média + orientação interacional média*; (iii) *articulação tópica fraca + orientação interacional forte*. Compare-se, no quadro abaixo, a proposta de Risso *et al.* (2006), ao que aqui propomos.

Risso <i>et al.</i> (2006)		Proposta de reformulação	
articulação tópica	orientação interacional	articulação tópica	orientação interacional
Sim	fraca	Forte	fraca
Sim	média	Média	média
Não	forte	Fraca	forte

Quadro 1: Reformulação das funções textual-interativas dos MD.

Um MD não precisa necessariamente apresentar todas as características anteriormente descritas para ser considerado como tal. Em virtude dessa flexibilidade de traços, Risso *et al.* (2006) delimitaram seis padrões de prototipicidade para os MDs. Nos dados apresentados pelos autores, nota-se recorrência dos traços: (i) *exterioridade dos MDs em relação ao conteúdo proposicional*, (ii) *independência sintática* e (iii) *falta de auto-suficiência comunicativa*, os quais, somados aos traços *articulação tópica* e *orientação interacional* anteriormente citados, constituem o plano piloto para uma definição do estatuto de MD. Consideram os autores que estaria presente nessa definição de MD a noção de *continuum*, que abrange os elementos mais típicos, considerados MDs prototípicos, elementos menos típicos, os MDs não-prototípicos e as unidades limítrofes, elementos que podem afetar a configuração do núcleo-piloto identificador dos MDs. Entretanto, a par da reformulação anteriormente proposta, entendemos que essa noção de continuum dos autores para o enquadramento dos MDs está apenas parcialmente considerada.

Risso *et al.* (1996, 2006) consideram que as funções textuais e interacionais dos MDs organizam localmente o texto falado e direcionam a interação entre os interlocutores. Esses autores identificam dois subconjuntos dos MDs, os *basicamente seqüenciadores* e os *basicamente interacionais*. As características desses subconjuntos não são excludentes, mas inter-relacionadas, uma vez que o parâmetro para tal subdivisão é o maior peso do fator interacional, para o primeiro subconjunto, e o maior peso da ação seqüenciadora, para o segundo subconjunto.

A partir dos trabalhos realizados no âmbito da perspectiva textual-interativa sobre os MDs, Guerra (2007) desenvolve um trabalho que refina as noções de MDs basicamente seqüenciadores e MDs basicamente interacionais, definindo subfunções textual-interativas dos MDs. Para a realização de tal pesquisa, a autora definiu as seguintes variáveis de análise:

- constituição formal
 - (i) base adverbial (*agora, então*)
 - (ii) base conjuncional (*e, mas*)
 - (iii) base verbal (*sabe?, viu?*)
 - (iv) base adjetival (*certo?, bom*)
 - (v) base preposicional (*por exemplo, em resumo*)
 - (vi) partícula (*né?*)
 - (vii) base interjeicional (*ah, oh*)
 - (viii) base nominal (*conclusão*)
 - (ix) base pronominal (*meu*)
 - (x) base oracional (*veja bem*)
 - (xi) agrupamento (*mas aí, aí né?*)
 - (xii) som não lexicalizado (*uhn, uhn uhn*)
- função geral
 - (i) predominantemente textual
 - (ii) predominantemente interacional
 - (iii) ambos
- subfunções predominantemente textuais
 - (i) introdução de tópico
 - (ii) seqüenciamento de tópico
 - (iii) fechamento de tópico
 - (iv) não se aplica (casos em que o marcador é predominantemente interacional)
- subfunções predominantemente interacionais
 - (i) *checking*
 - (ii) *feedback*
 - (iii) injuntiva
 - (iv) iniciadora
 - (v) interpelativa
 - (vi) não se aplica (casos em que o marcador é predominantemente textual)

Com o cruzamento dessas variáveis e com a análise exaustiva de dados de textos orais, a autora analisou as subfunções predominantemente textuais, as subfunções predominantemente interacionais e a correlação entre forma-função dos MDs e chegou a uma definição de MD que procura abranger essas questões:

Marcadores Discursivos são, prototipicamente, expressões com alta frequência, exteriores ao conteúdo proposicional dos segmentos adjacentes, com transparência semântica parcial, sintaticamente independentes, com pauta

demarcativa, comunicativamente não-autônomas, com até três sílabas tônicas e com função de seqüenciamento tópico e/ou de seqüenciamento da interação. (GUERRA, 2007, p. 94).

Entendemos que os trabalhos sobre MDs realizados sob a perspectiva textual-interativa são bastante esclarecedores e proporcionam definição mais aceitável para essa classe. No entanto, não é possível considerar a classe dos MDs como discreta, delimitada pelos padrões apresentados anteriormente. Trabalhos recentes, como o de Guerra (2007), contribuem para uma definição mais precisa das funções e subfunções dos MDs sob o ponto de vista textual-interativo e possibilitam o desenvolvimento de novos trabalhos a partir dos resultados obtidos, uma das razões que motiva a realização do presente trabalho, uma vez que em trabalhos anteriores sobre o mesmo assunto, como o de Risso *et al.* (2006), são abordados aspectos mais gerais, dado o grande número de MDs considerados.

CAPÍTULO 2

Procedimentos Metodológicos

O estudo que propomos neste trabalho pressupõe uma concepção de língua como ação verbal, o que nos leva a desenvolver uma pesquisa que considere situações reais de comunicação, envolvendo pelo menos dois interlocutores, em uma situação de interlocução específica. Sob tal concepção, optamos por realizar uma pesquisa baseada em *cópus*, o que permite verificar o papel ativo dos interlocutores na interação verbal. Neste capítulo, fazemos a descrição do *cópus* de análise (seção 1.), delimitamos nosso objeto de investigação, definindo a abrangência dos Marcadores Discursivos considerados (seção 2.) e, por fim, explicitamos as etapas seguidas para a investigação do comportamento dos Marcadores Discursivos no processo de retextualização, com base em critérios de análise apriorísticos, que nos permitiram formular mais claramente hipóteses e motivações para nossa pesquisa (seção 3.).

1. Descrição do *cópus*

Consoante a orientação teórica deste trabalho, a perspectiva textual-interativa, torna-se imperativa uma investigação que considere dados efetivos de usos da língua, porque, sob tal perspectiva, a descrição de qualquer fato lingüístico deve ser feita “dentro do contexto sociocomunicativo do qual emerge, a partir das marcas concretas que a situação enunciativa imprime nos enunciados” (JUBRAN, 2006a, p. 29). Assim, um modo de comprovar empiricamente postulados teóricos é o recurso metodológico à pesquisa em *cópus*.

No caso específico deste trabalho, que leva em conta o processo de retextualização de textos da modalidade oral para a modalidade escrita de uso da língua, há a necessidade de que o *cópus* seja formado por textos que explicitem essas duas modalidades. Assim, necessitávamos recorrer a textos que mostrassem a transformação do texto de uma modalidade a outra, obedecendo ao mesmo gênero textual que tais modalidades manifestam.

O corpus deste trabalho constitui-se de dez entrevistas impressas, publicadas na revista *Caros Amigos* entre os anos de 2005 e 2007, e de suas respectivas versões faladas, gravadas em arquivos digitais, obtidas junto aos editores da revista. As informações sobre cada uma das entrevistas são apresentadas no quadro 2.

Quadro 2: Entrevistas que compõem o corpus.

Entrevistado e data de publicação da entrevista	Papel institucional/social do entrevistado na época da entrevista	Capa/Título da entrevista	Identificação do entrevistado²	Identificação dos entrevistadores³
Marilena Chauí, nov. 2005	Filósofa e professora da USP	Entrevista explosiva/ “Por trás da crise está a luta de classes”	MC	CA1, ..., CAn
Ciro Gomes, maio 2006	Ex-Ministro da Integração Nacional	Entrevista explosiva/ O arrasa quarteirão	CG	CA1, ..., CAn
Oscar Niemeyer, jul. 2006	Arquiteto	Entrevista apaixonada/ Um anjo comunista	ON	CA1, ..., CAn
Nagashi Furukawa, ago. 2006	Ex-secretário da Secretaria de Administração Penitenciária de São Paulo	Entrevista explosiva/ “Me elegeram o culpado da vez”	NF	CA1, ..., CAn
Franklin Martins, set. 2006	Jornalista da Rede Bandeirantes	Entrevista explosiva/ “A era da pedra no lago acabou”	FM	CA1, ..., CAn
Francisco Carlos Garisto, out. 2006	Presidente da Federação Nacional dos Policiais Federais	Duas faces do segundo turno: a policial/ “Dossiê tem coisa de Lula e Serra”	FCG	CA1, ..., CAn
Wanderley Guilherme dos Santos, out. 2006	Cientista político e professor titular aposentado da UFRJ	Duas faces do segundo turno: a política/ “O PT não perde a eleição”	WGS	CA1, ..., CAn
Matilde Ribeiro, nov. 2006	Ministra da Secretaria Especial de Políticas de Promoção e Igualdade Racial	Entrevista explosiva/ “É melhor ter brancos ressentidos do que não ter negros na universidade”	MR	CA1, ..., CAn
Lázaro Ramos, janeiro de 2007	Ator da Rede Globo	Entrevista risonha e franca/ “Minha cabeça é livre”	LR	CA1, ..., CAn
Luiza Erundina, maio de 2007	Deputada Federal pelo PSB de São Paulo	Entrevista comovente/ Lição de política	LE	CA1, ..., CAn

Como podemos observar no quadro, os entrevistados são pessoas que têm ou tiveram, em algum momento, papel de destaque em algum ramo da sociedade. É importante destacar que as entrevistas que compõem nosso corpus são as consideradas mais importantes de cada edição. Todas elas são anunciadas na capa da revista com bastante destaque e, na maioria das vezes, é a foto do entrevistado que ocupa grande parte da capa.

² Seguirão a identificação das ocorrências, as iniciais do Entrevistado, o número da edição da revista e o número da página de onde a ocorrência foi extraída.

³ Nas ocorrências, os Entrevistadores serão identificados apenas pelas iniciais do nome da revista (CA). O número identifica mais de um entrevistador na mesma entrevista, quando é o caso.

De acordo com informações cedidas pela redação da revista, não há nenhum manual de estilo que determine o material a ser editado ou a extensão do texto final a ser publicado. Há apenas a sugestão de que as entrevistas impressas ocupem de sete a dez páginas da revista. Além disso, a revista não fornece previamente nenhum roteiro para o entrevistado e tampouco os entrevistadores se valem de qualquer roteiro para a realização da entrevista. No entanto, fica muito claro que, como em qualquer outra entrevista, há preparação dos entrevistadores e dos entrevistados, como se pode observar nos trechos destacados a seguir, extraídos do *cópus*.

C.A.: **Li uma entrevista sua** em que você diz que a sua mãe foi a sua grande guia, que sempre te incentivava...

(LR, 118, p. 33; grifos acrescentados)

C.A.: **Em uma entrevista recente**, a principal declaração dele foi: “O Furukawa saiu porque não agüentou o tranco, viu o monstrengo que criou no sistema prisional, despirocou e não foi por falta de aviso”. Ele acusa o senhor de ter sido excessivamente liberal com os presos, de ter criado condições para que o PCC pudesse se desenvolver na prisão.

(NF, 113, p. 34-35; grifos acrescentados)

C.A.: **Eu estava relendo a sua entrevista em 2000 para a *Caros Amigos***, uma das coisas que você falava era a capacidade de interferir fortíssima dos organismos americanos na Polícia Federal.

F.C.G.: Acabou isso aí.

(FCG, 115, p. 38; grifos acrescentados)

M.C.: Desmanchar o emaranhado é “vamos entender o que está se passando”. Não tenho nada propositivo, por enquanto, por enquanto estou numa atitude mais descritiva. **Ao me preparar para a conversa com vocês**, pensei em fazer o seguinte: uma coisa descritiva, depois observações críticas sobre o governo, observações críticas sobre o PT, o que acho que valeria a pena fazer, e depois a apologia do meu governo. Eu trouxe todo o material que mostra como ele é bom.

(MC, 104, p. 32; grifos acrescentados)

As entrevistas da revista *Caros Amigos* são realizadas sempre por dois ou mais jornalistas, os quais formulam livremente suas questões ao entrevistado, considerando o ritmo da entrevista. A edição das entrevistas é feita sempre por um mesmo jornalista, o editor-chefe, que eventualmente participa das interações.

Como forma de entender quais os tipos de entrevista que compõem a revista *Caros Amigos*, recorreremos à proposta de Hoffnagel (2002), para quem as entrevistas midiáticas

geralmente são realizadas: (i) com um especialista que explica um determinado fenômeno; (ii) com autoridades que opinam sobre um evento e (iii) com pessoas públicas, geralmente com a finalidade de promovê-las. Encontramos esses três tipos distribuídos da seguinte forma: duas entrevistas são do primeiro tipo (FCG e WGS); duas entrevistas são do segundo tipo (NF e MC) e seis entrevistas são do terceiro tipo (CG, LE, MR, LR, ON e FM).

Uma fórmula recorrente nas entrevistas do corpus e que ajuda no reconhecimento de cada tipo é o fato de que tanto as entrevistas faladas quanto as escritas do terceiro tipo, em que o entrevistado é pessoa pública, geralmente se iniciam com tópicos sobre a trajetória de vida do entrevistado, desde a infância, por exemplo, como exemplificam alguns trechos abaixo reproduzidos.

Entrevista oral	Entrevista retextualizada
C.A.: você estava falando que você nasceu em terra na terra do Alckmin	C.A.: Você nasceu na terra do Alckmin...
	(CG, 110, p. 33)

Entrevista oral	Entrevista retextualizada
C.A.: então... senadora... a sua biografia é bem conhecida mas eu acho que:: ela é importante na sua vida política ... então eu acho que a gente tem que começar... por recuperar um pouco do que foi sua infân::cia... sua adolescência pra chegar a ser quem é	C.A.: De que cidade a senhora é e como foi sua infância?
	(LE, 122, p. 19)

Entrevista oral	Entrevista retextualizada
C.A.: ministra a gente costuma:: começar as nossas entrevistas pedindo pro entrevistado contar um pouco da sua vida né? ... a trajetória que você percorreu... até chega::r a ministra... ah como é que foi a sua infân::cia você nasceu no interior de São Paulo	C.A.: Ministra, podemos começar por sua infância?
	(MR, 116, p. 31)

Já as do primeiro ou do segundo tipo, com especialistas ou autoridades, respectivamente, iniciam-se com tópicos que fazem referências diretas ao fenômeno ou evento de interesse, como mostram os trechos a seguir.

Entrevista oral	Entrevista retextualizada
C.A.: a gente estava pensando em começar mesmo falando... da crise... como que... você sentiu a crise ... como a crise chegou em você...	C.A.: Professora, qual é a sua análise da crise política, como ela chegou até você?

(MC, 104, p. 30)

Entrevista oral	Entrevista retextualizada
C.A.: bom professor ... eu eu queria começar pelo seguinte ... no no:: seu:: último livro ... o senhor diz que é FÃ do sistema... eleitoral brasileiro né? não é isso?... o senhor e e e muita gente no entanto criTica muito o sistema eleitoral brasile::iro dizendo que... teria que ter votação por li::sta... eh como é que o senhor acha que fica essa GRIta por reforma política... eh dentro do que a gente já TEM... como estrutura... política:: institucional?	C.A.: No seu último livro, o senhor diz que é fã do sistema eleitoral brasileiro, criticado por muita gente. Como o senhor vê essa grita por reforma política por parte de parlamentares e analistas?

(WGS, 115, p. 29)

Para entendermos a política editorial da revista *Caros Amigos*, utilizamos uma entrevista concedida pelo editor-chefe Sérgio de Souza e publicada na revista em abril de 2008, na qual ele discorre sobre o caráter da revista. Tal caracterização é importante para a finalização da análise dos dados, uma vez que consideramos que o propósito da retextualização e o perfil da revista são variáveis que podem interferir no processo de retextualização.

O que nos interessa principalmente é saber em que segmento midiático a revista se insere, se na grande mídia ou em algum segmento alternativo, pois podemos assim formular hipóteses sobre o perfil da revista, frente o processo de retextualização. Quanto a essa questão, Sérgio de Sousa responde: “alternativos, na concepção que entendo, seriam os veículos não-ligados a empresas grandes; veículos de linha editorial ditada pelos profissionais que os fazem e não por empresários” (SOUSA, 2008, *Caros Amigos*, n.133, p.22). Quando questionado se *Caros Amigos* é uma revista contra-hegemônica, ele responde: “Se o termo é esse, somos contra-hegemônicos, no sentido de não seguir a via fácil ditada pelo *establishment* e pela mídia grande” (SOUSA, 2008, *Caros Amigos*, n. 133, p.23). Destaca que a maioria dos colaboradores é voluntária:

O verdadeiro patrocínio de *Caros Amigos* é a generosidade de todos os que a fazem, colaboradores e o grupo fixo, inclusive os vários estagiários que vêm passando por ela ao longo dos anos e continuam chegando, voluntários sempre e com os quais aprendemos muito também. Para ter idéia, só três, de todos os colaboradores, recebem um valor a cada mês, o restante é de graça. (SOUSA, 2008, *Caros Amigos*, n. 133, p. 22)

Além disso, o editor-chefe classifica o jornalismo da revista como “um jornalismo independente de fato, não de *slogan*” (SOUSA, 2008, *Caros Amigos*, n. 133, p.23). E quando questionado se a revista seria uma revista de esquerda, responde que “é uma revista de esquerda, e agora um publicitário amigo (e voluntariamente), Zoca Moraes, se ofereceu para nos ajudar na promoção de *Caros Amigos* e já criou um slogan pra revista: ‘A primeira à esquerda’” (SOUSA, 2008, *Caros Amigos*, n. 133, p.23).

Nas falas de entrevistadores e de entrevistados, transparece a opinião de que se trata de uma revista alternativa, como se pode observar nas seqüências destacadas nos trechos de entrevistas dados a seguir.

C.A.: No trabalho que eu faço, nós criamos o Centro Cultural da Criança, no morro do Macaco, um dos lugares mais violentos do Rio. O centro é a chance de crianças terem acesso a bens culturais que não teriam se não fosse essa coisa. **E essa coisa não chega na mídia porque a mídia, exceção honrosa feita a *Caros Amigos*, não está interessada, veja a televisão: é quem está com quem, quem se separou de quem, quem ganhou o que.**

L.R.: Mas eu não falo. Logo fui tachado de o ator mais antipático.

(LR, 118, p. 36; grifos acrescentados)

C.A.: Queria saber como é um pouco a rotina do senhor...

O.N.: Ah, acordo, venho pra aqui, peço pra lerem jornal, porque tenho dificuldade pra ler, converso um pouquinho, quero trabalhar, mas não posso, todo dia vem imprensa, não dá, eu atendo, porque, lógico, tem que atender, chateado de me repetir muito, porque as perguntas são as mesmas, **mas com vocês não, vocês são mais evoluídos, progressistas e decerto são como eu, sabem que o que é realmente importante é mudar o mundo.**

(ON, 112, p. 38; grifos acrescentados)

C.A1: E como a mídia da época tratou o seu governo?

L.E.: **Tem dois lados. A mídia não tinha interesse nenhum de ajudar, de reconhecer, de tolerar, de não atrapalhar. Não tinha mesmo. Não digo os jornalistas profissionais. Nós erramos na política de comunicação.** Porque a gente, a esquerda mais pra trás, tinha horror à mídia, acha que a mídia é sempre inimiga da esquerda, acha que o profissional é a mesma coisa que o patrão na má vontade com os governos de esquerda, e isso não é verdade. **Então não abríamos espaço pra mídia, era chatura toda vez que procuravam a gente, se o jornalista amigo nosso queria ajudar era como se fosse o patrão.** Não tivemos uma política de comunicação competente. E também aquele escrúpulo: se tem tanta criança sem creche ainda, tanta gente sem um leito hospitalar - apesar de termos feito seis hospitais -, se está

faltando moradia, pra que gastar tanto em comunicação? Mas só que você não gastava nem sequer para informar o que estava fazendo!

C.A2: Mas não existia uma má vontade na mídia? Eu trabalhava na Folha e ela obrigava a gente a ligar para a prefeitura pra encher o saco mesmo, falar da reforma do Anhangabaú, botou quanto tijolo, quanto paralelepípedo?

L.E.: E a Globo nunca foi cobrir uma inauguração com a minha presença. Ela ia antes.

(LE, 122, p. 22; grifos acrescidos)

Nos trechos acima constatamos que a imagem que, de um modo geral, entrevistados e entrevistadores fazem da revista é de que ela não faz parte de um grupo maior que eles chamam “mídia” ou “imprensa”. Eles acreditam que a revista tem uma visão dos fatos que difere da visão desse grande grupo e que tem interesse em tratar de assuntos que não interessam a esse grupo maior.

2. Definindo o objeto de investigação

Ao propor um estudo dos MDs no processo de retextualização de entrevistas, a primeira etapa realizada foi a transcrição das gravações para comparação com o texto veiculado pela revista. Para que os nossos resultados não fossem falhos, transcrevemos do corpus oral apenas as partes que foram retextualizadas pela revista, o que significa que não transcrevemos o material oral que, por um motivo ou outro, foi descartado na edição das entrevistas.

Ao compararmos os dois blocos de texto, nos deparamos com uma grande quantidade de MDs no texto oral, o que tornaria impossível um estudo que incluísse todos os MDs encontrados, mesmo porque trata-se uma classe muito fluida e por isso susceptível a impasses na classificação de todos os itens possíveis de serem considerados MDs. Assim, em vista de nosso foco ser o processo de retextualização com vistas ao texto retextualizado, e como forma de delimitar nosso objeto de análise, optamos por investigar apenas os MDs mais frequentes no texto retextualizado. Portanto, partindo do texto retextualizado, fizemos um levantamento de frequência de ocorrência de MDs, e então procedemos ao recorte necessário no texto

falado, de modo a obter porções textuais equivalentes entre o texto falado e o retextualizado, uma vez que muitas partes do primeiro são suprimidas no segundo. Segue abaixo a tabela com os MDs selecionados para nossa investigação, em vista de serem estes os mais freqüentes no texto retextualizado.

Tipo de MD	Total de ocorrência de MDs nos trechos selecionados das entrevistas face a face	Total de ocorrências de MDs nos trechos selecionados das entrevistas retextualizadas
<i>agora</i>	63	51
<i>aí</i>	139	108
<i>bom</i>	22	13
<i>e</i>	258	277
<i>e aí</i>	69	42
<i>então</i>	179	116
<i>mas</i>	65	44
<i>não é?</i>	48	16
<i>né?</i>	377	36
<i>olha</i>	54	34
<i>quer dizer</i>	20	10
TOTAL	1294	747

Tab.1: MDs selecionados para análise.

Na tabela 1, observamos que todos os MDs, com exceção do *e*, são mais freqüentes no texto oral do que no texto retextualizado. É importante esclarecer que, no levantamento das ocorrências de MDs, embora tenhamos partido do texto retextualizado, na porção oral correspondente nos deparamos com quantidades maiores do mesmo e/ou de outro MD, o que explica a diferença de número de ocorrências entre texto o oral e texto retextualizado.

O MD *né?*, por exemplo, aparece no texto falado em quantidade muito superior a todos os outros MDs, mas no texto retextualizado é menos freqüente que muitos outros MDs. Alguns elementos possuem uma quantidade relativamente equilibrada entre o texto oral e o retextualizado, como, por exemplo, *agora* e *bom*.

Nossa hipótese inicial, a partir desses dados, é a de que MDs que projetem função predominantemente interacional sofram mais supressão que aqueles que projetem função predominantemente textual. Além disso, prevemos que MDs como *né?* e *não é?*, que dentre os selecionados são os mais comumente associados ao texto oral, sejam os mais suprimidos.

Os fatores que levam à presença ou ausência dos MDs no texto retextualizado serão explorados no próximo capítulo.

3. Definindo critérios de análise

Após a delimitação do nosso objeto de investigação, e utilizando a noção de grupo de fatores emprestada da Sociolinguística variacionista, postulamos critérios de análise para buscarmos correlações mais seguras entre os fatores lingüísticos que atuam no uso dos MDs no processo de retextualização. Essa estratégia, muito empregada fora de estudos variacionistas, é uma garantia de que todos os dados sejam analisados à luz dos mesmos critérios, além de permitir operar com um grande volume de dados.

A postulação de cada grupo de fatores é motivada por uma pré-análise de dados, a qual permite a formulação de hipóteses investigativas acerca do uso dos MDs. Assim, cada grupo prevê expectativas, que podem ou não ser confirmadas mediante os resultados alcançados.

No quadro abaixo, seguem os grupos de fatores que empregamos na análise dos MDs, acompanhados dos respectivos códigos, necessários para o processamento eletrônico dos dados. Esses critérios de análise seguem, parcialmente, os critérios formulados por Guerra (2007).

Quadro 3: Critérios utilizados na análise de MDs no processo de retextualização.

1: Texto em análise

f: falado

r: retextualizado

2: Função do MD

t: predominantemente textual

i: predominantemente interacional

3: Subfunção predominantemente textual do MD

i: introdução de tópico

s: seqüenciamento de tópico

f: fechamento de tópico

r: retomada tópica após inserção

/: não se aplica

4: Subfunção predominantemente interacional do MD

1: *checking* 2: *feedback* 3: injuntiva
 4: iniciadora 5: interpelativa /: não se aplica

5: Tipo de MD (token)

1: *né?* 2: *não é ?* 3: *agora* 4: *então*
 5: *e* 6: *mas* 7: *aí* 8: *olha*
 9: *quer dizer* 0: *bom* +: *e aí*

6: base de formação do MD

v: verbal j: adjetival a: adverbial
 c: conjuncional p: partícula o: oracional
 g: grupamento

7: no processo de retextualização o MD

s: ocorre no texto falado e é suprimido no retextualizado
 m: ocorre no texto falado e é mantido no retextualizado

8: Turno em que ocorre o MD

0: entrevistado 5: entrevistador-5
 1: entrevistador-1 6: entrevistador-6
 2: entrevistador-2 7: entrevistador-7
 3: entrevistador-3 8: entrevistador-8
 4: entrevistador-4 9: entrevistador-9

9: Entrevistado

1: *Ciro Gomes* 6: *Marilena Chauí*
 2: *Lázaro Ramos* 7: *Matilde Ribeiro*
 3: *Luiza Erundina* 8: *Franklin Martins*
 4: *Francisco C. Garisto* 9: *Wanderley G. dos Santos*
 5: *Oscar Niemeyer* 0: *Nagashi Furukawa*

Os fatores (2), (3), (4) e (6) tiveram por base os fatores definidos por Guerra (2007). Já os outros fatores foram definidos a partir de uma análise prévia dos dados. Com o resultado final da análise, alguns desses fatores previamente propostos não apresentaram relevância para nossa análise. No entanto, a elaboração de cada fator promove expectativas do que pode ser encontrado, como explicitamos a seguir:

- a) com o fator (1), controlamos a procedência do dado em análise, se do texto falado ou se do retextualizado;
- b) o fator (2) permite analisar a função geral do MD;
- c) os fatores (3) e (4) especificam a atuação do MD no texto; se um MD ocorre com subfunção predominantemente interacional, ele não se encaixará na subfunção

predominantemente textual e vice-versa; daí a importância de se utilizar o código “não se aplica”;

- d) o fator (5) permite ter um controle de como cada MD atua nos textos falado e retextualizado; após cruzamento desse fator com outros, é possível descobrir o funcionamento predominante em que cada MD se especializa bem como a função que se sobressai para o conjunto de MDs considerados;
- e) o fator (6) permite investigar se há predominância de bases de origem nos MDs analisados e seu funcionamento principalmente no texto retextualizado, em vista de que algumas bases são mais opacas, enquanto outras, como a conjuncional e a adverbial, embora fora de seu uso habitual, podem ser mais identificadas, por parte do retextualizador, como elementos juntivos característicos e não como um MD, razão que pode levá-lo a decisões diferentes no processo de retextualização, como, por exemplo, manter, substituir ou suprimir um dado MD. A importância central desse grupo de fatores está na possibilidade de identificar a própria concepção de escrita do retextualizador, partindo-se da hipótese de que no processo de retextualização ele identificaria MDs mais típicos de textos falados e outros mais aceitáveis no texto escrito. Assim, a expectativa é a de que MDs mais identificados com a oralidade, como os orientados para a interação, sejam mais suprimidos, e os mais identificados com certas classes gramaticais e de uso predominantemente textual apresentem maior tendência de serem mantidos no texto retextualizado. Além disso, muito provavelmente, quando o retextualizador não identifica no MD a função gramatical da forma de base de que ele se origina, ou ele suprime esse MD ou ele o substitui por outro.
- f) o fator (7) permite observar as operações a que cada MD se submete no processo de retextualização, possibilitando, a partir do cruzamento com os outros fatores, formular

hipóteses explicativas sobre estratégias do retextualizador frente ao processo de retextualização;

- g) os fatores (8) e (9) são postulados visando constatar se há predominância de funções de acordo com o papel interacional de cada participante da entrevista; especificamente o fator (9) nos permite verificar se há relação do comportamento dos MDs com o papel institucional exercido pelo entrevistado. Além disso, esses dois últimos fatores representam também cautela para generalizações desse estudo, uma vez que um dado MD pode ser marca idiossincrática de um dado participante.

Como anunciamos anteriormente, com o prosseguimento da pesquisa, alguns dos critérios de análise foram reformulados total ou parcialmente, como é o caso do fator 7, que anteriormente contemplava também MDs substituídos e inseridos no texto retextualizado, e outros não se mostraram relevantes nas análises, como é o caso dos fatores 8 e 9.

Finalizamos este capítulo retomando aqui os objetivos desta investigação, cujo alcance ancora-se nos passos metodológicos anteriormente expostos:

- (i) confrontar o funcionamento dos MDs nos fragmentos falados e nos fragmentos retextualizados correspondentes, procurando verificar se as funções que eles exercem nos contextos de fala são mantidas ou são alteradas na sua versão para o contexto da escrita, mediante estratégias que impulsionam a manutenção e a supressão de MDs no processo de retextualização;
- (ii) observar os contextos de ocorrência dos MDs no texto falado e no retextualizado a fim de verificar se houve mudanças nas proposições e o que essas mudanças acarretam em termos de construção dos sentidos do texto;

- (iii) verificar se existe um tipo de MD mais atuante no processo de retextualização e que função ou subfunção prevalece no seu emprego;
- (iv) verificar no texto retextualizado a função predominante dos MDs mantidos no processo de retextualização para o conjunto de MDs considerados.

CAPÍTULO 3

Descrição e análise dos dados

A partir dos critérios de análise estabelecidos, selecionamos trechos do texto retextualizado e sua parte correspondente no texto oral em que aparecia algum dos MDs objeto de nossa análise. Mediante esse procedimento, os MDs se comportaram de quatro formas:

Texto oral	Texto retextualizado
Ocorrência de MD	Manutenção Apagamento Substituição
Não ocorrência de MD	Inserção

Segue nas seções deste capítulo uma descrição detalhada do comportamento dos MDs, segundo as funções predominantemente textuais e predominantemente interacionais que exercem. Neste trabalho, interessa-nos analisar os MDs mantidos e os apagados, por serem os procedimentos mais frequentes no processo de retextualização. Primeiramente, tratamos, na seção 1, dos MDs predominantemente textuais mantidos no processo de retextualização (seção 1.1.) e, em seguida, os MDs suprimidos (seção 1.2.). Seguindo essa mesma forma de apresentação do comportamento dos MDs, prosseguimos, na seção 2, com a descrição e análise dos MDs predominantemente interacionais.

Preliminares

Como deve ter ficado claro no capítulo anterior, em que tratamos dos procedimentos metodológicos, para o levantamento das ocorrências de MDs, partimos do texto retextualizado, para em seguida, identificar o trecho em que ele possivelmente ocorreria no texto oral. Em face desse procedimento é que nos foi possível verificar estratégias variadas do retextualizador diante da presença de MDs que ocorrem nas entrevistas face a face. Como já apresentado no sumário deste capítulo, a presença de um MD no texto oral implicou a decisão do retextualizador de, no texto retextualizado, mantê-lo, apagá-lo ou substituí-lo por um outro MD. Por outro lado, no texto retextualizado, também como estratégia do retextualizador, são inseridos MDs diversos que não ocorrem no texto oral. Essas estratégias diversificadas causaram-nos certa dificuldade na sistematização do comportamento dos MDs no processo de

retextualização, razão que acabou nos conduzindo à análise somente dos casos de MDs que ocorrem no texto oral e que são mantidos ou suprimidos nas entrevistas retextualizadas.

Um exemplo dessa dificuldade de sistematização pode ser verificado na tabela 2 abaixo, que recupera, nas duas últimas colunas, dados da tabela 1 apresentada no capítulo anterior.

comportamento/ Funções MD	Total de MDs MANTIDOS nas entrevistas retextualizadas		Total de MDs SUPRIMIDOS nas entrevistas retextualizadas		Total de ocorrências do MD	
	Predominante-mente textual	Predominante-mente interacional	Predominante-mente textual	Predominante-mente interacional	No texto retextualizado	No texto oral
<i>agora</i>	51	-	07	-	51	63
<i>aí</i>	89	-	37	-	108	139
<i>bom</i>	13	07	09	06	13	22
<i>e</i>	194	-	63	-	277	258
<i>e aí</i>	36	-	17	-	42	69
<i>então</i>	110	-	63	-	116	179
<i>mas</i>	27	-	23	-	44	65
<i>não é?</i>	-	10	-	38	16	48
<i>né?</i>	-	34	-	118	36	377
<i>olha</i>	-	33	01	19	34	54
<i>quer dizer</i>	08	-	12	-	10	20
TOTAL	528	84	232	181	747	1294

Tab. 2: Comportamento geral dos MDs selecionados.

Sobre os números da tabela acima, devemos ter claro que o total de ocorrência de cada MD encontrado no texto retextualizado e no texto oral (duas últimas colunas) não reflete qualquer cálculo entre suas simples supressão ou manutenção no texto retextualizado, uma vez que:

- na interação face a face, ocorrem MDs que, no processo de retextualização, podem ter sido **suprimidos** e/ou **substituídos** por outro tipo de MD no texto retextualizado;
- no texto retextualizado, ocorrem MDs que, no processo de retextualização, podem ser **resultantes de inserções**.

Tomemos como exemplo o MD *agora*. No texto retextualizado, ele ocorre 51 vezes, enquanto no texto oral, ocorre 63 vezes, o que poderia ser entendido que a diferença de 12

ocorrências seria resultante de simples apagamentos no texto retextualizado. Observe-se que, para esse MD, são apenas 7 os casos de apagamento, enquanto os de manutenção somam 51 ocorrências. Entre o total de casos de manutenção (51) e de supressão (7), as 5 ocorrências restantes (do total de 63 no texto oral) se explicariam pela estratégia de substituição desse MD por um outro no texto retextualizado.

Tomemos agora, como segundo exemplo, o caso do marcador *e*, que ocorre com maior frequência no texto retextualizado (277 vezes) do que no texto oral (258 vezes). Seguramente, a diferença de 19 MDs desse tipo em favor do texto retextualizado não significa somente resultado de inserções; pode significar também casos de substituições de um outro marcador que ocorre no texto oral por *e*.

De qualquer modo, o que os resultados da tabela deixam claro é que, a se considerar o total de MDs presentes na interação face a face (1294 MDs de 11 tipos diferentes), há uma forte tendência de manutenção (612 MDs) frente aos casos de supressão (413 MDs) dos mesmos tipos. Há que se ressaltar, entretanto, o comportamento diferenciado entre os MDs de natureza predominantemente textual e os de natureza predominantemente interacional; estes, alvos mais fáceis à estratégia de supressão (181 casos) do que de manutenção (84 casos), enquanto aqueles, mais propícios à manutenção (528 casos) do que à supressão (232 casos). É o que passamos a investigar em maiores detalhes nas seções seguintes.

1. Marcadores Discursivos predominantemente textuais

No processo de retextualização, os MDs que exercem função predominantemente textual submeteram-se a uma sorte de comportamento: foram mantidos, apagados, substituídos ou inseridos no texto retextualizado. Como mencionado anteriormente, analisamos, neste trabalho, os MDs que foram mantidos e os que foram suprimidos, em relação à interação face a face. Como veremos nas próximas seções, no texto oral e/ou no

texto retextualizado, os elementos analisados desempenham as funções de *introdução de tópico*, *seqüenciamento tópico*, *retomada tópica* e *fechamento tópico*.

1.1. MDs mantidos no processo de retextualização

Em nossas análises do corpus, encontramos um grande número de MDs que se mantiveram no texto retextualizado, o que, em certa medida, aponta para a grande produtividade dos MDs tanto na construção de textos prototipicamente orais como na construção de textos em posição intermediária entre o oral e o escrito. Na tabela 3 abaixo, encontra-se a frequência dos diferentes MDs predominantemente textuais que foram mantidos no processo de retextualização.

MD	Total de ocorrências
<i>agora</i>	51 (9,6%)
<i>aí</i>	89 (16,8%)
<i>bom</i>	13 (2,5%)
<i>e</i>	194 (36,7%)
<i>e aí</i>	36 (6,8%)
<i>então</i>	110 (21,0%)
<i>mas</i>	27 (5,1%)
<i>quer dizer</i>	8 (1,5%)
TOTAL	528 (100%)

Tab. 3: Total de MDs predominantemente textuais mantidos no texto retextualizado.

Como se pode observar na tabela 3, dos MDs mantidos no processo de retextualização o MD *e* é o que apresenta maior tendência de ser mantido no texto retextualizado. É também considerável o número de ocorrências de manutenção de *então*, *aí* e *agora* frente aos demais MDs. Esses MDs são importantes elementos de organização tópica, tanto no texto falado como no retextualizado, como veremos mais adiante.

No que se segue, optamos por apresentar nossas análises tomando por base a função dos MDs, uma vez que um mesmo MD pode exercer mais de uma função na organização tópica.

1.1.1. MDs com função de introdução de tópico

Dentre os MDs mantidos no processo de retextualização, *e*, *agora* e *aí* atuam como introdutores de tópico. A tabela abaixo mostra a frequência desses casos.

MD	Total de ocorrências
<i>agora</i>	3/51 (5,9%)
<i>aí</i>	1/89 (1%)
<i>e</i>	12/194 (6,2%)
TOTAL	16/528 (3%)

Tab. 4: MDs de introdução de tópico mantidos no texto retextualizado.

O que se observa é a tendência muito fraca ($16/528=3\%$) de os MDs predominantemente textuais mantidos no texto retextualizado funcionarem na introdução de tópico. Entretanto, destacam-se nesse funcionamento os MDs *e* e *agora*, cujas frequências, nesta função, são muito próximas.

A fim de explicar como esses MDs funcionam na introdução de tópico, tanto no texto falado como no retextualizado, seguem as ocorrências de (01) a (03).

(01) Entrevista oral	Entrevista retextualizada
C.A.: Oscar... o senhor é um comunista assumido né?	C.A.: O senhor é um comunista assumido, não é?
O.N.: hein?	O.N.: Ah, tem que ser. O que me irrita é quando o sujeito diz: “Não. Vem um regime de esquerda, mas vai ser diferente”. Diferente nada. Foram setenta anos de glória. Eu me lembro do Stálin dizendo para os soldados dele quando os alemães já estavam em Stalingrado: “Pra Berlim!” É fantástico, não é?
C.A.: o senhor é um comunista assumido	E venceram a reação, livraram o mundo do nazismo. Tem gente que tem receio de falar de Stálin porque os americanos deram a ele uma imagem de um calhorda qualquer. E não é, é um sujeito fantástico, preparou a Rússia para a luta necessária, mantendo uma indústria pesada.
[	C.A.: E o senhor já imaginou o comunismo no Brasil?
O.N.: ah hoje em dia tem que ser () o que me irrita é quando o sujeito diz “não... vem um regime de esquerda vai vai ser dif/ diferente nada	O.N.: Eu vivi aquele período do Prestes, quando a gente tinha esperança
[	
C.A.: eu queria saber	
[	
O.N.: foram setenta anos de glória não é? eu eu me lembro do Stálin dizendo pra pros soldados dele quando os alemães já estavam em Stalingrado “pra Berlim”... é fantástico	
[	
C.A.: aha	
[	
O.N.: e venceram o o a reação e livraram o o mundo do do nazismo... eu acho que não pode tem gente que tem receio de falar de Stálin porque os americanos deram a ele uma imagem assim de um calhorda qualquer... e	

não é é um sujeito fantástico... ele preparou a Rússia pra pra luta necessária com a reforma mantendo uma indústria pesada
C.A.: e o senhor já imaginou o comunismo no Brasil assim já vislumbrou a ()
[
O.N.: ah:: eu vivi aquele período do Prestes... um período que a gente tinha esperança

(ON, 112, p. 35)

No trecho (01), tanto no texto oral como no retextualizado, o entrevistador introduz, por meio do MD *e*, o tópico “o comunismo no Brasil”, dando continuidade ao tema desenvolvido pelo entrevistado a respeito de “ser comunista”. Como pode ser visto na tabela 4, embora não na sua função mais prototípica, o MD *e*, dentre os predominantemente textuais mantidos, é o mais utilizado para introduzir tópico, tanto por parte dos entrevistadores como por parte do próprio entrevistado.

Em (02), segue um exemplo de ocorrência do MD *agora* na função de introdução de tópico.

(02) Entrevista oral	Entrevista retextualizada
C.G.: então como eu disse eu estou há trinta anos na vida pública e é uma vida pública de muito sucesso... você daqui talvez não dê valor mas Fortaleza é a quinta cidade brasileira o Ceará é o oitavo estado do Brasil em vinte e sete... então:: isso é uma coisa legal... C.A.: foi Ministro da Fazenda C.G.: fui ministro da Fazenda com trinta e seis trinta cinco ainda tinha fiz trinta e seis no Ministério da Fazenda... e e assim é uma passagem benfazeja num num sabe? olho pra trás não tenho rabo de palha... não tem tal agora a cultura política onde eu fui formado valoriza determinadas coisas que as pessoas aqui por exemplo consideram GRAve defeito... então se você for lá no lugar onde eu fui formado as pessoas dizem assim “porra o Ciro Gomes ah:: () não sei que tal mas eu gosto dele porque ele fala as coisas na lata”... certo? pô eu tenho que aprender eu não sou eu não posso querer ser presidente da República... amarrado numa cultura política diferente da média nacional...	C.G.: Como eu disse, estou há 30 anos na vida pública, e com muito sucesso. Fui prefeito de uma capital com 29 anos, governador de um Estado com 32. Vocês daqui talvez não dêem valor, mas Fortaleza é a quinta cidade brasileira, o Ceará é o oitavo Estado do Brasil. Isso é uma coisa legal. Fui ministro da Fazenda com 36 anos - 35 ainda tinha, fiz 36 no Ministério da Fazenda. Eu olho pra trás e não tenho rabo de palha. Agora, a cultura política onde fui formado valoriza determinadas coisas que as pessoas daqui consideram grave defeito. No lugar onde fui formado as pessoas dizem assim: “Ah, o Ciro Gomes, eu gosto dele porque ele fala as coisas na lata”. E aí é que tenho que aprender, não posso querer ser presidente da República amarrado numa cultura política diferente da média nacional.

(CG, 110, p. 38)

O MD *agora*, nessa ocorrência, marca a abertura de outro tópico sobre “a cultura política onde se formou”, o qual mantém relação com o tópico que vinha sendo desenvolvido pelo entrevistado a respeito de sua carreira política, uma vez que têm em comum o tema “política”. A manutenção desse MD no texto retextualizado revela que se trata de um item indispensável para a organização tópica, tanto do texto falado como do retextualizado.

Também como introdutor de tópico funciona o marcador *aí*, como se observa na única ocorrência encontrada no corpus, mostrada em (03).

(03) Entrevista oral	Entrevista retextualizada
L.R.: até hoje eu tenho uma relação muito forte com ele porque ele... é uma referência de dedicação de “vai” de uma forma severa mesmo que eu achei bacana...e que me deu assim “ah... tá certo tem que fazer mesmo mais... e de” e... ele falava uma coisa muito bacana o diferen/ eh você pode exercer qualquer profissão mas o diferencial é a forma como que você faz você pode ser cozinheiro você pode ser... eh::: pedreiro mas... é você que vai transformar a sua profissão... C.A.: o estilo L.R.: é o seu estilo que vai fazer o diferencial... pode pular agora já falei do Zebrinha já [...]⁴ C.A.: <i>aí</i> você voltou pra Salvador... L.R.: isso Salvador e <i>aí</i> fui chamado pra Máquina... e <i>aí</i>... em um mês antes do espetáculo a gente montou... com um mês de ensaio a gente montou esse espetáculo que foi... a chave de transformação né?	L.R.: Até hoje tenho uma relação muito forte com ele, porque ele é uma referência de dedicação, de “vai”. E ele falava uma coisa muito bacana, que você pode exercer qualquer profissão, mas o diferencial é a forma com que você faz. Você pode ser cozinheiro, pode ser pedreiro, mas é você que vai transformar a sua profissão. O seu estilo é que vai fazer o diferencial. C.A.: <i>Aí</i> você voltou pra Salvador? L.R.: E em Salvador fui chamado pra A Máquina (peça de João Falcão, baseada em livro de Adriana Falcão) e <i>aí</i>, em um mês de ensaio, a gente montou o espetáculo que foi a chave de transformação, né?

(LR, 118, p. 35)

O MD *aí* na função de introdução de tópico só ocorre uma vez em todo o corpus; é MD de alta frequência, porém no cumprimento de outras funções, como veremos mais adiante. Em (03), o entrevistador se vale do MD *aí* para introduzir o tópico “volta para Salvador”, e assim, redirecionar a entrevista para o tema sobre a carreira do ator, já que na fala anterior do entrevistado, ele discorria sobre sua relação com “Zebrinha”. Desse modo,

⁴ Indica que um trecho do texto oral foi suprimido no processo de retextualização. Como dito no capítulo 2, as partes do texto oral retiradas pela edição das entrevistas não foram transcritas para que, no cotejo entre os textos, os dados fossem referentes às mesmas porções textuais.

observamos que o MD *aí* introduz um novo tópico na linearidade do texto, ou seja, mantém uma relação intertópica com outro tópico que está na mesma camada hierárquica.

1.1.2. MDs com função de *seqüenciamento tópico*

Os MDs predominantemente textuais que atuam como seqüenciador tópico tanto no texto falado como no retextualizado foram os mais abundantes no cópulo, como pode ser visto na tabela a seguir.

MD	Total de ocorrências
<i>agora</i>	37/51 (73%)
<i>aí</i>	88/89 (98%)
<i>e</i>	164/194 (85%)
<i>e aí</i>	34/36 (94%)
<i>então</i>	30/110 (27%)
<i>mas</i>	13/27 (48%)
<i>quer dizer</i>	8/8 (100%)
TOTAL	374/528 (71%)

Tab. 5: MDs de seqüenciamento tópico mantidos no texto retextualizado.

De um modo geral, para os MDs predominantemente textuais mantidos no texto retextualizado, destaca-se a forte tendência ($374/528 = 71\%$) que eles apresentam de serem mantidos quando na função de seqüenciamento tópico, contrariamente ao observado para aqueles que funcionam na introdução de tópico, como mostrado na subseção imediatamente precedente.

Os MDs acima arrolados, presentes em seqüências narrativas, opinativas e explicativas, funcionam como impulsionadores da progressão tópica, das mais diversas formas, a depender do tipo de MD. Relativamente às outras funções, quando mantidos no texto retextualizado, os MDs apresentam a forte tendência de atuarem no seqüenciamento tópico, a exceção dos MDs *então* e *mas*, que apresentam frequência inferior a 50% no desempenho dessa função, na qual se especializam mais prototipicamente os MDs *quer dizer* (100%), *aí* (98%) e *e aí* (94%), todos com frequência próxima a 100%, e menos prototipicamente os MDs *e* (85%) e *agora* (73%).

Seguem de (04) a (10) trechos exemplares da atuação desse conjunto de MDs na função de seqüenciamento tópico.

(04)	Entrevista oral	Entrevista retextualizada
	C.A.: ô Lázaro falamos do:: do cinema você estava falando de mostrar o brasileiro não oficia:l que o Claudius falou de mostrar as cenas do dia-a-dia quando você acha que isso vai inundar a televisão que eu acho que... você acredita que isso vai chegar na novela você que fez teatro cinema e novela... L.R.: eu acho que televisão é mercado é dinheiro é interesse é ibope... e eu acho que tem um movimento do público muito saudável muito bonito que está acontecendo que é o interesse do público... pra essas coisas... e a televisão não é burra... eh:: e se interessa por dinheiro e acho que vai ter que abrir espaço... os autores vão ter que se preocupar com isso... eh:: os produtores de elenco vão ter que se preocupar com isso e já começam a se preocupar porque eu lá dentro entrei na Globo agora este ano	C.A.: Você estava falando de mostrar no cinema o brasileiro não oficial; você acha que isso vai inundar a televisão, acredita que isso vai chegar na novela, você que faz teatro, cinema e novela? L.R.: Acho que televisão é mercado, é dinheiro, é interesse, é ibope. E acho que tem um movimento do público, muito saudável, muito bonito, que está acontecendo, que é o interesse do público pra essas coisas. E a televisão não é burra, e se interessa por dinheiro, acho que vai ter que abrir espaço. Os autores vão ter que se preocupar com isso, os produtores de elenco vão ter que se preocupar com isso, e já começam a se preocupar, porque eu, lá dentro, entrei na Globo agora, este ano...

(LR, 118, p.35)

Nesse trecho opinativo, ao desenvolver o tópico “mostrar o brasileiro não-oficial na novela de televisão”, o entrevistado se vale, por diversas vezes, do MD *e* para introduzir argumentos para o tópico, tanto no texto falado como no retextualizado, como segue explicitado em (04’), nos trechos a seguir, repetidos.

(04’)	Entrevista oral	Entrevista retextualizada
	<i>e eu acho que tem um movimento do público muito saudável muito bonito que está acontecendo que é o interesse do público... pra essas coisas...</i>	<i>E acho que tem um movimento do público, muito saudável, muito bonito, que está acontecendo, que é o interesse do público pra essas coisa</i>
	<i>e a televisão não é burra...</i>	<i>E a televisão não é burra</i>
	<i>e se interessa por dinheiro</i>	<i>e se interessa por dinheiro</i>
	<i>e já começam a se preocupar porque eu lá dentro entrei na Globo agora este ano</i>	<i>e já começam a se preocupar, porque eu, lá dentro, entrei na Globo agora, este ano...</i>

A grande quantidade de MDs *e* mantidos no processo de retextualização com a função de progressão tópica demonstra a produtividade do elemento nessa função, independentemente de o texto ser veiculado pela escrita ou pela oralidade. Além disso, os

MDs *e* e *aí* são os únicos que aparecem em todas as entrevistas exercendo essa função, conforme dados expostos na tabela 6 abaixo.

Entrevista	MD	
	<i>e</i>	<i>aí</i>
CG	34	18
LR	23	22
LE	17	07
FCG	15	14
ON	12	06
MC	25	02
MR	13	03
FM	08	08
WGS	05	02
NF	12	06
TOTAL	164	88

Tab. 6: Número de ocorrências dos MDs *e* e *aí* na função de seqüenciamento tópico mantidos no texto retextualizado.

A comparação desses dois MDs nas diferentes entrevistas do corpus nos leva a crer que o *e* funciona como um MD mais aceito para marcar diversas relações, dentre elas a de seqüenciamento tópico, tanto em textos falados como escritos. A repetição, o grande uso e aceitação do *e* comprovam seu caráter multifuncional, como bem demonstram os trabalhos de Camacho (1999) e Penhavel (2005a e 2005b), e aponta para o fato de esse elemento atuar como um elemento mais “neutro” relativamente a outros MDs, como *então* e *agora*, que também funcionam como seqüenciadores tópicos. Essa neutralidade semântica do MD *e* estaria relacionada com o fato de ele originar-se de uma conjunção prototípica. Enquanto elemento que promove principalmente ligações entre orações e sintagmas, teria seu escopo de atuação ampliado para as unidades textuais, os tópicos.

Outro MD bastante freqüente como seqüenciador tópico é *aí*, em ocorrências como em (05).

(05) Entrevista oral	Entrevista retextualizada
L.R.: prêmio Zumbi dos Palmares ó foi o primeiro prêmio que eu ganhei na minha terra e eu tenho uma relação muito forte com a Bahia... e aí... chorei horrores... eu ganhei alguns prêmios () eh	L.R.: Zumbi dos Palmares foi o primeiro prêmio que ganhei na minha terra. Tenho uma relação muito forte com a Bahia e aí chorei horrores. Eu ganhei alguns prêmios, mas esse, na hora que eu

mas esse na hora que eu cheguei lá em Salvador na Câmara dos Vereadores... que de repente eu entrei na porta... aí o naipe de sopro dos Filhos de Gandhi estava na porta fofó::: fofófofó::: aí já foi...pá... chorei aí entrei... vi a Câ/ a Câmara dos Vereadores... lotada de pessoas da família... lotada de::... de uma população que geralmente não tem acesso à Câmara dos Vereadores... porque eles distribuíram panfleto nas ruas... e foi o povo pra Câmara dos Vereadores	cheguei lá em Salvador, na Câmara dos Vereadores, aí o naipe de sopro dos Filhos de Gandhi estava na porta, começou “fofoooooooooo, fofooooo, fofooooo”, aí já foi, chorei. Aí entrei, vi a Câmara de Vereadores lotada de pessoas da família, lotada de uma população que geralmente não tem acesso à Câmara dos Vereadores, porque eles distribuíram panfleto nas ruas e foi o povo lá.
---	--

(LR, 118, p. 39)

O desenvolvimento do tópico “o prêmio Zumbi dos Palmares” segue em grande parte por recurso ao MD *aí*, responsável pela progressão tópica, como se destaca em (05’).

	Entrevista oral	Entrevista retextualizada
(05’) da descrição do lugar	aí o naipe de sopro dos Filhos de Gandhi estava na porta fofó::: fofófofó:::	aí o naipe de sopro dos Filhos de Gandhi estava na porta, começou “fofoooooooooo, fofooooo, fofooooo”
indicação de mudança de estado do narrador	aí já foi... pá... chorei	aí já foi, chorei
indicação de movimento	aí entrei... vi a Câ/ a Câmara dos Vereadores... lotada de pessoas da família...	Aí entrei, vi a Câmara de Vereadores lotada de pessoas da família.

De forma semelhante atua o agrupamento *e aí* na progressão tópica de um evento narrado, como mostramos em (06).

	Entrevista oral	Entrevista retextualizada
(06)	C.A.: a senhora lembra de algumas favelas que a senhora () [L.E.: ah sim na zona leste sobretudo na zona leste né? eh:: Vila Prudente... lá:: também no no sul da cidade quer dizer então tinha::... C.A.: Marcondes L.E.: a favela Marcondes aí na no norte da cidade onde eu trabalhei também... foram as primeiras experiências de urbanização de favela e aí já era uma relação conflituosa... porque o a a a a ditadura... já fazia o controle da ocupação das terras no no centro urbano e aí foi a primeira luta nossa... né? porque tinha a associação dos assistentes sociais... que que estava desativada por perseguição da ditadura aos profissionais... estava há oito anos desativada...	C.A.: A senhora lembra de algumas favelas? L.E.: Sim, sobretudo na zona leste. Vila Prudente, no sul da cidade. E tinha a favela Marcondes, no norte da cidade, onde eu trabalhava também. Foi uma das primeiras experiências de urbanização de favela, e aí já era uma relação conflituosa, porque a ditadura fazia o controle das ocupações das terras no centro urbano, e aí foi a primeira luta nossa, porque até a associação dos assistentes sociais estava desativada havia oito anos por perseguição da ditadura.

(LE, 122, p. 20)

No nosso corpus, o uso dos MDs *aí* e *e aí* é semelhante, mas há predominância do *aí* para promover a continuidade tópica, certamente por ser um elemento que se encaixa em uma das principais características de um MD prototípico, que é a massa fônica reduzida.

Vejamos em (07) um caso de *mas* como seqüenciador tópico.

(07) Entrevista oral	Entrevista retextualizada
C.A.: ela foi vitoriosa nesse episódio não foi:: Nagashi?	C.A.: A facção foi vitoriosa nesse episódio do Dia das Mães, não foi?
N.F.: quem o:: PCC?	N.F.: Quem, o PCC? Foi, foi. Conseguiram demonstrar uma força que nem a sociedade nem os poderes públicos acharam que eles pudessem demonstrar. Mas eu sempre disse que as mudanças, principalmente num assunto como o do sistema penitenciário, só acabam acontecendo diante das grandes crises.
C.A.: o PCC	
N.F.: foi foi	
[	
C.A.: uma vitória política deles...	
[	
N.F.: conseguiram demonstrar aí uma força que a sociedade nem os poderes públicos imaginavam que eles pudessem demonstrar... mas eu sempre disse que as mudanças eh:: especialmente em assuntos como esse aí de sistema penitenciário só acabam acontecendo diante das grandes crises...	

(NF, 113, p.37)

Como seqüenciador tópico, *mas* atua, principalmente, na expansão tópica, com o acréscimo de informações ao tópico em desenvolvimento, como se verifica na ocorrência acima, em que durante o desenvolvimento do tópico “a vitória do PCC sobre o poder público”, o entrevistado se vale do MD *mas* para expandir o tópico, com o acréscimo de uma informação nova, sua opinião acerca dos fatos relatados por ele anteriormente.

Em (08), exemplificamos o funcionamento do MD *então* como seqüenciador tópico, no texto oral e no texto retextualizado.

(08) Entrevista oral	Entrevista retextualizada
M.C.: essa imagem tradicional é uma imagem que é construída... a partir de dicotomias... e se você toma cada pólo da dicotomia eles são opostos contrários às vezes até contraditórios... você não tem como reunir... e no entanto a imagem... reúne porque como ela é ideologicamente produzida ela vai reunir então você tem a imagem começa... né?... ele é um partido totalitário... como foi dito	M.C.: Essa imagem tradicional é construída a partir de dicotomias. E, se você toma cada pólo da dicotomia, eles são contrários, às vezes até contraditórios, você não tem como reunir. E, no entanto, a imagem reúne, porque, como é ideologicamente produzida, ela vai reunir. Então , a imagem começa: ele é um partido totalitário, isso foi dito em 1980. Só que é um partido sempre em

em mil novecentos e oitenta né? é um partido totalitário... só que... é um partido... sempre em crise porque ele tem inúmeras correntes e tendências internas... então ... você tem um partido totalitário que tem... eh:: divisões e tendências e correntes internas e que por isso está sempre em crise... essa é a primeira imagem... eu sei que ela () mas ela está ali todo dia né? depois ele é um partido arcaico... por quê? porque não faz alianças	crise, porque ele tem inúmeras correntes e tendências internas. Então , você tem um partido totalitário, que tem divisões, tendências e correntes internas, e que por isso está sempre em crise. Depois: ele é um partido arcaico. Por quê? Porque não faz alianças.
--	---

(MC, 104, p. 36)

Em (08), a primeira ocorrência do MD *então* promove o seqüenciamento tópico ao direcionar a argumentação da entrevistada. A segunda ocorrência de *então* dá continuidade ao seqüenciamento sinalizando para uma paráfrase que o segue, tal como exemplificado em (08').

(08') Entrevista oral	Entrevista retextualizada
então você tem a imagem começa... né?... ele é um partido totalitário...	Então , a imagem começa: ele é um partido totalitário
então ... você tem um partido totalitário que tem... eh:: divisões e tendências e correntes internas	Então , você tem um partido totalitário, que tem divisões, tendências e correntes internas.

A análise dos dados revela que o uso do MD *então* enquanto seqüenciador tópico permite que o falante organize internamente as informações sobre um referente e, por vezes, indica o destaque de uma característica mais forte, que, no caso do trecho (08), é o fato de uma determinada entidade ser um “partido totalitário”.

Já em (09), segue um exemplo de uso do MD *agora*, um dos mais freqüentes na função de seqüenciamento tópico.

(09) Entrevista oral	Entrevista retextualizada
M.R.: eu acho que racismo é racismo em qualquer lugar do planeta... agora ... a forma como ele se manifesta difere a partir do do do caldo cultural de cada país... eu acho que no Brasil de fato é uma riqueza essa nossa mistura... né?	M.R.: Eu acho que racismo é racismo em qualquer lugar do planeta. Agora , a forma como ele se manifesta difere a partir do caldo cultural de cada país. No Brasil, de fato é uma riqueza a nossa mistura.

(MR, 116, p. 35)

No trecho (09), o MD *agora* assume traço argumentativo forte, o que, de acordo com Risso (2006), aponta para a característica prospectiva do *agora*. Tal característica permite que o MD atue na reordenação dos argumentos, apontando para o prevalecimento do argumento mais forte introduzido por ele. Percebemos, em todas as ocorrências desse MD com a função de seqüenciador tópico, esse caráter prospectivo e o fato de apontar para a sobreposição de um argumento mais forte sobre um anteriormente dado. É o que acontece em (09): a entrevistadora primeiramente apresenta o argumento de que “racismo é racismo em qualquer parte”, para sobrepor a este o argumento de que o que difere é a forma como ele se apresenta de um lugar para o outro.

Em (10), segue uma ocorrência do MD *quer dizer*. Conforme pode se observar na tabela 5 anteriormente apresentada, de todos os MDs que foram mantidos no texto retextualizado com a função de seqüenciamento tópico, *quer dizer* é o único que exerce somente essa função.

(10) Entrevista oral	Entrevista retextualizada
C.G.: aí a última foi crue/crudelíssima essa eu sofri muito... porque foi o negócio da Patrícia... quer dizer ... as pesquisas tais qualitativas lá do do Serra... anotavam a minha mulher como uma:... figura interessante que reforçava a minha... persona sei lá o que isso eu fiquei sabendo depois... e aí () e agora que eu fui entender muito depois e é erro meu então eu não estava preparado pra ser presidente do Brasil...	C.G.: Aí a última foi cruelíssima, sofri muito, porque foi o negócio da Patrícia. Quer dizer , as pesquisas qualitativas lá do Serra anotavam a minha mulher como uma figura interessante, que reforçava minha persona, sei lá o quê. Isso eu fiquei sabendo depois, e aí fui entender o erro meu, eu não estava preparado para ser presidente do Brasil...
	(CG, 110, p. 38)

No trecho (10), o MD *quer dizer* anuncia uma paráfrase da expressão “o negócio da Patrícia”. Vê-se que o entrevistado pressupõe a necessidade de explicitar a informação para o entrevistador e para o leitor da revista, que podem não ter esse conhecimento compartilhado com o entrevistado, e antecipa um possível questionamento do entrevistador. Hilgert (2006, p. 279) afirma, sobre o MD *quer dizer*, que:

com muita frequência, anuncia paráfrases. Não raramente, porém, ele funciona, do ponto de vista conversacional, como recurso para o enunciador imediatamente retomar a palavra, após o sinal do ouvinte, ou até para introduzir correções. Aliás, os marcadores fracos são reconhecidos como parafrásticos *a posteriori*, isto é, somente quando um certo grau de equivalência semântica tiver sido identificado entre o enunciado reformulador e o reformulado. Já os marcadores fortes, ao contrário, por terem inscrita sua função específica na própria significação lexical, são parafrásticos *a priori*: não dependem da percepção do grau de equivalência semântica entre matriz e paráfrase para serem reconhecidos como tais

Os marcadores fortes para paráfrase, segundo Hilgert, são *como em outras palavras*, *como disse há pouco*, *como você falou* e os marcadores fracos são o *então* e o *quer dizer*, fato que pode explicar porque eles participam escassamente nessa função.

1.1.3. MDs com função de retomada tópica

Alguns MDs, nos contextos em que funcionam como predominantemente textuais, podem promover também a *retomada tópica*. Quando um tópico é desenvolvido, ele pode ser diversas vezes interrompido, seja por parênteses, seja por tópicos inseridos. A interrupção pode gerar o desenvolvimento de um novo tópico, mas pode ser que o falante queira continuar o tópico desenvolvido antes da interrupção. Um dos mecanismos de retomada tópica é a utilização de MDs, como os arrolados na tabela 7 a seguir.

MD	Total de ocorrências
<i>agora</i>	11/51 (22%)
<i>bom</i>	13/13 (100%)
<i>e</i>	18/194 (9%)
<i>e aí</i>	2/36 (5,5%)
<i>então</i>	68/110 (62%)
<i>mas</i>	11/27 (41%)
TOTAL	123/528 (23%)

Tab. 7: MDs de retomada tópica mantidos no texto retextualizado.

De acordo com os dados da tabela 7, os MDs *agora*, *bom*, *e*, *e aí*, *então* e *mas* atuam na retomada de um tópico após a introdução de uma construção parentética ou de um outro tópico, o que lhes confere, em maior ou menor grau, característica anafórica. Além disso,

esses MDs apresentam potencial de explicitar a organização local do discurso, tanto no texto falado como no retextualizado.

Para essa função, se considerarmos, do total de ocorrências dos MDs predominantemente textuais mantidos no texto retextualizado, verificamos que é fraca a tendência de esses MDs atuarem no desempenho da retomada de tópico. Entretanto, há que se considerar as particularidades dos MDs *bom* e *então* de frequência bastante acentuada, relativamente às outras funções que exercem. São esses dois MDs elementos que possuem grande capacidade de retomar um tópico anteriormente desenvolvido.

Em (11), segue uma ocorrência exemplificativa da atuação de *bom* na retomada tópica quando é mantido no processo de retextualização.

(11) Entrevista oral	Entrevista retextualizada
M.C.: malgrado essa intenção... a gente elegeu parlamentares... eu me lembro do Zé Ciccotti... eh:: chegando no diretório... estadual... muito bravo que ele tinha sido eleito deputado ((risos dos entrevistadores)) então ele chegou muito bravo... e disse “e agora?”... o que que eu vou fazer quando todo mundo sabe que deputado é canalha?”... ele estava desesperado ele não sabia o que fazer com aquilo... né? e:: ele queria saber se ele podia:: renunciar ((risos dos entrevistadores)) aí... aí diziam pra ele “não existe renúncia de deputado você pode não tomar posse Ciccotti” aí explicaram pra ele que era importante um operário que tinha sido o papel que ele tinha tido nas greves do ABC... ele tinha que tomar posse que isso era uma coisa importante marcava posição e tal e ele foi contra vontade muito contra vontade... bom... Ao serem eleitos os primeiros parlamentares foram tomadas duas decisões... formidáveis...	M.C.: Malgrado essa intenção, <u>a gente elegeu parlamentares</u>. Eu me lembro do Zé Ciccotti chegando no diretório estadual muito bravo, ele tinha sido eleito deputado. Chegou muito bravo e disse: “E agora? O que eu vou fazer quando todo mundo sabe que deputado é canalha?” Estava desesperado, não sabia o que fazer com aquilo. Ele queria saber se podia renunciar. Diziam pra ele: “Não existe renúncia de deputado, você pode não tomar posse” Aí explicaram pra ele que era importante, um operário, o papel que ele tinha tido nas greves no ABC, que ele tinha que tomar posse, que marcava posição e tal. E ele foi, muito contra a vontade. Bom, ao serem eleitos os primeiros parlamentares, foram tomadas duas posições formidáveis.

(MC, 104, p. 34)

O tópico desenvolvido em (11), acerca da eleição de parlamentares do PT, é interrompido para a inserção de um tópico que exemplifica uma situação particular do tópico desenvolvido anteriormente. Assim, o MD *bom* faz a retomada do tópico, que volta a ser

desenvolvido: “Malgrado essa intenção a gente elegeu parlamentares (...) **bom** ao serem eleitos os primeiros parlamentares”.

Em (12), apresentamos um caso do MD *então* promovendo retomada tópica.

(12) Entrevista oral	Entrevista retextualizada
F.C.G.: essa pergunta eu vou ter que esculhamba:rr com todo mundo C.A.: por favor F.C.G.: porque uma operação de rotina pela minha experiência que trabalhei eu trabalhei infiltrado [...] Vedoin você está com Vedoin no grampo... aí vai ele vai Vedoin vai fazer o que? ele vai vender um dossiê... falso nós estamos falando agora né?... a nossa notícia é que ele vai vender um dossiê... falso nós estamos falando o o o PT diz que é falso o outro diz que não é então... não interessa ele vai vender um dossiê... por dois milhões um milhão e setecentos cinco parece que começou com dez com quinze essa é a história que nós temos... que vocês também têm... aí que que a polícia tem? nós temos um camarada que está envolvido com sanguessuga ambulância já está até a tampa entrou em cana saiu ele filho parente irmão cunhado papagaio tudo... aí ele vem em São Paulo... entregar esse dossiê... eu sou policial comandante... eu estou co/comandando aquilo ali... qualquer policial que tenha a experiência que eu tenho que Sabino tem faria o que eu vou dizer... o cara vem entregar e é isso que a Polícia Federal vem fazendo... com aqueles vampiro com aqueles gafanhoto tudo lá... essas duzentas e poucas operações que vocês estão vendo todas foram feitas desse jeito... e o Paulo Lacerda deu uma entrevista falando disso que eu vou dizer que é assim que a Federal trabalha agora... não mete mais o pé na porta é inteligência... que faltou agora... não foi só pros aloprados que faltou inteligência então o cara vem entregar um negócio... que que eu faço?	F.C.G.: Essa pergunta... vou ter que esculhambar todo mundo. Porque uma operação de rotina, pela minha experiência, que trabalhei infiltrado, é o seguinte: você está com o Vedoin no grampo, aí ele vai <u>vender um dossiê</u>, falso, estamos falando agora, né? Por 1,7 milhão, parece que começou com 10, 15 milhões. Aí o que a polícia tem? Tem um camarada envolvido em sanguessuga, ambulância, já entrou em cana, saiu, ele filho, irmão, cunhado, papagaio, tudo aí ele vem a São Paulo entregar <u>esse dossiê</u>. Eu estou comandando, e qualquer policial com a experiência que eu tenho faria o que vou dizer, é isso que a Polícia Federal vem fazendo com aqueles vampiros, gafanhotos etc., essas duzentas e poucas operações que foram todas feitas desse jeito, o Paulo Lacerda deu uma entrevista falando disso que vou dizer, que é assim que a Federal trabalha agora. Não mete mais o pé na porta, é inteligência que faltou agora, que não foi só pros aloprados que faltou inteligência. Então, o cara vem entregar <u>um negócio</u>... O que eu faço?

(FCG, 115, p. 36)

Em (12), o tópico “a venda de um dossiê” começa a ser desenvolvido e é intercalado por outros tópicos: “as operações da polícia federal” e “a entrevista de Paulo Lacerda”.

Alguns trechos do tópico intercalado são excluídos do processo de retextualização, outros são

mantidos, e o tópico “venda de um dossiê” é retomado por meio de uma expressão mais genérica, “entregar um negócio”, que é introduzida pelo MD *então*.

Em (13), a retomada tópica é feita pelo MD *e*, tanto no texto oral como no retextualizado.

(13) Entrevista oral	Entrevista retextualizada
M.R.: eu nasci... numa cidade chamada Flórida Paulista... é um pontinho no mapa que algum gringo passou por lá algum dia talvez... mas eu não conheço essa cidade porque não morei lá... eh:: logo... pequena meu pai:: se mudou pra dessa cidade pra uma próxima que se chama Adamantina... [C.A1.: uhun [M.R.: foi lá que eu vivi até os nove anos... eh:: na época meu pai quando eu nasci eu nasci num num sítio na roça meu pai e minha mãe trabalhavam... na roça... C.A2.: roça deles? M.R.: não eh:: aqueles esquemas de:: C.A3.: arrendado? M.R.: não eles não eram não [C.A.2.: parceiros? [M.R.: eles não tinham nenhuma propriedade não eles eram trabalhadores... eh:: braçais mesmo não tinha nenhuma propriedade era:: o que eles contam é que... era... chamam de colônia né? era um um numa... um um lugar que moravam algumas fa/famílias... que iam lá para trabalhar na na terra de alguém... e:: meus pais tiveram as duas primeiras filhas nesse lugar... o:: sítio se chamava Troncão é o que meu pai falava que nem existe mais não é? e:: depois quando fomos pra Adamantina meu pai eh... trabalhou um tempo ainda eh::... na área de serviço rural... depois ele entrou numa:: numa fábrica eh:: era alguma coisa relacionada a refinamento de óleo... e como operário...	M.R.: Nasci numa cidade chamada Flórida Paulista, é um pontinho no mapa, talvez algum gringo que passou por lá algum dia. Mas não conheço a cidade, porque logo pequena meu pai se mudou para <u>Adamantina</u>. Quando nasci, num sítio, meu pai e minha mãe trabalhavam na roça. C.A2.: Roça deles? M.R.: Não, eram trabalhadores braçais mesmo, não tinham nenhuma propriedade. E depois, em Adamantina, meu pai trabalhou um tempo ainda na área de serviço rural, depois entrou em uma fábrica como operário.

(MR, 116, p. 31)

Em (13), no início do desenvolvimento do tópico, a entrevistada cita a cidade de “Adamantina”, para indicar o lugar para onde se mudou quando criança. No texto oral, após ocorrer um tópico intercalado a respeito da propriedade de terra em que morava, o tópico

desenvolvido anteriormente volta a ser desenvolvido pela entrevistada. Na retextualização, parte do tópico intercalado é retirado, mas o MD *e*, responsável pela sinalização da retomada tópica, é mantido e o desenvolvimento do tópico continua.

Também atua como promotor de retomada tópica o MD *mas* em contextos como o dado em (14).

(14) Entrevista oral	Entrevista retextualizada
L.R.: tinha tinha muitas árvores pé de goiaba... eh hoje em dia nem existe mais essa área que vendeu esse fundo e agora construiu uma casa atrás mas tinha pé de goiaba manga... eh um monte de arbustos um monte de plantas medicinais que Dindinha era eh:: toda caseira né? ela sempre sabe que folha fazer pra qual doença dor de barriga pra gripe pra não sei que então ela tinha uma hortinha [C.A.: e ela está bem? L.R.: Dindinha? está firme e forte	L.R.: Tinha, tinha pé de goiaba, hoje em dia nem existe mais essa área, que se vendeu esse fundo e se construiu uma casa atrás. Mas tinha pé de goiaba, manga, um monte de arbustos, umas plantas medicinais, Dindinha é toda caseira, ela sempre sabe que folha fazer pra qual doença, dor de barriga, pra gripe, pra não sei o que, então ela tinha a hortinha. C.A.: E ela está bem? L.R.: Dindinha está firme forte. Impressionante! Está mais forte que eu.

(LR, 118, p. 33)

Na ocorrência (14), o MD *mas* retoma o tópico que estava sendo desenvolvido, “descrição da casa onde morava na infância” a partir do último referente citado antes do parêntese: “tinha *pé de goiaba* (...) **mas** tinha *pé de goiaba*”.

O MD *e aí* é mantido no texto retextualizado como elemento que retoma tópico em apenas duas ocorrências. Segue, em (15), um dos casos de *e aí*.

(15) Entrevista oral	Entrevista retextualizada
C.G.: fomos pra casa do Itamar que era uma casa... no Lago... casa... chegamos à casa do Itamar estava cheia de gente... na sala na cozinha na sala de jantar muita gente... e eu lembro primeira figura assim que... que veio pra nossa linha de frente disse “pelo amor de Deus não façam isso comigo” disse “o que que houve” e tal era o Gustavo Krause “que que houve” e tal Itamar vem... num dá tempo de Gustavo Krause responder à pergunta... aí Itamar vem e disse assim “eu preciso falar com os senhores” e aí nos leva pro quarto dele fecha a porta... estou contando a história pra tipificar o que eu estou falando da... do provincianismo... dessa contradição que está	C.G.: Fomos para o Itamar, uma casa no Lago, chegamos e estava cheia de gente, na sala, cozinha, muita gente e lembro a primeira figura que veio para nossa linha de frente: “Pelo amor de Deus, não façam isso comigo”. Eu disse: “O que houve?”. Era o Gustavo Krause. Não dá tempo de ele responder à pergunta e o Itamar vem: “Eu preciso falar com os senhores”, e nos leva para o quarto dele e fecha a porta. Estou contando a história para tipificar o que eu estou falando do provincianismo dessa contradição que está fazendo muito mal ao Brasil. E aí o Itamar nos faz a seguinte afirmação – eu, garoto, foi a primeira vez que gelei assim: “Queria comunicar aos senhores que não vou assumir a

fazendo muito mal ao Brasil... **e aí** o Itamar nos faz a seguinte... afirmação... e eu garoto foi... a primeira vez que eu... gelei assim... “queria:: comunicar aos senhores que eu não vou assumir a Presidência”...

Presidência”.

(CG, 110, p. 33)

O MD *e aí* na ocorrência (15) retoma a narrativa que vinha sendo desenvolvida e é interrompida por um parêntese voltado para o desempenho comunicativo do locutor, uma vez que o locutor interrompe o tópico para chamar a atenção para o motivo da narrativa, como explicitado em (15’).

(15’)	Entrevista oral	Entrevista retextualizada
	E aí nos leva pro quarto dele fecha a porta... <i>estou contando a história para tipificar o que eu estou falando do provincianismo dessa contradição que está fazendo muito mal ao Brasil</i> e aí o Itamar nos faz a seguinte afirmação	e nos leva para o quarto dele e fecha a porta. <i>Estou contando a história para tipificar o que eu estou falando do provincianismo dessa contradição que está fazendo muito mal ao Brasil.</i> E aí o Itamar nos faz a seguinte afirmação

Por fim, em (16) temos uma ocorrência exemplificativa do MD *agora* retomando tópico, no texto oral e no retextualizado.

(16)	Entrevista oral	Entrevista retextualizada
	F.C.G.: olha não vou dizer que foi enganado porque a forma que foi identificado o grampo o cara não tinha um equipamento tão preciso quanto o nosso... porque o grampo hoje esse negócio de você botar aqui a variação de de de eletricidade... e quando você faz o grampo aqui no () e você tem outro na extensão aí funciona esse esse equipamento dele... mas se você faz os grampos de hoje digital o cara não cai não cai nada... o cara não tem como saber se está grampeado [C.A.: mas então ele poderia estar grampeado? F.C.G.: ele poderia estar mas lá na central que grampo de central ninguém pega... de celular ninguém pega porque nós fazemos grampo onde? nós fazemos grampo na célula... não tem uma torrezinha aqui por perto? é aí que nós grampeamos... é aí que nós grampeamos quando você muda dessa eu grampeio a outra porque eu tenho um escâner que me diz onde você está... esses filme que fala que identifica onde você ta	F.C.G.: Não vou dizer que foi enganado, é porque o rapaz não tinha um equipamento tão preciso quanto o nosso. Porque, se você faz um grampo de hoje, digital, não cai nada. Não tem como saber se está grampeado. C.A.: Então ele poderia estar grampeado? F.C.G.: Poderia, mas lá na central, porque grampo de central ninguém pega. De celular ninguém pega. Porque nós fazemos o grampo onde? Fazemos na célula, não tem uma torrezinha aí por perto? É ali que grampeamos. Quando você muda dessa, eu grampeio a outra, porque tenho um escâner que me diz onde você está. Esses filmes que falam que se identifica onde você está pelo celular é verdade. Onde você estiver com o celular, eu sei onde você está, porque o celular tem um GPS interno. Agora , o equipamento que o rapaz usou pra falar que tinha grampo poderia ser uma queda de energia.

pelo... pelo celular é verdade você onde você estiver com o celular eu sei onde você está... isso aqui é um GPS interno aqui pô... entendeu? **agora** o equipamento que o cara usou pra falar pra ele que tinha grampo... poderia ser uma queda de energia que estava todo mundo usando fax naquela hora

(FCG, 115, p. 38)

Em (16), o MD *agora* retoma o desenvolvimento tópico após a intercalação de um outro tópico, como explicitado em (16').

Entrevista oral (16') <i>o rapaz não tinha um equipamento tão preciso quanto o nosso.</i> (...) Agora, o equipamento que o rapaz usou pra falar que tinha grampo poderia ser uma queda de energia.	Entrevista retextualizada <i>o cara não tinha um equipamento tão preciso quanto o nosso...</i> (....) agora o equipamento que o cara usou pra falar pra ele que tinha grampo...
--	---

O papel do MD *agora* na retomada tópica é sinalizar o retorno ao tópico que havia sido interrompido para que ele continue sendo desenvolvido. A manutenção desse MD no texto retextualizado decorre da manutenção da estrutura tópica do texto oral.

Na seção seguinte encontra-se a descrição do funcionamento dos MDs predominantemente textuais mantidos que apontam para o fechamento tópico.

1.1.4. MDs com função de *fechamento tópico*

Como vimos nas seções anteriores, os MDs predominantemente textuais mantidos no processo de retextualização podem atuar na organização tópica introduzindo um tópico novo, promovendo o seqüenciamento de um tópico e retomando um tópico após sua interrupção. Tais elementos também atuam no *fechamento tópico*, mas em quantidade bastante reduzida quando comparados com as funções anteriormente descritas, como mostra a tabela 8.

MD	Total de ocorrências
<i>então</i>	12/110 (11%)
<i>mas</i>	3/27 (11%)
TOTAL	15/528 (3%)

Tab. 8: MDs de fechamento tópico mantidos no texto retextualizado.

Apenas dois MDs, *então* e *mas*, em nosso corpus, indicam a finalização de um tópico, com maior número de ocorrências do *então* (12) do que de *mas* (3), justamente por aquele guardar características da base adverbial (advérbio conclusivo) de que deriva. Em termos percentuais, entretanto, relativamente ao número total do MDs predominantemente textuais mantidos no texto retextualizado (15/528=3%), constatamos que não há predominância de um MD sobre outro na função de fechamento de tópico.

Seguem em (17) e (18) exemplos de cada um desses MDs.

(17) Entrevista oral	Entrevista retextualizada
C.G.: pode não ser nada pode não fazer diferença nenhuma mas é diferente... na realidade é diferente e há um terceiro grupo... há um outro que é a promiscuidade absoluta... que é a contribuição amarrada a traficância de influência... no fra/ na fração de poder que aquele financiado vai eminentemente ocupar ou não e aí as finanças da campanha se misturam com as finanças pessoais e:: enfim e há promiscuidade com o setor público e tal... então são são esses três ângulos é claro que... como há uma disfunção institucional é tudo crime C.A.: mas sempre deu certo... C.G.: ah sim [C.A.: por que não deu certo agora?	C.G.: Pode não ser nada, pode não fazer diferença nenhuma, mas na realidade é diferente. E há um terceiro grupo, que é a promiscuidade absoluta, a <u>doação amarrada à traficância de influência na fração de poder que aquele financiado vai eminentemente ocupar ou não</u>, e aí as finanças da campanha se misturam com as <u>finanças pessoais</u> e há promiscuidade com o setor público, etc. Então são esses três ângulos - claro que, como há uma discussão institucional, é tudo crime. C.A.: Mas sempre deu certo. Por que não deu certo agora?

(CG, 110, p. 34)

O MD *então* na ocorrência (17) indica a finalização do tópico discursivo, sinalizando para um amarramento de todo o tópico desenvolvido, já que aponta para a exposição de “três ângulos” sobre o tema desenvolvido (finanças de campanha, tráfico de influência e finanças pessoais). Assim, o locutor organiza o desenvolvimento de seu raciocínio e indica para o interlocutor que chegou ao fim, dando possibilidade para a introdução de outro tópico.

Já a ocorrência (18) mostra o funcionamento do MD *mas* no fechamento tópico.

(18) Entrevista oral	Entrevista retextualizada
O.N.: eu acho que a América Latina vai se organizar o:: a gente não sabe o que vai acontecer com o Bush né? ele está desmoralizado mas está com as armas... é um tarado né?... um dia eu disse aqui que ele era um filho da puta... passou um tempo veio um:: um sujeito me entrevistar ele soube disso “doutor Niemeyer o senhor disse que o Bush é um filho da puta?”... eu disse “olha não conheço a mãe dele mas ele é um filho da puta” ((risos))... mas é isso acho que tem esperança C.A1.: Oscar eh só pra completar [O.N.: o que me incomodou muito na no CPI era a maneira que que um deputado questionava o outro né? eles estavam naquilo muitos anos deviam ser amigos não é? fazer um um inquérito assim mais:: mais ami/ não digo amigável mais... C.A2.: educado [O.N.: () [C.A3: civilizado O.N.: sem ofender não é?	O.N.: Acho que a <u>América</u> Latina vai se organizar, a gente não sabe o que vai acontecer com o <u>Bush</u>, ele está desmoralizado, mas está com as armas, né? E é um tarado. Um dia eu disse aqui que ele era um filho da puta. Passou um tempo, um sujeito veio me entrevistar e ele soube disso e perguntou: “Doutor Niemeyer, o senhor disse que o Bush é um filho da puta?” Eu disse: “Olha, não conheço a mãe dele, mas ele é um filho da puta”. Mas tem esperanças... O que me incomodou muito nessas CPIs foi a maneira com que um deputado questionava o outro. Eles estavam naquilo havia muitos anos, deviam ser amigos, fazer um inquérito mais educado, sem ofender.

(ON, 112, p. 35)

O *mas* no trecho (18), uma das poucas ocorrências desse MD em finalização tópica, aponta para a finalização do tópico discursivo “organização da América Latina”, numa espécie de resumo do tópico, em que o entrevistador diz haver esperança nessa organização: “**mas** é isso ... *acho que tem esperança/ Mas tem esperanças*”. A finalização do tópico é percebida pelo entrevistador, que tenta inserir um tópico, mas é interrompido pelo entrevistado que faz a introdução do tópico seguinte.

▪ Resumo

Do até aqui exposto para os MDs predominantemente textuais mantidos no processo de retextualização, devem ser destacados tanto a especialização de função exercida por cada

um dos MDs, quanto o MD mais prototípico para cada uma das funções. É o que segue apresentado na tabela 9, que resume os resultados mostrados nas seções anteriores.

MD/Função	Introdução de tópico	Seqüenciamento de tópico	Retomada de tópico	Fechamento de tópico	Total de ocorrências
<i>agora</i>	3	37	11	-	51
<i>aí</i>	1	88	-	-	89
<i>bom</i>	-	-	13	-	13
<i>e</i>	12	164	18	-	194
<i>e aí</i>	-	34	02	-	36
<i>então</i>	-	30	68	12	110
<i>mas</i>	-	13	11	03	27
<i>quer dizer</i>	-	08	-	-	8
TOTAL	16	374	123	15	528

Tab. 9: Função exercida pelos MDs predominantemente textuais mantidos no texto retextualizado.

Como se observa na tabela acima, nem todos os MDs mantidos participam de todas as funções predominantemente textuais. Por um lado, há MDs de caráter mais multifuncionais, como é o caso de *agora*, *e*, *então* e *mas*, e, de outro, os de função única, como *bom* e *quer dizer*. Entre esses extremos, encontram-se os MDs *aí* e *e aí*. Essa distribuição não se explica como mero reflexo estatístico dos dados, o que significaria dizer que maior diversidade de funções (*types*) se explicaria pelo maior número de ocorrências (*token*). Seguramente esse não é o caso, quando comparamos o número de funções desempenhadas por *e* e por *então* (3 funções para 194 e 110 ocorrências respectivamente) ao mesmo número de funções desempenhadas por *mas* (com apenas 27 ocorrências), número bastante inferior ao de ocorrência de *aí* (89), que executa apenas duas funções.

Dentre os MDs com número maior de funções, *e* e *agora* cumprem as funções de *introdução*, *seqüenciamento* e *retomada de tópico*, enquanto *então* e *mas* cumprem as funções de *seqüenciamento*, *retomada* e *fechamento de tópico*. Em função binária, estão os MDs *aí* e *e aí*, ambos mais atuantes no *seqüenciamento de tópico*, função única que também se destaca para o MD *quer dizer*. O que se observa, então, é que a função de *seqüenciamento de tópico* é a mais susceptível à codificação pelos diversos MDs predominantemente textuais mantidos no

processo de retextualização, enquanto a de *introdução* e *fechamento de tópico* são as funções menos sinalizadas textualmente.

Promovendo agora uma leitura horizontal da tabela 9, há que se destacar, entretanto, a especialidade de cada um dos MDs, que podem ser agrupados em dois blocos: o primeiro, que engloba os MDs especializados na função de *seqüenciamento tópico*, como é o caso de *agora*, *aí*, *e*, *e aí*, *mas* e *quer dizer*, e o segundo, especializado na função de retomada de tópico, como é o caso de *bom* e de *então*.

Distribuindo, numa escala, as funções predominantemente textuais para os MDs mantidos no processo de retextualização, teríamos a seguinte hierarquização:

Quadro 4: Escala hierárquica de função de MDs predominantemente textuais mantidos no texto retextualizado.

seqüenciamento de tópico > retomada de tópico > introdução de tópico > fechamento de tópico

1.2. MDs suprimidos no processo de retextualização

A análise do grupo dos MDs que foram suprimidos do processo de retextualização nos levou à observação de que esses elementos são suprimidos em três contextos:

(i) O MD foi suprimido porque o trecho em que ele estava no texto falado foi retirado no processo de retextualização, como exemplificado em (19).

(19) Entrevista oral	Entrevista retextualizada
W.G.S.: existe um representante no Knesset Knesset na na na Assembléia Legisla/ na Câmara israelense no parlamento israelense de um partido árabe radical o:: o ou um partido democrático árabe algum coisa assim que é um partido radical sabe? UM representante... o que que acontece? acontece que esse um representante numa Câmara acho que são sessenta ele não... não compromete não dificulta não perturba em nada o funcionamento do sistema político israelense... está lá leva as suas... e teve eu não me recordo agora o número qual é o número de votos que ele tem normalmente... retira esse cidadão de lá... e	W.G.S.: É só um representante no Knesset que não perturba em nada o funcionamento do sistema político israelense. Mas, se você retira esse cidadão de lá e, portanto, deixa de fora essa fração de eleitores que têm princípios muito sólidos, o que eles vão fazer? Vão pras ruas, não é? Você chega nesse município brasileiro onde tem esse caretinha, é a mesma coisa.

portanto deixa ESta fração... C.A.: de fora W.G.S.: que tem princípios e... muito sólidos de fora... que que eles vão fazer? vão pra rua não vai pra rua?... você chega nesse município onde tinha esse caretinha é a mesma coisa	
--	--

(WGS, 115, p. 29)

A construção parentética encabeçada pelo MD *e* foi eliminada do processo de retextualização, o que impossibilitaria o aparecimento do MD no texto retextualizado. Uma vez que o enfoque dessa pesquisa é o texto retextualizado, não nos detemos nesses casos, pois muitos são os trechos eliminados na passagem do texto oral para o escrito, e caberia a descrição desses elementos a um trabalho que se propusesse a analisá-los no texto oral;

(ii) Houve muitas modificações, sintáticas, semânticas e pragmáticas no trecho em que o MD estava inserido e sua supressão faz parte dessas mudanças ocorridas durante o processo de retextualização;

(iii) O trecho em que o MD aparecia no texto falado é mantido no processo de retextualização, ainda que com modificações para adaptação do texto oral ao escrito, mas o MD é suprimido.

Nesta seção descreveremos o comportamento dos MDs predominantemente textuais, mas as observações feitas acima sobre a supressão de MDs é válida também para os predominantemente interacionais, que serão discutidos em seção dedicada a esses MDs.

Na tabela abaixo está o total de MDs predominantemente textuais suprimidos no processo de retextualização.

MD	Total de ocorrências
<i>agora</i>	7 (3%)
<i>aí</i>	37 (16%)
<i>bom</i>	9 (4%)
<i>e</i>	63 (27%)
<i>e aí</i>	17 (7%)
<i>então</i>	63 (27%)
<i>mas</i>	23 (10%)
<i>olha</i>	1 (0,4%)

<i>quer dizer</i>	12 (5%)
TOTAL	232 (100%)

Tab. 10: Total de MDs predominantemente textuais suprimidos no texto retextualizado.

É importante salientar que os MDs suprimidos tratados neste trabalho não correspondem ao total dos elementos que foram retirados em todo o processo de retextualização, mas àqueles presentes nos trechos selecionados, conforme descrito no capítulo 2. Os números da tabela 10 mostram que a quantidade de MDs suprimidos (232) é inferior a de mantidos (528), o que aponta para a grande funcionalidade dos MDs na construção do texto retextualizado.

1.2.1. MDs com função de *introdução de tópico*

Nesta seção apresentamos os MDs predominantemente textuais que exerciam a função de *introdução de tópico* no texto oral e que foram suprimidos no texto retextualizado. Na tabela 11, são apresentados os tipos e a quantidade de MDs com essa função que foram suprimidos.

MD	Total de ocorrências
<i>agora</i>	1/7 (14%)
<i>e</i>	3/63 (5%)
TOTAL	4/232 (1%)

Tab. 11: MDs de introdução de tópico suprimidos no texto retextualizado.

Dentre os MDs suprimidos no processo de retextualização os MDs *e* e *agora* funcionavam como introdutores de tópico no texto oral e são responsáveis por apenas 1% das supressões totais. Assim, a maior tendência, como visto anteriormente, é de que eles sejam mantidos no texto retextualizado. Os trechos de (20) e (21) ilustram o que ocorre com esses MDs.

(20)	Entrevista oral	Entrevista retextualizada
	C.A1.: acho que você podia... contar a sua infância... como é que foi... e aí a gente vai	C.A1.: Você podia começar pela infância, como geralmente fazemos.

perguntando na seqüência... L.R.: tá a minha infância foi... primeiro eu nasci em Salvador depois (de) pequeno fui morar numa ilha... chamada ilha de Pati... que é a ilha de onde minha família vem... uma ilha pequenininha que fica no recôncavo baiano tem... no máximo uns trezentos habitantes... não sei meu pai e minha mãe são de lá... eh... mas muito pequeno logo eu fui pra Salvador... C.A2.: e que seu pai fazia? L.R.: meu pai era operador de máquinas do pólo petroquímico de Camaçari	L.R.: Primeiro eu nasci em Salvador, depois pequeno fui morar na ilha de Pati, que é de onde minha família vem, uma ilha pequenininha no Recôncavo Baiano, tem no máximo uns trezentos habitantes, meu pai e minha mãe são de lá. C.A2.: O que seu pai fazia? L.R.: Meu pai era operador de máquinas do Pólo Petroquímico de Camaçari...
--	---

(LR, 118, p. 33)

O MD *e* é suprimido em razão da alteração no modo como a pergunta é feita, mostrando a preferência pela eliminação tanto do MD quando da repetição do pronome *que*. A diferença de sentido ocorre no desenvolvimento das informações, já que com o MD *e* fica explícita a construção conjunta da interação, pois o tópico introduzido pelo *e* tem como base o fato de o entrevistado ter citado seu pai na resposta anterior. Já no texto retextualizado, sem o MD *e*, a pergunta fica “solta”, podendo ser encaixada em qualquer ponto de qualquer entrevista, rompendo, portanto, a unidade tópica.

Vejamos em (21) o único caso de MD *agora* com função de introdução de tópico suprimido do texto retextualizado.

(21) Entrevista oral	Entrevista retextualizada
N.F.: por isso que eu sempre defendi não é... eh aperfeiçoando a revista que vai se impedir o uso do celular... é evitando que o sinal chegue aos locais [...] C.A.: agora e e para o futuro doutor Nagashi o senhor... como o senhor vê essa situação o PCC... ao que tudo indica eh::..... nas condições atuais não há como eliminá-lo...	N.F.: Por isso sempre defendi: não é aperfeiçoando a revista que vão impedir o uso do celular. É impedindo que o sinal chegue aos locais... C.A.: E, para o futuro, como o senhor vê a situação? Ao que tudo indica hoje, não há como eliminar o PCC.

(NF, 113, p. 35)

Em (21), após o desenvolvimento do tópico sobre o bloqueio do sinal de celulares nos presídios, que continua sendo desenvolvido no trecho que foi eliminado do processo de

retextualização, o entrevistado opta por introduzir um novo tópico, a respeito dos planos futuros do entrevistado. O uso do MD *agora* anuncia a mudança de tópico, já que estavam falando sobre um problema que aconteceu quando o entrevistado ocupava o cargo de secretário de segurança pública. Na retextualização, o MD *agora* é retirado, deixando de estabelecer essa relação, e é deixado somente o MD *e* com a função de introduzir o tópico, marcando assim apenas uma relação intertópica.

1.2.2. MDs com função de *seqüenciamento tópico*

Examinamos aqui o comportamento dos MDs predominantemente textuais na função de seqüenciamento tópico, também suprimidos do processo de retextualização. Para tanto, observamos o contexto de ocorrência dos MDs no texto oral e analisamos a motivação da supressão e os efeitos de sentido que as eliminações dos MDs promovem no texto retextualizado. Seguem os resultados na tabela 12.

MD	Total de ocorrências
<i>agora</i>	2/7 (29%)
<i>aí</i>	20/37 (54%)
<i>bom</i>	9/9 (100%)
<i>e</i>	40/63 (63%)
<i>e aí</i>	5/17 (29%)
<i>então</i>	25/63 (40%)
<i>mas</i>	3/23 (13%)
<i>olha</i>	1/1 (100%)
<i>quer dizer</i>	8/12 (67%)
TOTAL	113/ 232 (48%)

Tab. 12: MDs de seqüenciamento tópico suprimidos no texto retextualizado.

Os resultados da tabela 12 permitem constatar a grande variedade de MDs com função de seqüenciamento tópico suprimida do texto retextualizado. No entanto, se comparada com a quantidade de MDs seqüenciadores de tópico mantidos no texto retextualizado (cf. tabela 5), é possível verificar que há mais MDs *e*, *aí*, *agora*, *e aí*, *então* e *mas* mantidos do que

suprimidos. O MD *quer dizer* aparece na mesma quantidade, mantido e suprimido, e os MDs *bom* e *olha* não são mantidos na função de seqüenciamento tópico, mas são suprimidos.

Nas ocorrências a seguir, deve-se atentar para o fato de que os MDs são suprimidos tanto nos contextos em que a proposição da qual ele participa sofre muitas modificações durante o processo de retextualização como também nos contextos que praticamente não são alterados.

(22) Entrevista oral	Entrevista retextualizada
C.G.: pelas tantas toca o telefone isso era... já tarde da noite... descambando pra meia-noite onze horas sei lá... e toca o telefone e chamam Fernando Henrique no telefone... e Fernando Henrique atende e volta lívido... disse “olha alguma coisa está acontecendo... o Itamar está na casa dele me chamando lá... me chamando lá vamos lá vamos pra lá agora”...	C.G.: Pelas tantas, já descambando pra meia-noite, chamam o Fernando Henrique no telefone. Ø Ele vai atender e volta lívido. Disse: “Olha, alguma coisa está acontecendo, o Itamar está nos chamando na casa dele. Vamos pra lá agora”.

(CG, 110, p. 33)

(23) Entrevista oral	Entrevista retextualizada
L.R.: quem entra pela cota acaba que recebe uma carga... inevitável de obrigação de dar certo... e que inclusive eu acho uma coisa saudável também porque a gente vê as estatísticas ouve os dados que falam das pessoas que entraram por cota a evolução que eles estão tendo né? o nível do ensino não caiu... muitos são tão bons ou melhores...	L.R.: Quem entra pela cota acaba que recebe uma carga inevitável de obrigação de dar certo, Ø que inclusive acho uma coisa saudável também, porque a gente vê as estatísticas, os dados que falam das pessoas que entraram por cota, a evolução que estão tendo, o nível não caiu, são tão bons ou melhores.

(LR, 118, p. 34)

Nas ocorrências (22) e (23), o MD *e* em destaque funciona no texto oral como um elemento que impulsiona o desenvolvimento do tópico discursivo. No processo de retextualização, optou-se pela retirada desses elementos como maneira de deixar o texto o mais próximo possível de um texto escrito prototípico. No caso de (22), também colabora para a supressão do MD o fato de a proposição sofrer condensação.

Em (24), ocorre a supressão do MD *então* porque a proposição da qual ele faz parte sofre grandes modificações.

(24) Entrevista oral	Entrevista retextualizada
C.A.: é um grupo de discussão do PT? só só eh... é do PT? [M.C.: é... é um grupo de discussão do PT... né?... MAS ahn... eu não me sentia em em... em condições de:: oferecer uma reflexão... então... eh eu... me mantive em silêncio então eu diria que... a crise me pegou ahn... não não desprevenida... isso eu queria dizer a vocês... porque desde o dia primeiro de janeiro de dois mil e três isso eu tenho dito aos meus ami::gos aos meus alu::nos... eu espero o impeachment do Lula... toda manhã eu acordo e pergunto “será que é hoje?... o impeachment vai ser hoje?”... porque talvez eu seja uma das poucas... ((risos))... uma das poucas marxistas... que acredita que a classe dominante... opera... e que ela não vai entregar... ahn... o país... e o poder... à esquerda... e portanto eu fiquei todos os di-as esperando o impeachment... então eu diria que... ahn... se eu me surpreendi foi com a demora... achei que demorou pra vir a a famosa crise... né? então ela não me pegou desprevenida... mas ela apareceu... de uma maneira que me que impedia de me pronunciar... né?	C.A.: Grupos de discussão do PT? M.C.: É, mas não me sentia em condições de oferecer uma reflexão, e me mantive em silêncio. Então eu diria que a crise me pegou não desprevenida, porque desde o dia 1º de janeiro de 2003 eu espero o <i>impeachment</i> do Lula. Toda manhã acordo e pergunto: “Será que o <i>impeachment</i> vai ser hoje?” Porque talvez eu seja uma das poucas marxistas que acreditam que a classe dominante opera, e que ela não vai entregar o país e o poder à esquerda. Ø Eu diria que se me surpreendi foi com a demora, demorou a vir a famosa crise. Então, ela não me pegou desprevenida, mas apareceu de uma maneira que me impedia de me pronunciar.

(MC, 104, p. 31)

A entrevistada que discorre sobre o tópico em questão vale-se diversas vezes, ao longo de toda a entrevista, da expressão *então eu diria que*. Destacamos da expressão o MD *então*, mas não podemos negar que o papel de seqüenciador tópico é de toda a expressão. No entanto, ao passar pelo processo de retextualização, o *então* em destaque foi suprimido e o restante da expressão mantida, porque no decorrer do tópico já havia sido mantida uma vez a expressão e mais ao fim, outro MD *então*. Muitas vezes, durante o processo de retextualização, escolhas como essas são feitas, mas em diversos casos não conseguimos identificar o que motiva a escolha de um ou outro elemento. Talvez a supressão de um ou de outro encontre sua razão no próprio princípio do processo de retextualização de um texto oral para um texto escrito, o de idealização de um texto veiculado pela escrita em um meio de comunicação.

Em (25), o MD *então* é suprimido, mas o contexto de ocorrência é mantido semelhantemente ao texto oral.

(25) Entrevista oral	Entrevista retextualizada
O.N.: ele me olhou espantado nunca pediu pra afundar uma praça enorme quatro metros... mas ele fez... então a praça hoje a praça do Havre você anda... pela calçada está vendo a praça embaixo... você é convidado a descer porque tem um um teatro dentro da praça então o sujeito desce e vê a praça... então é uma praça diferente eu não conheço e acho que não existe no mundo uma praça que tenha proporção ()... e ela foi tombada na França	O.N.: Ele me olhou espantado. Nunca lhe pediram pra afundar uma praça enorme 4 metros. Mas ele fez. Então, na praça do Havre, você anda pela calçada e está vendo a praça embaixo. Você é convidado a descer porque tem um teatro dentro dela, Ø o sujeito desce e vê a praça. Então é uma praça diferente, não conheço outra no mundo. Ela foi tombada.

(ON, 112, p. 35)

Do mesmo modo que em (24), em (25) o MD *então* é suprimido do texto retextualizado, mas nesse caso, a proposição em que o elemento atua não sofre modificações substantivas e mesmo assim o MD é suprimido. Colabora para essa eliminação o fato de haver antes e depois do MD retirado outros MDs *então*, o que justifica a eliminação como forma de não fazer uso de um mesmo elemento repetidas vezes.

Vejamos como se dá a supressão do MD *aí* em (26) e (27).

(26) Entrevista oral	Entrevista retextualizada
M.R.: uma pessoa que trabalha com ela ouviu e falou “Claudete alguém está falando de você no no Senado” aí elas foram pesquisar tal aí ela... eh:: ficou super emocionada e me ligou dizendo “olha eu não te conheço” eu falei “bom também não te conheço mais... né?” “eu não te conheço mas eu fiquei muito emocionada com a sua história... eh agradeceu o fato de eu ter essa lembrança e de eu ter citado ela nesse contexto tal... e me convidou pra almoçar	M.R.: Uma pessoa que trabalha com ela ouviu, Ø elas foram pesquisar, e ela me ligou: “Olha, não te conheço mais, mas fiquei muito emocionada”. E me convidou pra almoçar.

(MR, 116, p. 31)

(27) Entrevista oral	Entrevista retextualizada
L.R.: ele falava “isso mas isso aqui pode fazer da forma que você quiser mas isso aqui que a gente está fazendo é uma brincadeira... vamos brincar” e aí eu agregava informação que ele me deu com esse lado acho que deu uma coisa muito rica porque aí depois eu me senti livre pra ir pra qualquer lugar eu fazia as maiores loucuras... botava os maiores CAcos eu andava de jeito estranho eu olhava era uma loucura... uma liberdade que eu nunca tive nas coisas todas que eu fiz na TV	L.R.: Ele falava: “Isso aqui você pode fazer da forma que você quiser, mas isso aqui que a gente está fazendo é uma brincadeira. Vamos brincar”. <u>Aí</u> , essa informação deu uma coisa muito rica, porque Ø depois me senti livre pra ir pra qualquer lugar e fazer as maiores loucuras, botar os maiores cacos, eu andava de jeito estranho, eu olhava, era uma loucura, uma liberdade que eu nunca tive nas coisas que fiz na TV.

(LR, 118, p. 36)

O trecho (26) passa pelo processo de condensação de informação e a eliminação do MD *aí* faz parte dessa condensação. Já no trecho (27), o MD *aí* suprimido estava muito próximo a outro MD *aí* utilizado anteriormente. No texto oral, ao lado do advérbio *depois*, o *aí* funcionava com a idéia de continuidade de um evento. No texto retextualizado, optou-se por usar apenas o advérbio para marcar a continuidade.

Em (28) e (29) observamos a supressão do MD *quer dizer*.

(28) Entrevista oral	Entrevista retextualizada
C.A1.: mas a senhora foi convidada:: a fazer política ou:: procurou os movimentos sociais? L.E.: eu procurei os movimentos sociais nenhum partido me procurou... () dos partidos... C.A2.: antes do PT né? L.E.: antes do PT... minha primeira experiência... antes do PT até porque sou fundadora do PT né? eu vim do movimento sindical quer dizer como:: assistente social...	C.A1.: A senhora foi convidada a fazer política ou procurou os movimentos sociais? L.E.: Procurei os movimentos sociais. Nenhum partido me procurou. C.A2: Antes do PT? L.E.: Antes, até porque sou fundadora do PT, né? Vim do movimento sindical, Ø tive uma militância como assistente social.
(29) Entrevista oral	Entrevista retextualizada
C.G.: aquela caricatura que vocês conheceram aquela caricatura que vocês conheceram que você acham que ainda é viva que é fácil de criticar ela quase não existe mais... aquela coisa que sai nas novelas essa quase não existe mais ainda tem ali pelo interior do Piauí:: interior do Maranhão ainda tem um pouco aquilo aquela caricatura mas é residual... quer dizer hoje é midiático... é midiático eh:: eh:: enfim está muito mais cevado num fenômeno de:: auto-clientelismo... não é? do que naquilo naquela caricatura do passado...	C.G.: Aquela caricatura que vocês acham que ainda é viva, que é fácil de criticar, aquela coisa que sai nas novelas, quase não existe mais. Ainda tem ali pelo interior do Piauí, do Maranhão, mas é residual. Ø Hoje é midiático, enfim, está muito mais cevado num fenômeno de auto-clientelismo do que naquela caricatura do passado.
	(CG, 110, p. 38)

No trecho (28), a proposição em que o *quer dizer* está presente é modificada, portanto, no texto retextualizado, deixa de ser necessário o MD para marcar a relação de paráfrase na proposição. Percebemos que houve uma interpretação do “quer dizer como:: assistente social” como sendo o mesmo que “ter uma militância como assistente social”. Já a interpretação feita em (29) foi a de que o *quer dizer* não estabelecia relação nenhuma entre as partes “é residual” e “hoje é midiático” e que, portanto, poderia ser suprimido. No texto oral o MD cumpre sua

função de promover o seqüenciamento tópico na medida em que contribui para o esclarecimento da informação anterior, relacionando “residual” com “midiático”. Como essa relação se perde no processo de retextualização, boa parte do sentido da proposição também se perde, exigindo do leitor da entrevista esforços inferenciais para recuperar tal relação de sentido.

Em (30) observamos a supressão do MD *bom* em um contexto bastante modificado no processo de retextualização.

(30) Entrevista oral	Entrevista retextualizada
M.C.: então quem que passa a comandar... o partido? aqueles que têm força eleitoral... bom... mas quem é que tem... força eleitoral?... quem recebe os recursos do Campo Majoritário... bom... quem é que recebe os recursos do Campo Majoritário?... quem se alia à concepção partidária do Campo Majoritário	M.C.: Então, passam a comandar o partido aqueles que têm força eleitoral. Ø E tem força eleitoral quem recebe os recursos coletados pela direção. Ø E quem recebe esses recursos? Quem se alia à concepção partidária da direção.

(MC, 104, p. 35)

Na ocorrência (30), os dois casos de *bom* promovem, no texto oral, o seqüenciamento tópico, organizando a estratégia utilizada pelo falante para exprimir sua idéia, a pergunta retórica. Para passar de uma pergunta a outra, o locutor vale-se do MD *bom* para promover o seqüenciamento de idéias:

então quem que passa a comandar... o partido? aqueles que têm força eleitoral...
bom...
mas quem é que tem... força eleitoral?... quem recebe os recursos do Campo Majoritário...
bom...
quem é que recebe os recursos do Campo Majoritário?... quem se alia à concepção partidária do Campo Majoritário

Já no texto retextualizado, a estratégia utilizada foi a de introduzir MDs *e* e retirar uma das perguntas retóricas. Desse modo, a interpretação do retextualizador foi a de que o *bom* já não era mais necessário para marcar o paralelismo entre os argumentos.

Em (31), o MD *bom* é suprimido de uma proposição pouco modificada no processo de retextualização.

(31) Entrevista oral	Entrevista retextualizada
M.C.: eu fiquei ab/ eu fiquei abobada... não só como expliquei porque ah:: a cada a cada informação era desmentida na informação seguinte ou porque o preconceito de de de classe era uma coisa assim que tinha aparecido a toda eh:: ou porque o discurso do “tudo igual” não era só isso... algumas das publicações me deixaram... assustada pelo grau da violência... eu disse “é violento demais... demais” né? uma coisa insana é uma fúria que não dá pra gente entender... bom e eu e por que que era incompreensível pra mim? porque eu dispunha como elemento de análise só essa questão mais ampla e mais abstrata da situação dos meios de comunicação em no no capitalismo... bom... aí quando eu li... essa matéria... e:: eh::... eu vou fazer o que o Adauto Novaes está fazendo Adauto Novaes xerocou e ele panfleta no Rio de Janeiro ((risos)) você não você não avalia você não avalia você não avalia...	M.C.: E fiquei abobada não só, como expliquei, porque cada informação era desmentida na informação seguinte, ou porque o preconceito de classe era uma coisa que tinha aparecido a toda, ou o discurso do tudo igual... não era só isso. Algumas das publicações me deixaram assustada pelo grau da violência. Eu disse, é violento demais! Uma coisa insana, uma fúria que não dá para a gente entender. Ø E por que era incompreensível para mim? Porque eu dispunha como elemento de análise só da compreensão ampla e mais abstrata da situação dos meios de comunicação no capitalismo. <u>Bom</u> , aí, quando li essa matéria - que eu vou fazer o que o Adauto Novaes está fazendo, ele xerocou e panfleta no Rio de Janeiro -, você não avalia.

(MC, 104, p. 37)

No trecho (31), temos a mesma função que em (30) do MD *bom*, mas nesse caso, o contexto em que ele aparece não é tão modificado quanto em (30). No entanto, o MD pode ter sido suprimido por haver um MD *e* logo em seguida que também promove o seqüenciamento tópico. Além disso, há logo em seguida um MD *bom* de retomada tópica mantido no processo de retextualização:

uma coisa insana é uma fúria que não dá pra gente entender... bom e eu e por que que era incompreensível pra mim?/ Uma coisa insana, uma fúria que não dá para a gente entender. Ø E por que era incompreensível para mim?

(...)

***bom...** aí quando eu li... essa matéria.../ **Bom**, aí, quando li essa matéria*

Em (32) e (33), seguem casos do MD *e* aí suprimidos no processo de retextualização.

(32) Entrevista oral	Entrevista retextualizada
C.G.: não é ético que eu fale aí agora né? na data eu falei aí pegou me saiu saiu com essa “Ciro você um dia vai sentar nessa cadeira... e você vai ver aquele que não contemporizou com a corrupção aqui caiu”... assim como eu estou dizendo... “aquele que não contemporizou com isso” ele não falou corrupção “ com isso aqui caiu... um dia você vai sentar nessa cadeira você vai saber disso” “eu não concordo com isso não” rompi com PSDB... e aí fui pro PPS	C.G.: Não é ético que eu fale agora, mas na data falei pra ele. E ele me saiu com essa: “Ciro, você um dia vai sentar nessa cadeira e vai ver: aquele que aqui não contemporizou com isso (a corrupção) caiu. Um dia você vai sentar nessa cadeira e vai saber disso”. Eu respondi: “Não concordo com isso, não”. E rompi com o PSDB, Ø fui para o PPS.

(CG, 110, p. 38)

(33) Entrevista oral	Entrevista retextualizada
F.C.G.: ele revelou aquilo ali mais no sentido porque foi pedido pra ele que não revelasse entendeu?... e depois tiraram ele do caso C.A.: mas tiraram ele do caso? é que o que se sabia é que ele estava de plantão::o... e aí acabou o plantão ele ele:: estava fora do caso não é? F.C.G.: então mas quando você faz uma apreensão por exemplo de uma pele de jacaré lá em Congonhas... aí ninguém tira	F.C.G.: Ele revelou aquilo ali mais no sentido de que foi pedido a ele que não revelasse, entendeu? E depois tiraram ele do caso. C.A.: Mas tiraram ele do caso? O que se sabia é que ele estava de plantão, Ø acabou o plantão e ele foi tirado do caso. F.C.G.: Então, mas, quando você faz uma apreensão, pelo plantão, de uma pele de jacaré no aeroporto de Congonhas, aí ninguém tira.

(FCG, 115, p. 35)

Nos trechos (32) e (33), o MD *e aí* está presente em trechos narrativos e marca sequencialidade de ações e, secundariamente, relações de causalidade entre elas. No caso do (32), o MD é suprimido em virtude de modificações ocorridas na proposição:

“eu não concordo com isso não” rompi com PSDB... e aí fui pro PPS/“Não concordo com isso, não”. E rompi com o PSDB, Ø fui para o PPS.

No texto retextualizado, a continuidade dos eventos se dá pela introdução do MD *e* assinalado, tornando-se possível a retirada do *e aí* e manutenção do sentido de sequenciamento, passando a noção secundária de causalidade a ser apenas inferida.

Já em (33) o MD *e aí* que marca seqüência da ação é suprimido. No texto retextualizado, esse sentido de sequencialidade fica implícito e cabe ao leitor fazer a relação:

mas tiraram ele do caso? é que o que se sabia é que ele estava de plantão::o... e aí acabou o plantão ele ele:: estava fora do caso não é?/

Mas tiraram ele do caso? O que se sabia é que ele estava de plantão, Ø acabou o plantão e ele foi tirado do caso.

Em (34), mostramos uma ocorrência do MD *mas* seqüenciador tópico suprimido no texto retextualizado.

(34) Entrevista oral	Entrevista retextualizada
W.G.S.: como o Gabeira que foi eleito pelo PV se não me engano e vai o PSDB... desde quando os eleitores do PV... sim sim...	W.G.S.: Por exemplo, o Fernando Gabeira, que foi eleito pelo PV, que não ultrapassou a cláusula de barreira, pode ir para o PSDB.
C.A1.: mas o PSDB?	C.A1.: Ø Pode ir pro PSDB?
C.A2.: Nossa Senhora...	W.G.S.: PSDB, estava no jornal ontem (3 de outubro) que as conversas já estão adiantadas.
W.G.S.: [PSDB	
CA1: é?	
W.G.S.: já/ estava no jornal ontem que:: as conversas já estão adiantadas	

(WGS, 115, p. 29)

Em (34), o MD *mas*, no texto oral, promove o seqüenciamento tópico ao relacionar algo que foi dito pelo entrevistado ao conteúdo da pergunta do entrevistador:

como o Gabeira que foi eleito pelo PV se não me engano e vai o PSDB... desde quando os eleitores do PV... sim sim...
M.A.: mas o PSDB?

No texto retextualizado, a pergunta do entrevistador é modificada e essa relação passa a ser apenas inferida:

Por exemplo, o Fernando Gabeira, que foi eleito pelo PV, que não ultrapassou a cláusula de barreira, pode ir para o PSDB.
M.A.: Pode ir pro PSDB?

Com a inserção do verbo *poder*, a proposição mantém o sentido de que o entrevistador acredita “que não se possa ir para o PSDB”, recuperável no texto oral por marcas prosódicas associadas à presença do *mas*.

A ocorrência (35) demonstra a supressão do MD *agora* como seqüenciador tópico no texto oral, eliminado no processo de retextualização.

(35) Entrevista oral	Entrevista retextualizada
F.C.G.: <u>agora</u> :: eu acho que a armação maior... se ela aconteceu foi duma:: duma primariedade de de execução seria uma coisa de engenharia todo mundo teria que concordar teria que estar envolvido aí todo mundo... teria que estar todo mundo que participou disso até o pessoal do PT na primeira na segunda linha tinha que estar envolvido até o Gedimar teria que estar envolvido nisso... todos... <u>então</u> essa engenharia de que houve um problema é mais ou menos aquilo que o () falou mesmo pô teria que todo mundo ao mesmo tempo fazer tudo pô uma engenharia de alto risco... agora a Federal se ela está envolvida pelos tucanos... que que serve o Gedimar?... e agora com segredo de justiça não pode mais falar no assunto... nós não podemos mais falar no assunto sobre investigação...	F.C.G.: <u>Agora</u> , acho que, se aconteceu uma armação maior, foi de uma primariedade de execução... porque seria preciso que envolvesse todo mundo, até o pessoal do PT na segunda linha, tinha que estar envolvido até o Gedimar, seria uma engenharia de alto risco. Ø Se a Federal está envolvida pelos tucanos, de que serve o Gedimar? E agora, com segredo de justiça, não podemos mais falar sobre investigação.

(FCG, 115, p. 37)

Em (35), o MD *agora* em destaque, no texto oral, promove o seqüenciamento tópico amarrando os argumentos expostos pelo locutor:

*agora:: eu acho que a armação maior... se ela aconteceu foi duma:: duma primariedade de de execução/ Agora, acho que, se aconteceu uma armação maior, foi de uma primariedade de execução...
então essa engenharia de que houve um problema é mais ou menos aquilo que o () falou mesmo pô teria que todo mundo ao mesmo tempo fazer tudo pô uma engenharia de alto risco...
agora a Federal se ela está envolvida pelos tucanos... que que serve o Gedimar?/ Se a Federal está envolvida pelos tucanos, de que serve o Gedimar?*

No texto retextualizado, mantém-se o primeiro *agora*, exclui-se o *então* e boa parte da proposição que o acompanha e exclui-se o último *agora*, mas mantém-se a proposição. A eliminação desse MD *agora* pode estar relacionada ao fato de já haver mantido o primeiro, na busca por não repetir elementos.

Por fim, observemos em (36) a única ocorrência de *olha* seqüenciador tópico excluído no processo de retextualização.

(36) Entrevista oral	Entrevista retextualizada
F.M.: eu eu eu trabalhei na Globo... oito anos e meio... nas Organizações Globo ONze anos... é uma vida... bom... eu sempre tive na TVGlobo um:: espaço político extraordinário... extraordinário... olha ... a a Globo nunca me censurou chegar e dizer “você não pode” nunca tive isso... podem não acreditar mas nunca tive isso... evidentemente eu sei onde eu piso etc. agora nunca tive isso gozei de uma liberdade extraordinária	F.M.: Trabalhei na TV Globo oito anos e meio, nas Organizações Globo onze anos, é uma vida. Sempre tive na Globo um espaço político extraordinário, Ø a Globo nunca me censurou. Evidentemente sei onde piso, agora, gozei de uma liberdade extraordinária.

(FM, 114, p. 38)

Em (36), o MD *olha* atua, no texto oral, seqüenciando os argumentos a respeito do tópico sobre “a rede Globo”. Assim, podemos dizer que o MD *olha*, por sua característica de voltar-se para o interlocutor, focaliza o argumento que o segue, conferindo-lhe maior importância. Isso não ocorre no texto retextualizado e, desse modo, os argumentos passam a ter pesos equivalentes.

1.2.3. MDs com função de retomada tópica

Os MDs predominantemente textuais com função de retomada tópica suprimidos no processo de retextualização formam um conjunto quantitativamente inferior ao dos MDs de mesma função, mantidos no texto retextualizado (cf. tabela 6).

MD	Total de ocorrências
<i>agora</i>	2/7 (29%)
<i>aí</i>	2/37 (5%)
<i>bom</i>	2/9 (22%)
<i>e</i>	2/63 (3%)
<i>e aí</i>	1/17 (6%)
<i>então</i>	3/63 (5%)
<i>mas</i>	1/23 (4%)
TOTAL	13/232 (6%)

Tab. 13: MDs de retomada tópica suprimidos no texto retextualizado.

Na tabela 13, estão os MDs que no texto oral exerciam a função de retomada tópica, ou seja, após inserções, um MD indica a retomada de um tópico interrompido, que volta a desenvolver-se. Os MDs mais suprimidos com essa função são *agora* (29%) e *bom* (22%).

As ocorrências de (37) a (44) ilustram o fenômeno da supressão dos MDs que indicavam retomada tópica no texto oral.

(37) Entrevista oral	Entrevista retextualizada
L.E.: por exemplo nós queremos::s realizar um seminário nacional sobre o tema... democratização dos meios de comunicação de massa... porque você está discutindo o poder no país... não é uma coisa pequena... é mais do que:: o poder econômico mais do que a reforma agrária... quer discutir o poder real o poder das idéias... o poder da informação... né? o poder de transmitir conceitos cultura valores... né? e com o avanço dessa tecnologia fantástica revolucionária então nós queremos fazer um seminário nacional pra discutir isso... e que deve culminar depois dele... com a realização de uma conferência nacional pra definir a política de comunicação de massa do país...	L.E.: Pretendemos, por exemplo, realizar um seminário nacional sobre esse tema. Você está discutindo o poder no país, não é uma coisa pequena. Mais do que o poder econômico, mais do que a reforma agrária, estamos discutindo o poder real, o poder das idéias, o poder da informação, o poder de transmitir conceitos, cultura, valores. E discutindo qual é o avanço dessa tecnologia fantástica, revolucionária. Ø <u>E</u> o seminário nacional deve culminar, depois dele, com a realização de uma conferência nacional para definir a política de comunicação de massa no país.

(LE, 122, p. 23)

Em (37), na entrevista oral, o MD *então* atuava retomando o tópico que estava sendo desenvolvido sobre o “seminário nacional”. O tópico havia sido interrompido por uma digressão sobre “o poder no país”. No entanto, no texto retextualizado, ao retomar o tópico, há uma reorganização das idéias e o MD *então* é suprimido, retirando, assim, o elemento coesivo de ligação entre o tópico desenvolvido e sua retomada. No texto retextualizado, o MD *e* expressa apenas uma relação de continuidade.

Em (38), a supressão do MD *então* ocorre em um contexto que não sofre modificações significativas na organização dos argumentos.

(38) Entrevista oral	Entrevista retextualizada
W.G.S.: tem o saldo positivo que é o problema do comportamento... o eh a lisura do comportamento em relação ao bem público aos recursos públicos	W.G.S.: Mas, por outro lado, tem o saldo positivo que é a lisura do comportamento em relação ao bem público, aos recursos públicos, como alguma coisa

como alguma coisa relevante pra você considerar porque isso não existia na nossa pauta... e isso eu acho o saldo positivo custou muito... custou muito custou reputação de pessoas... custou muito mas eu acho que isso é um saldo positivo nesse ano e meio de má notícia... hoje tem uma preocupação não só existe uma preocupação de todo mundo eleitores e candidatos de:: eh se preservar em relação a isso... eh o eleitorado está muito exigente o que é bom... né? então houve um saldo positivo eh trazer o problema... ética etc. corrupção vamos baixar a bola exatamente o que? de tratar com lisura recursos públicos de qualquer natureza

ponto

[

C.A.: é esse o ponto

[

W.G.S.: é isso aí acabou se o cara tem:: namorada se não tem não estou nem aí se ele cheira não estou nem aí desde que não comprometa seu desempenho público o problema não é meu político é um problema da polícia... né? isso é uma questão de código penal não é uma questão de código político né? meu problema é que ele seja eh responsável no trato da coisa pública ponto pra mim se ele faz isso ele é é um critério muito pé no chão razoável você pode:: eh se informar sobre ele você pode medir você pode verificar... ao contrário de se ele é ético se não é ético se é aético... se aí é complicado não é? **então**... mas eu acho que há um houve um avanço houve muita coisa:: ruim mas houve um avanço na cultura política brasileira

relevante para você considerar. Isso não existia na nossa pauta e eu acho o saldo positivo. Custou muito, custou reputação de pessoas, mas eu acho que nesse um ano e meio de más notícias é um saldo positivo. Hoje tem uma preocupação de todo mundo, eleitores e candidatos, de se preservar em relação a isso. O eleitorado está muito exigente, então é bom trazer o problema da ética, da corrupção, vamos baixar a bola e tratar com lisura recursos públicos de qualquer natureza.

C.A.: É esse o ponto.

W.G.S.: É isso aí, acabou. Se o cara tem namorada, se não tem, se ele cheira, eu não estou nem aí, contanto que não comprometa o seu desempenho público. O problema não é meu, político, é um problema da polícia, é uma questão de código penal, não de código político, meu problema é que ele seja responsável no trato da coisa pública. E esse é um critério muito pé no chão, razoável, você pode se informar sobre ele, você pode medir, você pode verificar, ao contrário de se discutir se é ético, se não é ético, se é aético, aí é complicado, não é? **Ø** Mas eu acho que, se houve muita coisa ruim, houve também um avanço na cultura política brasileira.

(WGS, 115, p. 31)

No caso de (38), *então* é suprimido do texto retextualizado, mas a retomada continua sendo feita pelo *mas*, que no texto oral acompanhava o *então* e que é mantido, como vemos em (38').

(38')	Entrevista oral	Entrevista retextualizada
	<i>tem o saldo positivo</i> que é o problema do comportamento o eh a lisura do comportamento em relação ao bem público	Mas, por outro lado, <i>tem o saldo positivo</i> que é a lisura do comportamento em relação ao bem público
	e isso eu acho <i>o saldo positivo</i> custou muito... custou muito	e <i>eu acho o saldo positivo</i> . Custou muito
	mas eu acho que isso <i>é um saldo positivo</i> nesse ano e meio de má notícia...	mas eu acho que nesse um ano e meio de más notícias <i>é um saldo positivo</i> .
	então <i>houve um saldo positivo</i> eh trazer o problema... ética etc. corrupção	é bom trazer o problema da ética, da corrupção
	então ... mas eu acho que há um <i>houve um avanço</i> houve muita coisa:: ruim mas houve um avanço na cultura política brasileira	Ø Mas eu acho que, se houve muita coisa ruim, <i>houve também um avanço</i> na cultura política brasileira.

Na retomada do tópico há uma avaliação do que o entrevistado considera o “saldo positivo” como “avanço”.

Em (39), temos uma ocorrência do MD *e* que promove retomada tópica no texto oral e que foi suprimido no texto retextualizado.

(39) Entrevista oral	Entrevista retextualizada
M.R.: uhun eu acho que quando::... o PT é governo ou algum partido... que tem esses princípios... eh:: que chamamos de democráticos e populares... a tendência é... o movimento social passar por um ressentimento... né? eh eh:: se recolher... e... ficar lá de longe olhando o que o governo não faz... e e tecendo críticas... eh um um um um setor vira colaborador do governo... né?... eu acho que perde a contundência:: política agora... tem:: tem ganhos também... eh:: eh fica muito fácil ser oposição... sem sem ter sem viver a situação de gestão... eh:: o papel da opo/ da oposição em geral é tacar pedra... né? (...) então tudo isso é aprendizado é que... o a gestão atual com a base aliada... têm conhecimento porque es/ eh há algum tempo... estamos ocupando o Congresso como:: deputados senadores... mas o exercício da execução ele tem separações da vida legislativa mas... ao mesmo tempo... estão muito relacionados... e::... eu acho que a tendência... né? do ponto de vista dos movimentos sociais... que não têm essa vivência... né? eh:: achar que nós estamos sempre fazendo menos do que poderíamos... né?	M.R.: Quando PT é governo, ou algum partido que tenha os princípios que chamamos de democráticos e populares, a tendência é o movimento social passar por um ressentimento, se recolher e ficar de longe olhando o que o governo não faz, tecendo críticas. Um setor vira colaborador do governo. Acho que se perde a contundência política. Agora, tem ganhos também. É muito fácil ser oposição sem viver a situação de gestão. O papel da oposição em geral é tacar pedra em quem está no poder. (...) Então, tudo isso é um aprendizado, Ø a tendência, do ponto de vista dos movimentos sociais, é achar que estamos sempre fazendo menos do que poderíamos.

(MR, 116, p. 37)

No caso do MD *e* em (39), a retomada do tópico desenvolvido ocorre por meio desse elemento da seguinte forma: a entrevistada discorria sobre “a posição do movimento social face o governo”, em que ela diz: *a tendência é... o movimento social passar por um ressentimento... né?/ a tendência é o movimento social passar por um ressentimento*. Após fazer uma longa digressão, faz uma avaliação de seus argumentos, introduzida pelo MD *então*, mantido no processo de retextualização. No texto oral, após esta avaliação há outra digressão e a retomada do tópico é feita pelo *e*: *e::... eu acho que a tendência... né? do ponto de vista dos movimentos sociais... que não têm essa vivência... né? eh:: achar que nós*

estamos sempre fazendo menos do que poderíamos... né?. Como no texto retextualizado essa digressão é apagada do processo, é feita uma grande modificação na proposição e o MD é suprimido.

Em (40), temos um caso de *aí* suprimido do texto retextualizado, quando, no texto oral, promove a retomada de um tópico.

(40) Entrevista oral	Entrevista retextualizada
C.A.: onde é que onde é que deu::... onde é que aconteceu um cliquezinho aí nessa história?	C.A.: E onde é que aconteceu um cliquezinho nessa história?
L.R.: ó teve um clique muito importante foi na montagem de Don Quixote... quando eu fui fazer Sancho Pança... um personagem que a princípio não tem anda a ver comigo né?	L.R.: Teve um clique muito importante que foi na montagem de Dom Quixote, quando fui fazer Sancho Pança, um personagem que, em princípio, não tem nada a ver comigo.
C.A.: não tem o physique du role	C.A.: Não tem o physique du rôle.
[	L.R.: Não tem o physique, né? Mas, Ø quando fiz Dom Quixote, eu disse: “Meu Deus, dá pra ser?”
L.R.: não o physique né? mas aí quando eu fiz Don Quixote eu disse “Meu Deus... dá pra ser olha até onde eu posso ir”...	

(LR, 118, p. 35)

No texto oral, o MD *aí*, junto ao MD *mas*, retoma o tópico que foi interrompido por um par adjacente Pergunta/Resposta, a pergunta do entrevistador e a resposta do entrevistado. No texto retextualizado, da mesma forma que ocorreu em (37) e (38), optou-se pela manutenção de apenas um MD, que no caso da ocorrência (40), foi o *mas* e a supressão de outro, o *aí*.

Vejamos o comportamento do MD *bom* em (41).

(41) Entrevista oral	Entrevista retextualizada
L.E.: a gota d'água vou contar pra vocês foi na campanha de:: na campanha de noventa e seis... né? contra Pitta... né? eu eu cheguei a ir pro segundo turno... também teve uma pré::via que eu disputei com Mercadan::te também foi um inferno... foi mais difícil disputar com Mercadante dentro do partido do que... com Maluf e companhia fora... né? tal era::... aí eu tive que responder nos... não sei quantos... debates que se fizeram nas nos diretórios nos núcleos por que que eu fui pro:: pro ministério Itamar quer dizer era::... bom aí:: eu fui pro segundo turno numa sit/ numa	L.E.: E a gota d'água foi na campanha de 96, contra Pitta. Cheguei a ir para o segundo turno. Também teve uma prévia que disputei com o Mercadante e também foi um inferno. Foi mais difícil disputar com o Mercadante dentro do partido do que contra Maluf e companhia fora. Tive que responder, nos não sei quantos debates feitos nos diretórios e nos núcleos, porque havia ido para o ministério Itamar. Ø Aí fui para o segundo turno numa campanha precaríssima, a própria equipe que coordenou a campanha, Garreta e companhia, me responsabilizou por não ter ganhado a eleição.

campanha precaríssima... e aí a própria equipe que coordenou Garreta e companhia... que coordenou a campanha... né? me responsabilizou por não ter ganho a eleição...

(LE, 122, p. 22)

No texto falado, o MD *bom* retoma o tópico desenvolvido, um evento que estava sendo narrado e foi interrompido por uma inserção tópica. No processo de retextualização, no entanto, o *bom* é suprimido, mas foi mantido o *aí*, que é o MD que efetivamente sinaliza a retomada.

Um caso de *agora* retomando tópico, suprimido no processo de retextualização, segue em (42).

(42) Entrevista oral	Entrevista retextualizada
C.G.: o modelo é ruim... por ângulos que a gente pode afirmar o mais objetivo é que faz vinte anos que o Brasil... cresce a dois e meio por cento... é um modelo ruim... porque o Brasil ganha produtividade a uma média impressionante chegou a três por cento ao ano... isso significa produzir mais com menos gente... e o Brasil bota um vírgula sete por cento de garotos... na população todo ano procurando entrar pro mercado de trabalho... se o país não crescer a cinco... nós vamos ficar enxugando gelo... ficar enxugando gelo vamos ficar produzindo exército de reserva pra violência... pra prostituição infantil... né? pra aviltar o salário de quem trabalha... que é o que está aí a propósito outro número o Fernando Henrique pegou o país com cinco por cento de desemprego e entregou com catorze... essa gente aí que está querendo voltar e quer dar lição de moral aí eh no Lula... [...] se não crescer a cinco e nós não estamos crescendo... a cinco nós estamos crescendo... stop and go... vai e para vai e para a dois e meio na média... dois e meio na média a nossa média é dois e meio a do Fernando Henrique é dois vírgula três... dois vírgula três... agora o modelo é ruim também porque ele tem uma ele tem uma um uma contradição intrínseca um país... com a complexidade brasileira pro bem e pro mal... não pode entregar o seu... destino estratégico ao piloto automático de interesse dos rentistas...	C.G.: O modelo é ruim por ângulos que a gente pode afirmar - o mais objetivo é que faz 20 anos que o Brasil cresce a 2,5%. Ganha produtividade a uma média impressionante, chegou a 3% ao ano, isso significa produzir mais com menos gente, e o Brasil bota 1,7% de garotos na população todo ano procurando entrar para o mercado de trabalho. Se o país não crescer a 5%, nós vamos ficar enxugando gelo, vamos ficar produzindo exército de reserva pra violência, pra prostituição infantil, pra aviltar o salário de quem trabalha, que é o que está aí. A propósito: o Fernando Henrique pegou o país com 5% de desemprego e entregou com 14%. Essa gente aí que está querendo voltar e quer dar lição de moral no Lula. E nós não estamos crescendo a 5%, estamos crescendo <i>stop and go</i>, vai e pára. A nossa média é 2,5%, a do Fernando Henrique é 2,3%. Ø O modelo é ruim também porque ele tem uma contradição intrínseca. Um país com a complexidade brasileira, pro bem e pro mal, não pode entregar o seu destino estratégico a um piloto automático de interesse dos rentistas.

(CG, 110, p. 35)

Em (42), a supressão do MD *agora* no texto retextualizado revela uma mudança no encadeamento dos argumentos dos textos. No texto oral, o MD *agora* em “agora o modelo é ruim também” promove a retomada tópica após uma inserção e sinaliza a “consciência que o falante tem da estruturação tópica e, portanto, da organização geral do fluxo da informação” (RISSO, 2006, p. 448). A falta do MD no texto retextualizado demonstra uma escolha do retextualizador em não utilizar essa estratégia de retomada tópica. Tal escolha afeta a forma como a centração tópica é construída no texto retextualizado, como vemos abaixo:

(42')	Entrevista oral	Entrevista retextualizada
	o modelo é ruim... por ângulos que a gente pode afirmar o mais objetivo é que faz vinte anos que o Brasil... cresce a dois e meio por cento... é um modelo ruim... porque o Brasil ganha produtividade a uma média impressionante chegou a três por cento ao ano (...) agora o modelo é ruim também porque ele tem uma ele tem uma um uma contradição intrínseca um país	O modelo é ruim por ângulos que a gente pode afirmar - o mais objetivo é que faz 20 anos que o Brasil cresce a 2,5%. Ganha produtividade a uma média impressionante, chegou a 3% ao ano (...) Ø O modelo é ruim também porque ele tem uma contradição intrínseca.

No texto falado há repetição da mesma oração como estratégia de progressão tópica. Após uma inserção, boa parte eliminada do processo de retextualização, o falante utiliza o MD *agora* pra fazer a progressão tópica estabelecendo explicitamente a retomada do tópico anteriormente desenvolvido. Já no texto retextualizado, ocorre eliminação de uma repetição de “o modelo é ruim” e também do MD *agora* na retomada do tópico anteriormente desenvolvido. Uma possibilidade para essa eliminação é que, para o retextualizador, o uso do advérbio *também* já seria suficiente na escrita para fazer essa retomada, enquanto na fala o entrevistador sentiu a necessidade de marcar uma relação de contraste entre um tópico inserido e o tópico a ser retomado.

A ocorrência (43) exemplifica o único caso de MD *mas* suprimido do texto retextualizado, quando no texto oral exercia a função de promover a retomada de um tópico.

(43) Entrevista oral	Entrevista retextualizada
W.G.S.: mas é o resultado de um certo tipo de política de respeito à legalidade democrática que é as pessoas não estão considerando... não é? isso só está acontecendo porque o governo permitiu que acontecesse... se não permitisse se não quisesse permitir não permitiria não teria aparecido não teria aparecido aqueles aqueles eh::... aqueles aTOres né? na televisão ((faz ruído)) [C.A1: ACM Neto W.G.S.: Eduardo Paes [C.A2: () Eduardo Paes [W.G.S.: Eduardo Paes essas coisas não tinham não tinham nem tido chance daquele espetáculo diário durante o ano né? mas eh::... então a a uma das razões pelas quais o governo está sendo eh:: aparecendo uma parte eh errada do governo é p/ é pela parte boa do gov/ é uma das partes boas porque está permitindo que aconteça	W.G.S.: Mas é o resultado de uma política de respeito à legalidade democrática, isso só está acontecendo porque o governo permitiu que acontecesse, porque, se não quisesse permitir, não permitiria, não teriam aparecido aqueles atores na televisão. C.A1: ACM Neto. W.G.S.: Eduardo Paes... Esses caras não teriam tido a chance daquele espetáculo diário durante o ano. Ø Então, uma das razões pelas quais está aparecendo uma parte errada do governo é por uma de suas partes boas: a de permitir que isso aconteça.

(WGS, 115, p. 32)

O MD *mas*, no texto oral, retoma o tópico que estava sendo desenvolvido antes da introdução de um tópico, como vemos em (43').

(43') Entrevista oral	Entrevista retextualizada
<u>Tópico desenvolvido</u>: isso só está acontecendo porque o governo permitiu que acontecesse... <u>Tópico inserido</u>: não teria aparecido aqueles aqueles eh::... aqueles aTOres né? na televisão ((faz ruído)) [M.Z.: ACM Neto W.G.S.: Eduardo Paes [M.A.: () Eduardo Paes [W.G.S.: Eduardo Paes essas coisas não tinham não tinham nem tido chance daquele espetáculo diário durante o ano né? <u>Tópico retomado</u>: mas eh::... então a a uma das razões pelas quais o governo está sendo eh:: aparecendo uma parte eh errada do governo é p/ é pela parte boa do gov/ é uma das partes boas porque está permitindo que aconteça	isso só está acontecendo porque o governo permitiu que acontecesse não teriam aparecido aqueles atores na televisão. M.Z.: ACM Neto. W.G.S.: Eduardo Paes... Esses caras não teriam tido a chance daquele espetáculo diário durante o ano. Ø Então, uma das razões pelas quais está aparecendo uma parte errada do governo é por uma de suas partes boas: a de permitir que isso aconteça.

No texto retextualizado, optou-se por eliminar o MD *mas* e manter somente o MD *então* para indicar a retomada do tópico. Se observarmos novamente a ocorrência (38), veremos que também há um MD *mas* e um *então* juntos indicando a retomada do tópico e o MD eliminado foi o *então*. Nos dois casos, o MD mantido foi aquele que estava mais próximo da proposição: em (38) Ø Mas eu acho que, se houve muita coisa ruim, houve também um avanço na cultura política brasileira; em (43) Ø Então, uma das razões pelas quais está aparecendo uma parte errada do governo é por uma de suas partes boas: a de permitir que isso aconteça. Tal comparação nos leva a crer que o fenômeno de supressão ou manutenção de MDs tem a ver, em muitos casos, mais com o contexto de ocorrência que com o tipo de MD.

Em (44), por fim, observamos o MD *e aí*, que no texto oral indica retomada tópica e que foi suprimido do texto retextualizado.

(44) Entrevista oral	Entrevista retextualizada
F.C.G.: você lembra quando eu denunciei em dois mil e dois eu denunciei a turma do... do PSDB... com alguns policiais federais montando um dossiê dentro da Polícia Federal contra o Lula... e eles eles queriam me punir porque eles estavam com raiva de mim eles me cassaram a licença sindical... e me obrigaram a vim pra São Paulo que eu era lotado na delegacia de entorpecentes... e eu era presidente da federação como sou hoje... aí que que fiz?... eu fui obrigado a voltar a ao serviço porque eles me cassaram... que era o delegado era o Agílio Monteiro Filho... que é tucano ele inclusive foi candidato agora lá... em Minas Gerais pelo pelo PSDB... e aí eu vim trabalhar e fiquei sabendo que existia algumas pessoas... um grupo de de pessoas... criando esse dossiê... é a mesma história criando esse dossiê contra o Lula... e que já tinha uma revista de grande circulação pronta... pra sair na semana do Lula	F.C.G.: Vocês lembram quando eu denunciei, em 2002, a turma do PSDB com alguns policiais federais montando um dossiê dentro da Polícia Federal contra o Lula. Eles queriam me punir porque ficaram com raiva de mim, cassaram minha licença sindical, e eu era presidente da federação, como sou hoje. Aí fui obrigado a voltar ao serviço, Ø e fiquei sabendo que tinha um grupo de pessoas criando esse dossiê contra o Lula, e já tinha uma revista de grande circulação pronta para sair na semana da eleição.

(FCG, 115, p. 35)

O MD *e aí*, no texto oral, retoma o tópico “dossiê” que foi interrompido por um parêntese. No processo de retextualização, o parêntese é eliminado, o que justifica a supressão do MD *e aí*, já que o tópico não é interrompido no texto retextualizado.

1.2.4. MDs com função de fechamento tópico

No processo de retextualização das entrevistas, poucos MDs predominantemente textuais com função de fechamento tópico foram suprimidos, como mostrado na tabela 14.

MD	Total de ocorrências
<i>e</i>	2/63 (3%)
<i>então</i>	1/63 (2%)
TOTAL	3/232 (1%)

Tab. 14: MDs de fechamento tópico suprimidos no texto retextualizado.

Os MDs *e* e *então* suprimidos no processo de retextualização, juntos somam 1% do total de MDs suprimidos. A baixa frequência de MDs com função de fechamento tópico, tanto mantidos como suprimidos, aponta para o uso restrito de MDs nessa função, tanto no texto oral como no retextualizado.

As ocorrências (45) e (46) são exemplos de como se dá a supressão dos MDs *e* e *então*, respectivamente, no fechamento de tópicos discursivos.

(45) Entrevista oral	Entrevista retextualizada
M.C.: erro que nenhum petista pode cometer porque todo petista sabe que a que a os elementos que compõem a:: a::... a eleição no nível do poder local são completamente diferentes do nível nacional... então:: eh:: jogou tudo nessas eleições municipais eh:: por um erro político grave de avaliação... né? e:: por último a lentidão desde o começo né? a lentidão nas respostas aos problemas e as eh:: e as decisões... né? então... embora eu ache e eu tenho dados aí pra mostrar pra vocês... que é um bom governo... não é evidentemente um governo de esquerda e eu tenho todas essas críticas a ele... agora nós vamos no... na ferida exposta... vamos falar do PT ((risos))	M.C.: Erro que nenhum petista pode cometer, porque todos sabem que os elementos que compõem a eleição no nível do poder local são completamente diferentes do nível federal. Ø Por último, a lentidão, desde o começo do governo, nas respostas aos problemas e as decisões. Então, embora eu ache, e tenho dados para mostrar para vocês que é um bom governo, não é evidentemente um governo de esquerda e tenho todas essas críticas a ele. Agora vamos à ferida exposta. Vamos falar do PT.

(MC, 104, p. 33)

O MD *e*, juntamente com a expressão *por último*, no texto oral, indica que o tópico desenvolvido está se encerrando. No texto retextualizado, o MD é suprimido e a finalização tópica é indicada apenas pela expressão *por último*. Nesse caso, o sentido não se perde, já que a noção de finalização tópica não estava presente no MD *e*, mas na expressão que o acompanhava.

A ocorrência (46) demonstra o único caso de *então* indicador de finalização tópica suprimido no corpus.

(46) Entrevista oral	Entrevista retextualizada
L.E.: eu tenho... por exemplo eu me articulo eu trabalho com o pessoal do PSO::L eu trabalho com setores do PT::... da bancada do PT... eu continuo com o mandato muito vinculado aos movimen::tos... é isso que me ajuda a me s/ a sobreviver e a ter um mandato... que tem uma tem uma razão de ser tem um sentido... né? produz resultado num certo sentido mas partidariamente... até porque o PSB assim como o PT e os demais não se diferenciam do PSDB:: até do:: [C.A.: Democratas [L.E.: do do Demo agora né? ((risos)) então é a mesma coisa... eles se conversam entre si... né?... como:: se o projeto fosse o mesmo não tem diferença e essa é a grande tragédia que nós vivemos hoje... por isso que a gente tem que olhar o que está acontecendo FOra dos partidos... que está fa/ acontecendo FOra dos espaços institucionais... sabe?... é esta::r entendeu? ajuDANdo a a sobrevivência desses... desses movimentos que vão:: logo logo se::r... né? C.A.: a Conlutas por exemplo seria um exemplo? L.E.: o próprio:: MST... eu acho que tem as suas... extravagân::cias eu acho que... falta um pouco de habilidade política até pra pra fazer o jogo de poder e ter... não é? acu/ acumular fo::rças...	L.E.: Por exemplo, trabalho com o pessoal do PSOL, com setores do PT, continuo com o mandato muito vinculado aos movimentos sociais. É isso que me ajuda a sobreviver e produz resultado num certo sentido. Até porque o PSB, o PT e os demais não se diferenciam do PSDB, até do Demo agora, né..., Ø é a mesma coisa, eles conversam entre si como se o projeto fosse o mesmo. Essa é a grande tragédia que vivemos hoje. Por isso, a gente tem que olhar para o que está acontecendo fora dos partidos, fora dos espaços institucionais. É estar ajudando a sobrevivência desses movimentos que vão, logo, logo, ser... C.A.: A Conlutas seria um exemplo? L.E.: O próprio MST, que tem suas extravagâncias, falta um pouco de habilidade política, até pra fazer o jogo de poder e acumular forças.

(LE, 122, p. 21)

A entrevistada, deputada pelo partido PSB, no texto oral reproduzido em (46), desenvolvia um tópico a respeito de seu trabalho com outros partidos e com os movimentos

sociais. No desenvolvimento desse tópico, um outro tópico é inserido, a respeito do caráter de alguns partidos:

(46')	até porque o PSB assim como o PT e os demais não se diferenciam do PSDB:: até do::
	[
C.A.:	Democratas
	[
L.E.:	do do Demo agora né? ((risos)) então é a mesma coisa... eles se conversam entre si... né?... como:: se o projeto fosse o mesmo não tem diferença e essa é a grande tragédia que nós vivemos hoje...

A finalização desse tópico é indicada pelo MD *então*. No texto retextualizado, o MD é suprimido, não explicitando, portanto, a indicação do fechamento tópico.

▪ Resumo

A grande motivação para a supressão de MDs é a modificação sofrida pelo contexto de ocorrência do MD. Tais modificações são previsíveis quando se trata de processo de retextualização, já que, a passagem de um texto da modalidade oral para a modalidade escrita prevê operações de regularização e idealização lingüística e operações de transformação de conteúdo. Muitas vezes quando a proposição em que o MD se encontra no texto oral é modificada, perde-se a razão de mantê-lo no texto escrito. Assim, dentre os quatro comportamentos encontrados, a manutenção, a supressão, a inserção e a substituição de MDs, a supressão é a mais previsível.

MD/Função	Introdução de tópico	Seqüenciamento de tópico	Retomada de tópico	Fechamento de tópico	Total de ocorrências
<i>agora</i>	1	2	2	-	5
<i>aí</i>	-	20	2	-	22
<i>bom</i>	-	9	2	-	11
<i>e</i>	3	40	2	2	47
<i>e aí</i>	-	5	1	-	6
<i>então</i>	-	25	3	1	29
<i>mas</i>	-	3	1	-	4
<i>olha</i>	-	1	-	-	1
<i>quer dizer</i>	-	8	-	-	8
TOTAL	4	113	13	3	133

Tab. 15: Função exercida pelos MDs predominantemente textuais suprimidos no texto retextualizado.

A diferença entre o número total de MDs suprimidos (232) e o de MDs suprimidos que foram analisados (133) ocorre por conta de alguns MDs (99) serem suprimidos, porque o trecho em que ocorriam no texto oral foi suprimido do texto retextualizado, não cabendo, portanto, uma análise desses elementos. A partir dos dados da tabela 15, cabem as seguintes observações: (i) o total de MDs suprimidos com função predominantemente textual concentra-se na subfunção de seqüenciamento de tópico (113 casos), situação que encontra reflexo em cada um dos MDs.

Distribuindo, numa escala, as funções predominantemente textuais para os MDs suprimidos no processo de retextualização, teríamos a seguinte hierarquização:

Quadro 5: Escala hierárquica de função de MDs predominantemente textuais suprimidos no texto retextualizado.

seqüenciamento de tópico > retomada de tópico > introdução de tópico > fechamento de tópico

2. Marcadores Discursivos predominantemente interacionais

Os MDs predominantemente interacionais são aqueles em que o fator interacional se sobressai ao fator textual. Eles são responsáveis pela organização da interação. Guerra (2007) identifica cinco funções que eles podem exercer: *checking*, *feedback*, injuntiva, iniciadora e interpelativa. Os MDs selecionados para análise projetam exclusivamente apenas três dessas funções: *checking* (*né?* e *não é?*), injuntiva (*olha*) e iniciadora (*bom*), não havendo, portanto, multifuncionalidade para um mesmo MD dentro da função predominantemente interacional, como foi verificado na função predominantemente textual, em que um mesmo MD ocorre com funções variadas. Assim, como será possível verificar nos dados quantitativos, o número de ocorrência de um dado MD nas diferentes funções, sejam eles mantidos ou suprimidos, sempre totalizará 100%.

Analisaremos, a seguir, os MDs predominantemente interacionais mantidos no processo de retextualização.

2.1. MDs mantidos no processo de retextualização

Encontramos em nosso corpus MDs predominantemente interacionais mantidos que exercem as funções *checking* (*né?* e *não é?*), injuntiva (*olha*) e iniciadora (*bom*). Na tabela 16 abaixo, encontra-se a frequência dos MDs predominantemente interacionais que foram mantidos no processo de retextualização.

MD	Total de ocorrências
<i>bom</i>	7
<i>não é?</i>	10
<i>né?</i>	34
<i>olha</i>	33
TOTAL	84

Tab. 16: Total de MDs predominantemente interacionais mantidos no texto retextualizado.

O número de MDs *né?* e *olha* mantidos no processo de retextualização é semelhante. Já a quantidade de *não é?* e *bom* é bem menor. A manutenção desses MDs, que normalmente são associados à interação face a face por cumprirem papel de organizadores da interação, aponta para uma tentativa de transferência da situação de produção do texto oral para o texto retextualizado. Vejamos nas seções seguintes os MDs predominantemente interacionais mantidos no processo de retextualização.

2.1.1. MDs com função de *checking*

Os MDs com função de *checking* são definidos por Guerra (2007, p. 62) como “elementos que expressam uma nítida orientação por parte do falante em direção ao ouvinte, através da busca de uma aprovação discursiva”. A tabela 17 traz os MDs com função de *checking* mantidos no texto retextualizado.

MD	Total de ocorrências
<i>né?</i>	34/34 (100%)
<i>não é?</i>	10/10 (100%)
TOTAL	44/84 (52%)

Tab. 17: MDs com função de *checking* mantidos no texto retextualizado.

Nas ocorrências (47) e (48), observamos como atuam os MDs *né?* e *não é?* mantidos no texto retextualizado.

(47) Entrevista oral	Entrevista retextualizada
C.A.: ele já tinha entregado um CD vazio né? F.C.G.: é mas o CD vazio porque ele quis fazer um teste pra ver se o dinheiro estava lá C.A.: ah::: F.C.G.: porque aí o cara viu o CD e falou “o CD está aqui” “ah o dinheiro está aqui”... aí ele falou “não então tem outro aqui” porque se fosse uma armação de polícia flagrante não sei que “não mas eu estou entregando um CD vazio meu irmão”...	C.A.: Ele já tinha entregado um CD vazio, né? F.C.G.: Mas o CD vazio foi pra fazer um teste e ver se o dinheiro estava lá. Porque aí o cara viu o CD e falou: “O CD tá aqui, e o dinheiro tá aqui”. “Então tem outro aqui.” Porque, se fosse uma armação de polícia, flagrante: “Isso aqui não é nada, é um CD vazio”.

(FCG, 115, p. 36)

(48) Entrevista oral	Entrevista retextualizada
C.A.: o senhor é otimista com relação ao futuro da:::... O.N.: hein? C.A.: do país o futuro do Brasil? o senhor é um otimista com relação ao bom futuro do Brasil? O.N.: eu so::u porque a maioria é que vai comandar não é?... eles estão com FOME não têm dinheiro um dia a coisa muda não é?... e a gente tem que estar preparada para quando tiver uma chance disso como teve Fidel... livrando::: Cuba não é?...	C.A.: O senhor é otimista com relação ao futuro do país? O.N.: Eu sou porque é a maioria que vai comandar, não é? Eles estão com fome, não têm dinheiro, um dia a coisa muda, não é? E a gente tem que estar preparada para quando tiver a chance disso, como teve Fidel livrando Cuba.

(ON, 112, p. 34)

Ambos os MDs *né?* e *não é?* são responsáveis pelo avanço da interação. Em (47), o entrevistador demonstra, pelo uso do *né?* ao final da pergunta, que deseja que o entrevistado continue desenvolvendo a idéia exposta. Já em (48), o entrevistado, ao valer-se do MD *não é?* entre o encadeamento de seus argumentos, busca pela aprovação discursiva de seu interlocutor para continuar a desenvolver sua resposta. Ao serem mantidos no texto

retextualizado, esses MDs remetem à situação da produção original, o texto oral, na tentativa de manter a situação de produção textual.

2.1.2. MD com função *injuntiva*

A função injuntiva de *olha* advém do caráter imperativo desse MD, que chama a atenção do ouvinte para o que o falante vai dizer.

MD	Total de ocorrências
<i>olha</i>	33/33 (100%)
TOTAL	33/84 (39%)

Tab. 18: MD com função injuntiva mantido no texto retextualizado.

A ocorrência (49) é exemplificativa do funcionamento do MD *olha* enquanto elemento mantido após o processo de retextualização.

(49) Entrevista oral	Entrevista retextualizada
C.A.: tem tem o relato de algum de algum choque de algum problema desse tipo que a senhora colocou aqui? M.R.: olha eu eu tenho:: tenho estado com:: nas universidades sempre que eu vou às capitais eu eu procuro visitar as universidades conversar com reitores com professores com os alunos... eh não há nenhuma:: nenhuma::... apresentação dessa situação em larga escala do tipo:: que tenha ampliado confli::to	C.A.: Há relato de algum trote, algum problema do tipo que a senhora está colocando? M.R.: Olha , sempre que vou às capitais procuro visitar as universidades, conversar com reitores, com professores, com os alunos. Não há apresentação dessa situação em larga escala, de ter ampliado o conflito.

(MR, 116, p. 34)

Em (49), o MD *olha* encabeça o início da resposta do entrevistado, que se trata de um prefaciamento, ou seja, não é propriamente a resposta à pergunta realizada pelo entrevistador, mas uma preparação para a resposta. Para casos como esse, Risso (2006) atribui maior peso textual para o MD *olha*. No entanto, acreditamos que nesse uso o MD *olha* tem maior peso interacional, pois não atua na organização do tópico discursivo, como é o caso dos MDs predominantemente textuais descritos nas seções anteriores, mas atua no direcionamento da

interação. A manutenção do MD *olha* no texto retextualizado demonstra a percepção do retextualizador de que o MD é indispensável para a manutenção do sentido prefaciador da fala do entrevistado.

2.1.3. MDs com função *iniciadora*

Em nosso corpus, o MD *bom* assume, no decorrer da interação, a função *iniciadora*. De acordo com Guerra (2007, p. 68) MDs com essa função indicam que o falante “vai iniciar a resposta a uma pergunta ou uma nova parte da interação”. Vejamos na ocorrência (53) o funcionamento de *bom* no texto falado e no retextualizado.

MD	Total de ocorrências
<i>bom</i>	7/7 (100%)
TOTAL	7/84 (8%)

Tab. 19: MD com função iniciadora mantido no texto retextualizado.

(50) Entrevista oral	Entrevista retextualizada
C.A.: que que as pessoas estão entendendo por essa palavra ética e o que que elas entendem por corrupção do governo Lula?	C.A.: O que o senhor acha que as pessoas estão entendendo por essas palavras “ética” e “corrupção” nestas eleições ao julgar o governo Lula?
W.G.S.: ta eh:: bom ... eu acho que eles entendem coisas muito diferentes se você conversar com as pessoas uma entende:: ética ou corrupção é uma coisa outro acha diferente é muito difícil você ter unanimidade em relação a essas questões que são questões abstratas né?	W.G.S.: Bom , acho que entendem coisas muito diferentes, é muito difícil você ter uma unanimidade em relação a essas questões, que são questões abstratas.

(WGS, 115, p. 31)

O MD *bom* com função iniciadora tem funcionamento parecido com o *olha*, de prefaciador de resposta, mas não tem orientação forte para o falante, a orientação do *bom* é para o próprio discurso.

▪ Resumo

Nossa hipótese inicial era a de que os MDs predominantemente interacionais seriam mais suprimidos do que mantidos, em virtude de serem elementos que atuam fortemente na

organização da interação face a face. Essa hipótese é confirmada (como será visto nas seções seguintes), e o resultado de manutenções de MDs predominantemente interacionais pode ser visto na tabela 20 a seguir.

MD/Função	<i>Checking</i>	Injuntiva	Iniciadora	Total de ocorrências
<i>bom</i>	-	-	07	07
<i>não é?</i>	10	-	-	10
<i>né?</i>	34	-	-	34
<i>olha</i>	-	33	-	33
TOTAL	44	33	07	84

Tab. 20: Função exercida pelos MDs predominantemente interacionais mantidos no texto retextualizado.

De acordo com os dados acima, observa-se que a função de *checking* é a que se destaca dentre os MDs predominantemente interacionais mantidos no texto retextualizado, o que se explica pelo fato de dois dos quatro MDs que se enquadram neste caso (*não é?* e *né?*) concentrarem-se nessa função, enquanto os dois outros, *bom* e *olha* dividem-se entre as funções iniciadora e injuntiva, respectivamente. Além disso, cabe observar que os MDs *né?* (34/84) e *olha* (33/84) foram os que mais se mantiveram no texto retextualizado às expensas de *bom* (07/84) e *não é?* (10/84). Esses dados apontam para a tentativa do retextualizador de transferir a situação de produção da entrevista face a face para o texto retextualizado, embora possivelmente reconheça nesses MDs marcas típicas da oralidade.

Na escala a seguir apresentamos a distribuição hierárquica das funções predominantemente interacionais dos MDs mantidos no processo de retextualização.

Quadro 6: Escala hierárquica de função de MDs predominantemente interacionais mantidos no texto retextualizado.

checking > *injuntiva* > *iniciadora*

2.2. MDs suprimidos no processo de retextualização

Os MDs predominantemente interacionais suprimidos foram os mesmos que os mantidos, diferenciando-se apenas na quantidade, como pode ser visto na tabela 21.

MD	Total de ocorrências
<i>bom</i>	6/181 (3%)
<i>não é?</i>	38/181 (21%)
<i>né?</i>	118/181 (66%)
<i>olha</i>	19/181 (10%)
Total	181 (100%)

Tab. 21: Total de MDs predominantemente interacionais suprimidos no texto retextualizado.

Uma vez que os MDs suprimidos são exatamente os mesmos que os mantidos, a opção da manutenção ou supressão advém do papel do retextualizador. É certo que há forte tendência à supressão de MDs predominantemente interacionais no texto retextualizado, uma vez que estão fortemente associados à organização da interação face a face.

No processo de retextualização por que passam as entrevistas, observamos as seguintes situações de interlocução:

Quadro 7: Situações de interlocução no texto oral e no texto retextualizado

Texto oral (uma situação de interlocução)			
<u>situação 1</u> : entrevistador(es) X entrevistado			

Texto retextualizado (duas situações de interlocução)			
<u>situação 1</u> :	entrevistador(es)	X	entrevistado (“reproduzida”)
<u>situação 2</u> :	situação 1	X	leitor

Na situação de interlocução da entrevista oral, há necessidade, por exemplo, de os interlocutores checarem constantemente o desenvolvimento do tópico, fazendo uso de MDs com função de *checking* (como *né?* e *não é?*). Na situação em que a interação face a face é “reproduzida” no texto retextualizado e há a presença do leitor, muitos elementos da interação

oral serão suprimidos, em virtude das transformações que o texto retextualizado sofre, como atenta Marcuschi (2001a) ao elaborar o conjunto de operações retextualizadoras, que são conscientemente postas em prática no processo de retextualização. Assim, como vemos na tabela 21, os MDs predominantemente interacionais mais suprimidos são aqueles que, de alguma forma, são voltados para o interlocutor: *né?* e *não é ?*, que têm por função checar constantemente a atenção do interlocutor para o discurso do locutor, e *olha*, que chama a atenção do interlocutor para o que será dito em seguida. Já o MD predominantemente interacional *bom* é menos suprimido por manter relação mais forte com o próprio discurso e mais fraca com o interlocutor.

Ao compararmos os MDs predominantemente interacionais e os predominantemente textuais, observamos que a quantidade de MDs predominantemente textuais mantidos (525) é superior à de suprimidos (232). Com os MDs predominantemente interacionais, ao contrário, temos mais suprimidos (181) que mantidos (84). Assim, a supressão de MDs predominantemente interacionais é um fato previsível, mesmo porque, após as transformações ocorridas com a retextualização, muitos elementos do contexto situacional da interação face a face são recuperáveis pelo leitor no texto retextualizado.

Nas seções seguintes, apresentamos o comportamento dos MDs predominantemente interacionais suprimidos no processo de retextualização.

2.2.1. MDs com função de *checking*

Os MDs *né?* e *não é?*, com função de *checking*, são os que prevíamos ser mais suprimidos, em virtude de sua forte associação com o texto oral. A tabela 22 traz as ocorrências desses MDs suprimidos.

MD	Total de ocorrências
<i>né?</i>	118/118 (100%)
<i>não é?</i>	38/ 38 (100%)
TOTAL	156/181 (86%)

Tab. 22: MDs com função de *checking* suprimidos no texto retextualizado.

Como se observa, então, na tabela acima, a totalidade de MDs predominantemente interacionais na função de *checking* foi suprimida, pelas razões expostas na introdução dessa subseção. Devemos observar ainda a forte participação desses MDs (86%), na organização da interação face a face, dentre aqueles de caráter interacional que foram suprimidos.

As ocorrências (51) e (52) são exemplos dessa estratégia de supressão dos MDs *né?* e *não é?* no processo de retextualização.

(51) Entrevista oral	Entrevista retextualizada
F.C.G.: nesse caso não era um interesse político era um interesse de Brasília ter controle sobre a coisa porque é uma coisa praticamente melindrosa politicamente falando numa semana de eleição né? C.A.: mas foi ele que vazou a:::: as [F.C.G.: foi foi... ele que vazou as fotos	F.C.G.: Nesse caso era o interesse de Brasília ter o controle sobre a coisa, porque é uma coisa melindrosa, politicamente falando, numa semana de eleição. C.A.: Mas foi ele que vazou as informações? F.C.G.: Foi ele que vazou as fotos.

(FCG, 115, p. 35)

(52) Entrevista oral	Entrevista retextualizada
C.A.: a Conlutas por exemplo seria um exemplo? L.E.: o próprio:: MST... eu acho que tem as suas... extravagân::cias eu acho que... falta um pouco de habilidade política até pra pra fazer o jogo de poder e ter... não é? acu/ acumular fo::rças...	C.A.: A Conlutas seria um exemplo? L.E.: O próprio MST, que tem suas extravagâncias, falta um pouco de habilidade política, até pra fazer o jogo de poder e acumular forças.

(LE, 118, p. 21)

Na situação comunicativa da entrevista retextualizada, a função de *checking*, exercida pelos MDs *né?* e *não é?*, perde a força interacional que tinha no texto oral, não sendo essencial para o entendimento do sentido da proposição. Além disso, esses MDs são os mais comumente associados com a oralidade, principalmente o *né?*, que é a forma mais semanticamente vazia.

2.2.2. MDs com função injuntiva

Na tabela 23, consta a quantidade de MDs *olha* com função injuntiva, suprimidos no processo de retextualização.

MD	Total de ocorrências
<i>olha</i>	19/19 (100%)
TOTAL	19/181 (10%)

Tab. 23: MD com função injuntiva suprimido no texto retextualizado.

Pelos dados da tabela 23, é possível observar que o MD *olha* participa escassamente da classe dos MDs predominantemente interacionais suprimidos (10%). Como já mencionado, é o único com função injuntiva.

O exemplo (53) é significativo do que encontramos no corpus relativo ao modo como o MD *olha* é suprimido no texto retextualizado.

(53)	Entrevista oral	Entrevista retextualizada
	C.A.: e as pessoas que estão nessa situação devem optar pelo que a senhora acha?	C.A.: E as pessoas que estão nessa mesma situação devem optar pelo que, a senhora acha?
	L.E.: olha eu acho que a gente tem que construir aquele novo ciclo histórico social	L.E: Acho que temos que construir aquele novo ciclo histórico social.

(LE, 118, p. 22)

O MD *olha* por ter aspecto de injunção voltada para o interlocutor, é muitas vezes suprimido em virtude das transformações que o texto retextualizado sofre visando à idealização lingüística, tal como prevê Marcuschi (2001). Assim é que sua ausência no texto retextualizado não causa alteração no sentido do texto, apenas abranda a explicitação de uma interação face a face.

2.2.3. MDs com função iniciadora

Na tabela abaixo, segue a quantidade de MDs *bom* com função iniciadora, suprimidos do texto retextualizado.

MD	Total de ocorrências
<i>bom</i>	6/6 (100%)
TOTAL	6/181 (3%)

Tab. 24: MD com função iniciadora suprimido no texto retextualizado.

Também é fraca a participação de *bom* na classe dos MDs predominantemente interacionais suprimidos (3%), quando comparada aos outros MDs. A ocorrência em (54) é um exemplo de como ocorre a supressão desse MD no texto retextualizado.

(54)	Entrevista oral	Entrevista retextualizada
	N.F.: falei para o Saulo “com você eh todos já sabendo a sua opinião?... num num num tem sentido uma coisa dessa... né? é a mesma coisa que se eu pusesse em votação um assunto lá com os meus diretores... e todos eles saberem qual é minha opinião”... C.A.: então a decisão qual foi afinal? N.F.: bom aí chegou eh um ponto da reunião em que eu vi que eu não ia conseguir reverter essa situação aí eu falei “eu não tenho condições... de tocar isto sem um apoio de vocês... tudo que foi falado que nós teríamos que fazer é im-pres-cin-dí-vel que vocês estejam conosco...”	N.F.: Falei para o Saulo: “Com todos sabendo a sua opinião? Não tem sentido uma coisa dessas. É a mesma coisa que eu pusesse uma votação com os meus diretores e todos eles sabendo a minha opinião”. Ø Aí chegou a um ponto que vi que não ia conseguir reverter a situação, então falei: “Olha, não tenho condições de tocar o que teríamos de fazer sem que vocês estejam conosco.”

(NF, 113, p. 38)

Os casos de *bom* predominantemente interacionais eliminados no texto retextualizado, encontrados no corpus, estão associados às alterações promovidas pelo retextualizador na passagem do texto oral para o retextualizado. Na ocorrência (54), por exemplo, é eliminada do texto retextualizado a intervenção que, no texto oral, antecede imediatamente o uso de *bom* no turno do entrevistado, o que justifica o desaparecimento do MD.

▪ Resumo

Nossa hipótese de que os MDs predominantemente interacionais seriam mais suprimidos que mantidos confirmou-se, como observamos nos dados da tabela 25.

MD/Função	<i>Checking</i>	Injuntiva	Iniciadora	Total de ocorrências
<i>bom</i>	-	-	06	06
<i>não é?</i>	38	-	-	38
<i>né?</i>	118	-	-	118
<i>olha</i>	-	19	-	19
TOTAL	156	19	06	181

Tab. 25: Função exercida pelos MDs predominantemente interacionais suprimidos no texto retextualizado.

O total de MDs predominantemente interacionais suprimidos (181) é bastante superior ao de mantidos (84), o que aponta para uma maior associação, por parte do retextualizador, desses MDs com a situação de interação face a face. O MD *né?* (118/181) é o mais suprimido, em virtude de ser a forma mais semanticamente vazia. Já o MD *bom* (6/181) sofre pouca supressão, uma vez que, em sua função iniciadora, associa-se mais ao próprio discurso do que aos interlocutores. Assim, é possível que o retextualizador não identifique o MD *bom* tão fortemente com a situação de interlocução face a face, como o faz no caso de *né?*, *não é?* e *olha*.

Por fim, o quadro seguinte apresenta a escala hierárquica das funções predominantemente interacionais para os MDs suprimidos no processo de retextualização:

Quadro 8: Escala hierárquica de função de MDs predominantemente interacionais suprimidos no texto retextualizado.

<i>checking</i> > <i>injuntiva</i> > <i>iniciadora</i>
--

Considerações finais

Ao longo da pesquisa realizada, procuramos analisar o comportamento dos MDs no processo de retextualização de entrevistas jornalísticas publicadas na revista *Caros Amigos*. Tais entrevistas passaram de um texto oral, produzido em uma situação comunicativa face a face, para um texto escrito, veiculado, pela revista, no formato de entrevista. Nessa passagem, pode ser observada a manifestação de diversos fenômenos lingüísticos, dentre os quais, os MDs, elementos para os quais nossa atenção se voltou, em vista de serem eles estudados mais comumente em contextos de língua falada e muito escassamente em contextos de escrita.

Nossa análise é guiada pela perspectiva textual-interativa, que concebe a linguagem como forma de ação entre ao menos dois indivíduos, em um contexto específico de interação verbal. Essa perspectiva funda-se no *princípio da gradiência*, que prevê a conjugação das funções textual-interativas nos processos de formulação textual, e não qualquer dicotomização delas. Desse modo, fala-se em predominância de focalização, ou da informação ou da interação, mas não em exclusão de uma ou outra. Portanto, a perspectiva textual-interativa estabelece que as classes de análise não podem ser consideradas discretas, mas fluidas, já que os limites entre as categorias são dependentes das configurações discursivas. Em virtude dessas afirmações, falamos em MDs predominantemente textuais e MDs predominantemente interacionais. Desse modo, procuramos encontrar padrões de comportamento dos MDs que projetam as funções predominantemente textuais de *introdução de tópico*, *seqüenciamento tópico*, *retomada tópica* ou *fechamento tópico* ou predominantemente interacionais *injuntiva*, *iniciadora* e *checking*.

Com relação ao comportamento dos MDs frente às estratégias empregadas do processo de retextualização – manutenção, supressão, substituição ou inserção – foi possível confirmar a nossa hipótese de que no texto retextualizado MDs predominantemente textuais são alvos mais freqüentes de manutenção do que os predominantemente interacionais, uma

vez que esses MDs são elementos que atuam fortemente na organização da interação face a face, enquanto aqueles direcionam-se mais fortemente para a organização do texto escrito. O que é possível afirmar é que esse comportamento deve-se às operações conscientes por parte do retextualizador (MARCUSCHI, 2001a), que identifica MDs mais típicos da oralidade e MDs que transitam entre o oral e o escrito.

Os MDs predominantemente textuais mantidos no processo de retextualização foram os que mais se destacaram, uma vez que ocorrem em número superior ao de suprimidos. Ao longo da análise, atentamos tanto para a especialização de função exercida por cada um dos MDs, quanto para o MD mais prototípico para cada uma das funções.

Observamos que nem todos os MDs mantidos participam de todas as funções predominantemente textuais, mas quando alvo de manutenção, eles preservam a função que originalmente exerciam na interação face a face. Há, por um lado, MDs de caráter multifuncional, como é o caso de *agora*, *e*, *então* e *mas*, e, de outro, MD com função única, como *bom* e *quer dizer*. Entre esses extremos, encontram-se os MDs *aí* e *e aí*, que ocorrem apenas em duas funções diferentes.

Dentre os MDs com número maior de funções, *e* e *agora* cumprem as funções de *introdução*, *seqüenciamento* e *retomada de tópico*, enquanto *então* e *mas* cumprem as funções de *seqüenciamento*, *retomada* e *fechamento de tópico*. Os MDs *aí* e *e aí* são menos atuantes na *retomada de tópico* e mais no *seqüenciamento de tópico*, função única que também se destaca para o MD *quer dizer*. O quadro 9 a seguir sintetiza esses resultados.

Quadro 09: Síntese das funções exercidas pelos MDs predominantemente textuais mantidos no texto retextualizado.

MD	Função	seqüenciamento de tópico	retomada de tópico	introdução de tópico	fechamento de tópico
<i>quer dizer</i>		+			
<i>e aí</i>		+	+		
<i>aí</i>		+		+	
<i>e</i>		+	+	+	
<i>agora</i>		+	+	+	
<i>então</i>		+	+		+
<i>mas</i>		+	+		+

O que se observa, então, é que a função de *seqüenciamento tópico* é a que mais se sobressai para os MDs predominantemente textuais mantidos no processo de retextualização, enquanto a de *introdução* e *fechamento de tópico* são as funções menos freqüentes para essa mesma classe de MDs.

Com relação à especialidade de cada um dos MDs, constatamos que os elementos agrupam-se em dois blocos: o primeiro engloba os MDs especializados na função de *seqüenciamento tópico*, como é o caso de *agora*, *aí*, *e*, *e aí*, *mas* e *quer dizer*, e o segundo, especializado na função de *retomada de tópico*, como é o caso de *bom* e de *então*.

Para os MDs predominantemente textuais suprimidos, constatamos que a grande motivação para a supressão de MDs é a modificação sofrida pelo contexto de ocorrência do MD. Tais modificações são previsíveis quando se trata de processo de retextualização, já que a passagem de um texto da modalidade oral para a modalidade escrita prevê operações de regularização e idealização lingüística e operações de transformação de conteúdo. Muitas vezes, quando a proposição em que o MD se encontra no texto oral é modificada, perde-se a razão de mantê-lo no texto escrito. Assim, dentre os quatro comportamentos encontrados, a manutenção, a supressão, a inserção e a substituição de MDs, a supressão é a mais previsível.

A função que mais se destaca entre os MDs predominantemente textuais suprimidos é a de *sequenciamento tópico*, e as menos freqüentes são as de *introdução* e de *fechamento tópico*, tal como verificado para o comportamento dos MDs predominantemente textuais

mantidos no processo de retextualização, com a diferença de que um número sutilmente maior de MDs são atingidos por essa estratégia, como se pode observar no quadro 10 abaixo.

Quadro 10: Síntese das funções exercidas pelos MDs predominantemente textuais suprimidos no texto retextualizado.

MD	Função	Seqüenciamento de tópico	Retomada de tópico	Introdução de tópico	Fechamento de tópico
<i>e</i>		+	+	+	+
<i>agora</i>		+	+	+	
<i>então</i>		+	+		+
<i>aí</i>		+	+		
<i>bom</i>		+	+		
<i>e aí</i>		+	+		
<i>mas</i>		+	+		
<i>olha</i>		+			
<i>quer dizer</i>		+			

Desse modo, a escala abaixo reproduz a hierarquização das funções textuais exercidas tanto pelos MDs predominantemente textuais mantidos quanto pelos suprimidos no processo de retextualização.

Quadro 11: Escala hierárquica de função de MDs predominantemente textuais mantidos e suprimidos no texto retextualizado.

seqüenciamento de tópico > retomada de tópico > introdução de tópico > fechamento de tópico

Por essa escala deve-se entender que, se no processo de retextualização, um MD for mantido ou suprimido, a estratégia atingirá primeiramente aqueles que exercem a função de *seqüenciamento tópico* e por último os que exercem a função de *fechamento tópico*.

Com relação aos MDs predominantemente interacionais, a susceptibilidade à supressão é maior do que à manutenção, como previa nossa hipótese, mas encontramos, de todo modo, MDs predominantemente interacionais mantidos, como mostra o quadro 12.

Quadro 12: Síntese das funções exercidas pelos MDs predominantemente interacionais mantidos no texto retextualizado.

MD/Função	<i>Checking</i>	Injuntiva	Iniciadora
<i>não é?</i>	+		
<i>né?</i>	+		
<i>olha</i>		+	
<i>bom</i>			+

A função de *checking* é a que se destaca dentre os MDs predominantemente interacionais mantidos no texto retextualizado, o que se explica pelo fato de dois dos quatro MDs que se enquadram neste caso (*não é?* e *né?*) concentrarem-se nessa função, enquanto os dois outros, *bom* e *olha* dividem-se entre as funções iniciadora e injuntiva, respectivamente.

Associamos a manutenção desses MDs com a tentativa do retextualizador de transferir a situação de produção da entrevista face a face para o texto retextualizado, embora possivelmente reconheça nesses MDs marcas típicas da oralidade, uma vez que o total de MDs predominantemente interacionais suprimidos é bastante superior ao de mantidos. O fato de o MD *né?* ser o mais suprimido explica-se pelo seu status de forma mais semanticamente vazia do que *não é*, por exemplo.

A supressão de MDs predominantemente interacionais ocorre em número bastante superior ao de manutenção. Esse fato aponta para uma maior associação, por parte do retextualizador, dos MDs predominantemente interacionais com a situação de interação face a face. O quadro 13 sintetiza as funções desses MDs suprimidos no texto retextualizado.

Quadro 13: Síntese das funções exercidas pelos MDs predominantemente interacionais suprimidos no texto retextualizado.

MD/Função	<i>Checking</i>	Injuntiva	Iniciadora
<i>não é?</i>	+		
<i>né?</i>	+		
<i>olha</i>		+	
<i>bom</i>			+

O quadro 14 a seguir demonstra a relação hierárquica entre as funções encontradas para os MDs predominantemente interacionais, tanto mantidos como suprimidos no processo de retextualização:

Quadro 14: Escala hierárquica de funções dos MDs predominantemente interacionais mantidos e suprimidos no texto retextualizado.

<i>checking > injuntiva > iniciadora</i>
--

Com o trabalho que realizamos até aqui não pretendemos ter chegado a uma resposta definitiva para o comportamento dos MDs no processo de retextualização de entrevistas, mas pretendemos ter oferecido uma descrição que contribui para o melhor entendimento tanto da atuação de MDs quanto do processo de retextualização. Muito ainda pode ser feito com relação aos assuntos aqui tratados, tendo em vista a amplitude que se quer alcançar nos trabalhos sobre o processo de retextualização. Por exemplo, é nossa pretensão, em trabalho futuro, voltar aos dados para, sob a mesma ótica dos resultados a que aqui chegamos, tratar dos casos de MDs que ocorrem na interação face a face e que são substituídos por outro MD no texto retextualizado e, ainda, de MDs que ocorrem no texto retextualizado apenas como estratégia do retextualizador.

Referências bibliográficas

ALVES, V. C. S. F. Retextualização do depoimento judicial oral em texto escrito. *Veredas*, v. 9, n. 1 e n. 2, p. 29-54, 2005.

BARROS, D. L. P. Entrevista: texto e conversação. In: SEMINÁRIO DO GRUPO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS DO ESTADO DE SÃO PAULO, 38, 1990, Bauru. *Anais 20...* Franca: UNIFRAN, 1991, p. 254-261.

_____. Entre a fala e a escrita: algumas reflexões sobre as posições intermediárias. In: PRETI, D. (Org.). *Fala e escrita em questão*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2000. p. 57-77.

CAMACHO, R. G. Estruturas coordenadas aditivas. In : NEVES, M.H.M. (Org.). *Gramática do português falado 7: Novos Estudos*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1999, p. 351-405.

CAROS AMIGOS, ano XII número 133, abril de 2008.

CORTELAZZO, M. A. Dal parlato al (tra)scritto: i resoconti stenografici dei discorsi parlamentari. In: HOLTUS, G.; RADTKE, E. (Hersg.). *Gesprochenes Italiennisch in Geschichte und Gegenwart*. Tübingen, Norr, 1985, p. 87-117.

DECAT, M. B. N. Oralidade e escrita: a articulação de cláusulas no processo de retextualização em português. *Veredas*, v. 6, n. 2, 2002, p. 161-179.

FÁVERO, L. L. A entrevista na fala e na escrita. In: PRETI, D. (Org.). *Fala e escrita em questão*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2000. p. 79-97.

FRASER, B. An Approach to Discourse Markers. *Journal of pragmatics*, n. 14, 1990, p. 383-395.

_____. What are Discourse Markers? *Journal of Pragmatics*, v. 31, 1999, p. 931-952.

_____. Towards a Theory of Discourse Markers. In: FISCHER, K. (ed.). *Approaches to Discourse Particles*. Amsterdam: Elsevier, 2006, p. 189-204.

GOMES, I. M. A. M. *Dos laboratórios aos jornais: um estudo sobre jornalismo científico*. Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação. Recife, 1995.

GUERRA, A. R. *Funções textual-interativas dos marcadores discursivos*. Dissertação de mestrado, Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas. São José do Rio Preto, 2007.

HILGERT, J.G. Parafraseamento. In: JUBRAN, C. C. A. S.; KOCH, I. G. V. (Org.). *Gramática do português culto falado no Brasil I: Construção do texto falado*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2006, p. 275-299.

HOFFNAGEL, J.C. Entrevista: uma conversa controlada. In: DIONISIO, A.P. *et al.* (Org.). *Gêneros textuais & ensino*. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002, p. 180-193.

JÖNSSON, L.; LINELL, P. Story Generations: From Dialogical Interviews to Written Reports in Police Interrogations. *Text*, n. 3, 1991, p. 419-440.

JUBRAN, C. C. A. S.; KOCH, I. G. V. (Org.). *Gramática do português culto falado no Brasil I: Construção do texto falado*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2006a.

_____. Revisitando a noção de tópico discursivo. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, n. 48 (1), p. 33-41, 2006b.

_____. Uma gramática textual de orientação interacional. In: CASTILHO, A. T. *et al.*; (Org.). *Descrição, história e aquisição do Português Brasileiro: estudos dedicados a Mary Aizawa Kato*. São Paulo: FAPESP, Campinas: Pontes Editores, 2007, p. 313-327.

KLEIMAN, A. B.; MATENCIO, M. L. M. *Letramento e formação: práticas discursivas, representação e construções do saber*. Campinas: Mercado de Letras, 2005.

LOPES-DAMASIO, L. R. *A emergência do marcador discursivo “assim” sob a ótica da gramaticalização: um caso de multifuncionalidade e (inter)subjetivização*. Dissertação de mestrado, Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas. São José do Rio Preto, 2008.

MARCUSCHI, L. A. *Análise da conversação*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1997.

_____. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2001a.

_____. Letramento e oralidade no contexto das práticas sociais e eventos comunicativos. In: SIGNORINI, I. *et al.* (Org.). *Investigando a relação oral/escrito e as teorias do letramento*. São Paulo: Mercado de Letras, 2001b.

_____. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONISIO, A.P. *et al.* (Org.). *Gêneros textuais & ensino*. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002, p. 19-36.

MARCUSCHI, L.A.; XAVIER, A. C. (Org.). *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido*. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.

MARTELOTTA, M. Operadores argumentativos e marcadores discursivos. In: MARTELOTTA, M. *et al.* (orgs.). *Gramaticalização*. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras da UFRJ, 2004, p. 82-136.

PENHABEL, E. Sobre as funções dos Marcadores Discursivos. *Estudos lingüísticos*, n. 34, 2005a, p. 1296-1301.

PENHABEL, E. *Multifuncionalidade e níveis de análise: o papel do conectivo e na organização do discurso*. Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas. São José do Rio Preto, 2005b.

ROSA, C. *Do oral para o escrito: trajetória de uma retextualização coletiva*. Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2000.

RISSO, M. S. Aspectos textuais-interativos dos marcadores discursivos de abertura *bom, bem, olha, ah*, no português culto falado. In : NEVES, M.H.M. (Org.). *Gramática do português falado 7: Novos Estudos*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1999, p. 259-296.

_____. Marcadores discursivos basicamente seqüenciadores. In: JUBRAN, C. C. A. S.; KOCH, I. G. V. (Org.). *Gramática do português culto falado no Brasil I: Construção do texto falado*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2006, p. 427-496.

RISSO, M. S. *et al.* Marcadores discursivos: traços definidores. In: KOCH, I. G. V. (Org.). *Gramática do português falado 6: Desenvolvimentos*. Campinas: Editora da UNICAMP/FAPESP, 1996, p. 21-94.

_____. Traços definidores dos marcadores discursivos. In: JUBRAN, C. C. A. S.; KOCH, I. G. V. (Org.). *Gramática do português culto falado no Brasil I: Construção do texto falado*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2006, p. 403-425.

SCHIFFRIN, D. *Discourse Markers*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

TABOADA, M. Discourse Markers as Signals (or not) of Rhetorical Relations. *Journal of Pragmatics*. n. 38, 2006, p. 567-592,.

URBANO, H. Aspectos basicamente interacionais dos marcadores discursivos. In: NEVES, M.H.M. (Org.). *Gramática do português falado 7: Novos Estudos*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1999, p. 195-258.

_____. Marcadores discursivos basicamente interacionais. In: JUBRAN, C. C. A. S.; KOCH, I. G. V. (Org.). *Gramática do português culto falado no Brasil I: Construção do texto falado*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2006, p. 497-527.

REVISTAS QUE COMPÕEM O CÓRPUS

Caros Amigos, ano IX número 104, novembro de 2005.

Caros Amigos, ano X número 110, maio de 2006.

Caros Amigos, ano X número 112, julho de 2006.

Caros Amigos, ano X, número 113, agosto de 2006.

Caros Amigos, ano X número 114, setembro de 2006.

Caros Amigos, ano X número 115, outubro de 2006.

Caros Amigos, ano X número 115, outubro de 2006.

Caros Amigos, ano X número 116, novembro de 2006.

Caros Amigos, ano XI número 118, janeiro de 2007.

Caros Amigos, ano XI número 122, maio de 2007.